UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação
Faculdade de Educação

Dissertação

A escola normal em Canguçu:
itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970)

Patrícia Silveira Zaneti

Pelotas, 2012

PATRÍCIA SILVEIRA ZANETI

A escola normal em Canguçu:

itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Arriada

Pelotas, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881

Z28e Zaneti, Patrícia Silveira

A escola Normal em Canguçu: itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970) / Patrícia Silveira Zaneti; Orientador: Eduardo Arriada. – Pelotas, 2013.

190f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Escola normal. 2. Formação de professores. 3. Instituições franciscanas. I. Arriada, Eduardo, orient. II. Título.

CDD 370

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Eduardo Arriada (UFPel)

.....
Profª. Drª. Giana Lange do Amaral (UAB/UFPel)

.....
Profª. Drª. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin (UNISINOS)

A comunidade canguçuense.

Agradecimentos

Gostaria de registrar os meus mais sinceros agradecimentos a quem esteve ao meu lado no decorrer da vida, da caminhada profissional e da trajetória de pesquisa.

Aos meus pais, Ruben e Claudete, meus irmãos, cunhada, sou extremamente grata a eles por tudo o que fizeram por mim no transcorrer dos anos. Pietro e Paula, meus filhos, que tão pacientes foram parceiros e aguardaram a conclusão deste trabalho, entendendo a minha ausência em muitos momentos.

Igualmente grata sou ao Prof. Dr. Eduardo Arriada pela importância do mesmo no caminhar desta investigação e na minha inserção no vasto mundo da pesquisa em História da Educação. Contar com sua presença, ao meu lado, ao longo deste período foi fundamental. Tenho a absoluta certeza que jamais conseguiria prosseguir, no decorrer desta investigação, sem seu apoio, sua amizade, sua orientação precisa e rigorosa. Muito obrigado por tudo o que fez por mim e meu profundo reconhecimento pelo grande mestre que é.

As Prof^{as}. Dr^{as}. Giana Lange do Amaral e Luciane Sgarbi Santos Grazziotin, agradeço por suas participações e relevantes contribuições na banca de qualificação do projeto de pesquisa e na de defesa da dissertação, por suas sempre precisas sugestões oferecidas à pesquisa.

Agradeço também aos Profs. Gomercindo Ghiggi, Lino Hack, Elomar Tambara, Magda Floriana Damiani e Fernando Kieling por terem, de inúmeras formas, contribuído para minha formação como educadora e pesquisadora. Aos professores e colegas do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas, meu agradecimento pelos conhecimentos construídos.

A direção, irmãs e funcionários do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida pela atenção dispensada com as solicitações de fontes de pesquisa, de igual forma agradeço à Profª. Laedi Bachini Bosembcker, às normalistas Luiza Helena Moreira, Lucia Moreira, Beatriz Joana Zaneti da Rosa, Maria Helena Campos da Silveira e Maria da Graça Silveira pelo tempo dispensando nas entrevistas, bem como fornecimento de materiais que enriqueceram esta pesquisa.

De forma particular, minha gratidão à professora Evony Prestes dos Santos, que por inúmeras vezes me recebeu, fornecendo materiais além de promover a aproximação com a Irmã Alícia Braun, diretora da escola da época pesquisada.

Minha diretora, professora Maria Ivonete da Silva Tessmann pelo apoio, incentivo e confiança na realização deste trabalho.

Colegas e amigos, de forma especial: José Luiz Cunha, Silvia Barreto, Adriana Arriada, Dirlei Azambuja, Patrícia Bierhals, Julia Coelho Quintana, Patrícia Tarouco, Márcia Zaneti Ribeiro valeu pela parceria, conversas, confiança, com certeza ajudaram a aliviar a andança. Muito obrigado!

Educação, instituição, história da educação são [...] instâncias epistêmicas, substantivas, metodológicas e de investigação-ação, cuja representação, nos planos material e simbólico, e abordagem científica desafiam a uma multidimensionalidade e a uma mutifatorialidade, nos quadros sincrônico e diacrônico. [...] Na sua evolução, como na sua conservação e consolidação, a dinâmica institucional traduz-se num constructo em que se entretecem a educação (como atualização científica, axiológica, tecnológica, de cidadania, de humanidade e subjetivação), a história (como discurso pleno, integrativo, evolutivo) e a instituição (como enquadramento, referente, metaeducação, estrutura de ação e de institucionalização). Tecernexos entre essas instâncias é torná-las inteligíveis, racionais, significativas, projetivas

(MAGALHÃES, 2004, p.168-9)

Resumo

ZANETI, Patrícia Silveira. **A escola normal de Canguçu:** itinerário da primeira turma de formandas (1965-1970). 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O estudo tem como foco a primeira turma do Curso Normal de Canguçu, da Escola Franciscana Nossa Senhora Aparecida tendo como recorte temporal o período de 1965 a 1970, contexto em que ocorre a implantação do curso e formatura da turma. Começamos por uma contextualização do município de Canguçu apresentando a realidade educacional no período de análise. Seguindo por um retrospecto das instituições franciscanas até a chegada da ordem no município, enfatizando as condições em que se deu a instalação do curso normal. Apresentamos quem eram as alunas, bem como os primeiros profissionais que fizeram parte desta formação. Analisamos o papel das matrículas das alunas, o currículo, o regimento, práticas intra e extramuros, passando pelo estágio e chegando ao dia da formatura. A turma representou um marco na educação do município e região, visto que foi a primeira escola de formação de professores no município, mantendo suas atividades até os dias de hoje, seguindo os ideais franciscanos. Para a realização deste trabalho utilizamos pesquisa documental e história oral na tentativa de presentificar o passado ausente, buscando tecer os nexos, cruzando os fios de várias fontes, tramando a história da educação que ora apresentamos. Portanto a pesquisa constitui-se num importante marco na educação de Canguçu, sendo que esta primeira turma descortina a mudança na profissionalização do professor, elevando a qualidade do trabalho nas escolas.

Palavras-chave: Escola normal. Formação de professores. Instituições franciscanas.

Abstract

ZANETI, Patrícia Silveira. **The normal school of Canguçu:** itinerary of the first group of trainees (1965-1970). 2012. 190 f. Dissertation (Master's degree) - Program of Postgraduation in Education - College of Education - Federal University of Pelotas, Pelotas.

The study has as focus the first group of the Normal Course of Canguçu, of the Franciscan School Ours Mrs. Aparecida tends as temporary cutting the period from 1965 to 1970, context in that happens the implantation of the course and graduation of the group. We started by a contextualization of the municipality of Canguçu presenting the educational reality in the period of analysis. Following by a retrospect of Franciscan institutions until the arrival of the order in the city, emphasizing the conditions in which the installation of the normal course. We who were the students, as well as the first professionals who took part in this training. We analyzed the role of the enrolment of students, the curriculum, the rules, practice intra and walls, passing by the probationary and reaching to the day of graduation. The class was a milestone in the education of the municipality and the region, since that was the first teacher-training school in the city, while maintaining its activities until today, following ideals Franciscans. For this work we use documentary research and oral history in an attempt to presentificar the past absent, trying to weave the nexus, crossing the wires of various sources, up the history of education that we have now. Therefore the research is an important milestone in the education of Canguçu, being that this first class vanishes the change in the professionalization of the professor, raising the quality of the work in schools.

Key words: Normal school. Teachers' formation. Franciscan institutions.

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Sul 23

Figura 2 - Mapa do município de Canguçu 23

Figura 3 - Primeiro prédio da escola 35

Figura 4 - Turma do 4º e 5º ano primário 36

Figura 5 - Construção do novo prédio 37

Figura 6 - Turma de normalistas- A 46

Figura 7 - Turma de normalistas- B 47

Figura 8 - Alunas da Coxilha dos Campos 50

Figura 9 - Normalistas no pátio da escola 51

Figura 10 - Livro de Filosofia 61

Figura 11 - Livro de História da Educação 61

Figura 12 - Lembrança de participação em Congresso 63

Figura 13 - Livro de Filosofia de Amaral Fontoura 63

Figura 14 - Imagem da contra-capa do livro de Amaral Fontoura 63

Figura 15 - Livro Professora Moderna 65

Figura 16 - Normalista Marlene Barbosa Coelho 74

Figura 17 - Aula de técnicas agrícolas 76

Figura 18 - Exposição de trabalhos 77

Figura 19 - Capa de apostila de técnicas agrícolas 79

Figura 20 - Conteúdo sobre árvores frutíferas 79

Figura 21 - Capa de apostila do Rio Grande do Sul 79

Figura 22- Apostila- Geografia no Rio Grande do Sul 79

Figura 23 - Apostila Cidades principais 80

Figura 24 - Mostra da confecção de fantoches 80

Figura 25 - Time campeão dos jogos de NILCOM 82

Figura 26 - Bandeira do Curso Normal 85

Figura 27 - Jogral sobre a Revolução Farroupilha 87

Figura 28 - Desfile de reinauguração da Igreja Matriz 87

Figura 29 - Encontro de normalistas em São Lourenço do Sul 90

Figura 30 - Caminhão que transportou as normalistas na aula-passeio 91

Figura 31 - Turma no Cerro da Cavalhada - 4º distrito de Canguçu 91

Figura 32 - Livro de pesquisa sobre Canguçu 94

Figura 33 - Página com agradecimento a Marlene Coelho 94

Figura 34 - Estágio da normalista Beatriz 99

Figura 35 - Página do diário de planejamento 103

Figura 36 - Plano de aula da normalista Beatriz 103

Figura 37 - Assinatura de supervisão de estágio 104

Figura 38 - Estagiárias na sala de primeiros socorros 106

Figura 39 - Professora Evony nas dependências da biblioteca 109

Figura 40 - Estagiária Lucia Moreira no pátio com os alunos 110

Figura 41 - Confraternização de encerramento de ano-turma A 111

Figura 42 - Formatura - chegada dos alunos no salão nobre do Clube Harmonia para cerimônia 113

Figura 43 - Formandos cantando o hino nacional 114

Figura 44 - Aluna Beatriz Zaneti da Rosa recebendo o certificado 115

Figura 45 - Paraninfa da turma- professora Evony Prestes dos Santos 116

Figura 46 - Quadro de formandos 121

Figura 47 - Diretora Alícia Braun e professora Evony Prestes dos Santos 121

Lista de Quadros

Quadro 1 - Ano letivo de 1933 27

Quadro 2 - Autorização de funcionamento de curso 45

Quadro 3 - Disciplinas Ano de 1966 54

Quadro 4 - Disciplinas Ano de 1967 57

Quadro 5 - Disciplinas Ano de 1968 58

Sumário

Introdução.....13

1 Canguçu: Aspectos Gerais de sua Formação.....23
1.1 Primórdios de sua Formação.....24
1.2 Aspectos Educacionais.....26

2 História da Ordem Franciscana.....30
2.1 As Irmãs Franciscanas no Brasil.....30
2.2 O Colégio das Irmãs em Canguçu.....35

3 Curso Normal.....40
3.1 Condições de Ingresso.....45
3.2 Conhecendo as Normalistas.....46

4 Currículo e Regimento Escolar.....52
4.1Quadro Comparativo das Disciplinas.....53
4.2 Regimento Escolar.....59

5 Práticas Escolares.....71
5.1 Olhando para dentro do Muro da Escola.....73
5.1.1 O Grêmio Estudantil.....74
5.1.2 Aulas de Técnicas Agrícolas.....75
5.1.3 Religiosidade.....76
5.1.4 Confecção de Material Didático.....77
5.1.5 Aprendendo a Planejar Aula.....81
5.1.6 Jogos NILCON.....82
5.2 Atividades Extramuros da Escola.....82
5.3 A Elaboração da Pesquisa.....92
5.4 O Momento do Estágio.....97
5.5 Despedida da Turma.....110
5.6 Formatura.....111

Considerações Finais.....124

Referências.....130

Anexos.....137

Introdução

O objetivo principal deste trabalho é realizar um estudo sobre a primeira turma do curso normal de Canguçu, para tanto se faz necessário arrolar como esta história começou.

Em uma sala de aula, em 1962, quando o professor o Antonio Morales de Moura da turma de admissão ao ginásio, no Grupo Escolar Maria Moraes Medeiros[1] realizou a chamada e dois jovens Ruben Pedro Zaneti e Claudete Pôssas da Silveira encantam-se e surgiu um amor que dura até os dias de hoje. Em 1970 nasceu a filha primogênita do casal Patrícia Silveira Zaneti, que realizou o ensino fundamental nesta mesma escola. No ensino médio decide fazer o curso normal na Escola Franciscana Nossa Senhora Aparecida, ingressando no ano de 1985. Neste espaço escolar muitas vivências, muitos aprendizados se passaram e a preparação para o caminho que seguiria na vida profissional. Hoje é Pietro Zaneti Ceron, filho de Patrícia que segue no curso normal.

Este curso, portanto, faz parte de nossa história pessoal e a curiosidade de responder às perguntas: como teve início este trabalho em Canguçu? Quem foram as primeiras normalistas? Que práticas educativas marcaram o curso? Quais foram os primeiros professores? Enfim, curiosidades que fizeram nascer a pesquisa que apresentaremos.

Portanto, a primeira turma do Curso Normal de Canguçu é o foco desta pesquisa de dissertação na linha de Filosofia e História da Educação, tendo como recorte temporal o período de 1965 a 1970, período este que se dá a implantação do curso e formatura da turma. A busca pelo curso começa anteriormente, mas efetiva-se em 1965 e em 12 de junho de 1969 a escola recebe a visita da Srª. Lucinda Lorenzoni - Diretora de Divisão do Ensino Particular e a Srª. Josephina Durigon - Chefe do Serviço de Autorização e Reconhecimento de Escolas Particulares, realizando a inspeção para o reconhecimento da escola normal.

A escola, fundada em 1933, mantém suas atividades até os dias de hoje, sendo que desde 1966 dispõe o curso normal. Desde então houve alterações de nomes da instituição, adequando-se os cursos oferecidos. Iniciou chamando-se Escola Nossa Senhora Aparecida, quando oferece o curso ginasial em 1954 - Ginásio Nossa Senhora Aparecida, em 1966, Escola Normal Nossa Senhora Aparecida e hoje Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida. Desde sua instalação no município

[1] Escola localizada na Coxilha dos Campos, primeiro distrito de Canguçu, distante 12 km da zona urbana.

mantém suas atividades no mesmo endereço, sendo um referencial na cidade. Houve novos empreendimentos na estrutura no decorrer dos anos para melhor atendimento aos alunos e comunidade escolar. Popularmente, é chamado de “Colégio das Irmãs” ou “Aparecida”.

No livro “História e História da Educação”, Saviani (2006) apresenta uma contextualização histórica da própria ciência História. Em sua construção, o autor demonstra que esta ciência como tal, só se põe como um problema, uma questão e ordem explicativa para os homens, a partir da época moderna; somente quando surgem as necessidades de compreender as transformações que ocorreram e estavam se processando no tempo.

> Enquanto os homens garantiam a própria existência no âmbito de condições dominantemente naturais, relacionando-se com a natureza através da categoria da ‘providência’, [...] não se punha a necessidade de se compreender a razão, o sentido e a finalidade das transformações que se processam no tempo (SAVIANI, 2006, p.7).

Após este momento e a partir de então, a História “ascende” e não somente como uma questão de ordem prática, mas também teoricamente: dar significado às transformações empreendidas pela humanidade. “O homem, além de um ser histórico, busca agora apropriar-se da sua historicidade. Além de fazer História, aspira a se tornar consciente dessa sua identidade” (SAVIANI, 2006, p. 8).

A história da educação vem sendo foco de pesquisadores. Dentro dos estudos desenvolvidos, diversos trabalhos demonstram a importância que os cursos de formação de professores têm em municípios pequenos. Ao pesquisar a Escola Normal de Canguçu, pretende-se mostrar o papel relevante desempenhado por esta escola na sociedade, pois se caracteriza como a primeira entidade formadora de profissionais da área da educação no município de Canguçu, no estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa pretende analisar atividades realizadas pela primeira turma de normalistas, trazendo suas interações com a sociedade e a importância destas normalistas na educação municipal. Magalhães escreve que:

> A abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições educativas constitui um domínio de conhecimento historiográfico em renovação no quadro da História da Educação. Uma renovação em que novas formas de questionar-se cruzam com o alargamento das problemáticas e com uma sensibilidade acrescida à diversidade dos contextos e à especificidade dos modelos e práticas educativas, uma abordagem que permita a construção de um processo histórico que confira uma identidade às instituições educativas (MAGALHÃES, 1996, p.1).

De acordo com autor, ressaltamos que esta instituição representou uma nova etapa na educação e na cultura do município, devendo assim ser conhecida e reconhecida, esteve e está vinculada ao desenvolvimento do município. O Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida é importante na história de vida de muitas pessoas em Canguçu e região. Vários profissionais estudaram no "Colégio das Irmãs" ou foram alunos de muitos professores que tiveram sua formação, ou seja, normalistas com a missão de PAZ e BEM.

A pesquisa apresenta um apanhado geral da história de São Francisco de Assis e da missão das Irmãs Franciscanas, a chegada da ordem ao Brasil e os trabalhos desenvolvidos não apenas na área da educação, mas também a atuação na saúde e na sociedade, mostrando como foi se constituindo suas fundações no Rio Grande do Sul e no Brasil. Acompanharemos uma breve caminhada da escola no município e a implantação do curso normal, constatando que, como diz Magalhães (2004) em relação às instituições educativas que:

> Desenvolve-se, desde os aspectos morfológicos, funcionais e organizacionais até aos aspectos curriculares, pedagógicas e vivenciais, numa complexa malha de relações infra e extramuros, cuja evolução se apresenta marcada pela sua inscrição nas conjunturas locais (MAGALHÃES, 2004, p.124).

Para estabelecer esta malha de relações que nos fala o autor, buscamos para esse trabalho realizar a pesquisa bibliográfica. Assim, diversos documentos constantes na Biblioteca da Instituição assim como da Biblioteca Pública de Canguçu foram devidamente analisados e utilizados conforme sua relevância. Livros, álbuns, jornais, relatórios sobre a história do município. Buscamos nas entrevistas semiestruturadas balizar esta investigação. Neste trabalho identificamos uma prática educativa realizada pelas alunas, uma pesquisa com diversas informações sobre o município de Canguçu.

A memória é crucial para o desenvolvimento da própria História, sem ela não haveria estudo nem conhecimento. É preciso, pois, uma postura dos historiadores para lidarem com esses conceitos: "A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens" (LE GOFF, 2003, p. 471).

Realizamos uma pesquisa que se vale da análise documental, que dialoga com as entrevistas realizadas. Os principais acervos utilizados são: documentos legais

(sobretudo a legislação), os diferentes materiais escolares (cadernos e livros escolares), registros de professores e alunos, enfim, toda a documentação que permita recuperar as práticas pedagógicas e a formação do educador. Lembrando que não se pode desconsiderar a natureza da fonte: um informe técnico, uma poesia laudatória, uma exortação religiosa, um exercício filosófico não comportam o mesmo significado, o mesmo valor e o mesmo interesse. Afinal, "[...] documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou órgão que o escreveu" (BACELLAR, 2006, p.63). Enfim, a fonte traz consigo historicidade (PINSKY, 2006, p.7). Essas circunstâncias, se não forem percebidas, podem comprometer a fidedignidade de uma análise.

> [...] um dos pontos cruciais do uso de fontes reside na necessidade imperiosa de se entender o texto no contexto de sua época, e isso diz respeito, também, ao significado das palavras e das expressões. Sabemos que os significados mudam com o tempo [...]" (BACELLAR, 2006, p.63).

As entrevistas semiestruturadas, fundamentadas na história oral, demonstraram esta necessidade de entender o contexto da época, realizadas com cinco ex-alunas, sendo elas Maria da Graça da Silveira, Luiza Helena Moreira, Lucia Moreira, Maria Helena Campos da Silveira e Beatriz Joana Zaneti da Rosa e duas ex-professoras, Laedi Bachini Bosembecker e Evony dos Santos Prestes. Foi possível localizar a Irmã Marilda Braun, ou Irmã Alícia (nome de batismo), diretora na época da implantação do Curso Normal em 1965 no Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida. Em contato por telefone e após pessoalmente ela relembrou a instalação do curso e comentou sobre a escrita do "livro" sobre Canguçu, comentou com entusiasmo sobre este trabalho produzido pela turma. A curiosidade era grande para conhecer esta pesquisa e em uma das visitas à biblioteca da escola nos foi apresentado, no meio de tantos materiais para que pudesse consultar. Como pesquisa, percebemos a relevância desse documento/monumento.

> A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (ALBERTI, 2005, p. 167).

As memórias foram buscadas em entrevistas gravadas e escritas, em conversas individuais[2], num clima de alegria pelas lembranças bem como a mostra

[2] Embora esta pesquisa tenha feito as normalistas e professoras conversarem entre si, relembrando fatos conforme comentavam nas conversas.

de fotografias, trabalhos, diário de classe. As entrevistadas foram escolhidas pela proximidade geográfica e por conhecê-las pessoalmente, sabendo do envolvimento com a educação da comunidade canguçuense. Após cada conversa gravada com autorização das entrevistadas, uma delas pediu para que não fosse realizada a gravação e foi respeitada sua vontade, mas salienta-se a dificuldade de registrar as falas escrevendo, infelizmente há uma perda considerável de informações. Foi deixada uma entrevista escrita para cada uma delas que se encontra em anexo, acreditamos que deixar este tempo facilita que possa expor fatos, lembranças que tenha passado despercebido durante a conversa. Os nomes das entrevistadas foram mantidos com autorização que se encontra em anexo. Para Alberti (2010) as fontes permitem o registro de testemunhos e o acesso a histórias dentro da história, ampliando as possibilidades de interpretação do passado. No ato de análise devemos considerar as condições de produção da fonte oral e estudar exaustivamente o assunto abordado, a fim de conseguir utilizar a entrevista como resíduo de ação, além de relato.

Ao transcrever a entrevista, buscou-se realizar os nexos com as leituras realizadas na escola e jornais locais bem como a análise de fotografias e documentos disponibilizados pelas alunas. Fomos tecendo as malhas das informações construindo esta pesquisa.

O autor Le Goff (1996) faz relação com documento/monumento. A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.

Para Magalhães (1996) para que possamos compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa precisamos contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

A constituição da profissão docente, entre outros aspectos, caracteriza-se pelo processo lento de implantação de escolas normais. De longa data, cursos de formação docentes existiram. Historicamente, os locais de formação de professores passaram de uma regulação religiosa nos séculos XVII e XVIII, passando no século XIX em diante a ficar sob a égide do Estado. Ao longo desse período histórico foi sendo construído um "lócus", uma razão de ser e constituírem-se como locais de ensino e aprendizagens, logo, formadores e formadoras.

> [...] enveredou por ideologias, representações e utopias das mais diversificadas, passando, por exemplo, pelo exercício profissional docente vinculado concepcionalmente ao exercício do sacerdócio, pela defesa da educação pública [...], pela defesa da disciplina como central no processo de educação escolar, pela defesa da educação fundada na liberdade, [...] como responsável por manuseio de metodologia e técnicas que garantiriam a qualidade do ensino etc. (ARAÚJO; FREITAS; LOPES, 2002, p.14).

Dentro da nova ordem, ou seja, o controle do Estado, um amplo movimento de secularização do ensino é perpetuado, passando o Estado a ter o controle da educação. Isso não implica dizer da não existência de ordem religiosa, contudo, estas passam a estar dentro da esfera de controle dos Estados-Nações.

Tendo como escopo os estudos de Nóvoa, Arriada (2009), salienta que um dos aspectos fundamentais na caracterização da formação docente é o estabelecimento de um suporte legal para o exercício da profissão. Essa "funcionarização" dos professores deve ser vista como uma vontade partilhada do Estado e dos docentes. Essa etapa decisiva do processo de profissionalização docente acaba forçando a criação de instituições formadoras, as quais aparecem no século XIX com a denominação de Escolas Normais (ARRIADA, 2009, p.32).

> Sabemos da impossibilidade de recuperar a totalidade da história da instituição: "alcançar a instituição em si, como se houvesse uma essência institucional a ser descrita [...] a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretação, releituras que se apresentam na dimensão da representação, de uma versão da história institucional" (WERLE, 2002, p.14-15).

Segundo Werle (2002), a história das instituições escolares é uma tentativa de formular uma representação da instituição no que se refere a atitudes e condutas que foram sendo constantemente elaboradas e rearticuladas por meio de seus membros- indivíduos e grupos- diante de estímulos e pressões externas, e quanto ao seu grau de integração e formas de funcionamento. Essa história é um esforço de organizar discursivamente o projeto institucional, considerando seus diferentes momentos, em suas relações administrativas e da instituição e seu contexto.

Recuperar a origem e o sentido da história das Escolas Franciscanas é como encontrar a semente que lança raízes na vida e germina pelo próprio vigor (BARIN, 2006). Assim, segundo a autora, o aprender e ensinar franciscanos consistem em reconhecer o diferente de maneira consciente e respeitosa, conviver de modo responsável, defender a vida em todas as formas e manifestações porque nela o Espírito se manifesta. Essa visão desencadeia uma nova maneira de conviver, um estilo de vida mais simples, de relações interpessoais fraternas, o cultivo da solidariedade e da paz, resgatando a dimensão emocional e espiritual para uma cultura da Paz.

As escolas normais foram de grande importância na formação de educadores na história do Brasil e a história do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida que foi e é responsável pela formação da maioria dos profissionais que atuam no município de Canguçu e alguns municípios da região revela esta importância. O crescimento da escola acontece paralelo ao desenvolvimento do município valorizando os ensinamentos de São Francisco de Assis, desta forma merece destaque pelo trabalho evangelizador, com projetos de integração e desenvolvimento social para formação de professores.

Conforme informações coletadas junto ao acervo da biblioteca escolar, faremos uma retrospectiva da história do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida onde levantamos que a Madre Magdalena Daemen (Holanda) foi à fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitencia e Caridade Cristã, este zelo apostólico que floresce na Província Brasileira, conduziu, em 1934, a sua fundação. Irmã Aloysia – Madre Geral da Congregação Franciscana, quando se encontrava no Brasil em 1929, recebeu uma carta do Padre Diebels vigário de Canguçu, solicitando a vinda de irmãs. Descreve a miséria religiosa existente em sua vasta região paroquial achando que o único meio para trabalhar a expansão do reino de Deus seria a fundação de um colégio.

Conhecer a história da primeira turma de normalistas da Escola Franciscana Nossa senhora Aparecida nos leva a entender a construção do discurso, ou mesmo, dos muitos discursos e perceber as próprias práticas educativas que marcaram esta turma. A autora Pesavento nos alerta:

> No campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas (PESAVENTO, 2005, p. 51).

A história de uma instituição e do seu contexto é suporte básico para entendimento e construção da sua identidade, sendo que a visão geral das instituições traz a compreensão do contexto educacional, possibilitando (re)pensar e talvez, (re)formular, quando necessário o trabalho pedagógico. “Assim, falar de identidade institucional implica em falar da identidade da cidade, do lugar que a escola ocupou e ocupa no cenário material, social e cultural da cidade” (WERLE, 2001, p.121). A autora também diz que:

> As instituições são um espaço objetivo, material, concreto, real a partir da consideração de sua base material a qual constitui o primeiro elemento de sua materialidade, a ancoragem primordial da instituição (WERLE, 2001, p. 120).

O estudo da instituição contribui para torná-la “mais viva” evitando seu esclerosamento e hipertrofia do instituído, através das pessoas que viveram (vivem) e participaram (participam) podendo revelar “suas múltiplas estratégias de construção” (WERLE, 2004, p.112).

Ao que tudo indica, não há uma pesquisa sobre o curso de normalistas ligado a esta escola em Canguçu. Assim, a investigação poderá apontar as práticas educativas e histórico desta turma, buscando entender melhor as relações existentes no seu interior, bem como sua estrutura administrativa e pedagógica que continuam fazendo história na comunidade canguçuense.

É fundamental que não se perca a riqueza documental que ainda existe na escola e que deve ser preservada, dando visibilidade e identidade ao curso. Os documentos registrados que se encontram preservados são analisados juntamente com a história oral de pessoas que viveram no período proposto pela pesquisa e presenciaram fatos importantes na história desta primeira turma.

A compreensão do processo histórico é fundamental para se compreender o contexto pedagógico:

> Muitas vezes o que pode parecer uma volta ao passado pode ser uma estratégia de reposicionamento e reafirmação de novas posições e constituir parte de um processo de construção de novos caminhos, novas propostas na dinâmica das relações institucionais (WERLE, 2001b, p.310).

Essa pesquisa é, em certo sentido, um enriquecimento para a Escola Franciscana Nossa Senhora Aparecida e para comunidade canguçuense, sendo também significativo na área de História da Educação. Autores como Flavia Werle, Justino Magalhães, Elomar Tambara embasaram as leituras sobre a história da educação.

É pertinente a intervenção da explicação das práticas escolares a partir do conceito de tática, concebido por Michel de Certeau (2000), que o compreende enquanto movimento que ganha vida no fazer da prática escolar, criando sua maneira de fazer e utilizando, manipulando e alterando os procedimentos, bem como estabelecendo novos usos dos objetos, que lhes são impostos. A escola, ao constituir-se historicamente, constrói uma cultura que lhe é bastante peculiar. Ela, no seu processo de constituição "sofre e adapta-se ao exterior, mas a escola também ordena, organiza-se e gera a sua própria exterioridade", como bem afirmado por Magalhães (1996, p. 15). Concebido como produção histórica, o modelo escolar que se delineia vai-se constituindo a partir de uma cultura e, também, de uma forma escolar própria, caracterizada por dispositivos de normatização pedagógica e de práticas dos agentes que se apropriam deles, por meio de estratégias e de táticas reveladoras de saberes socialmente acumulados que permitem que a identidade escolar seja construída e que os seus valores e comportamentos sejam difundidos.

Conhecer as apropriações feitas pelos sujeitos no cotidiano da escola é produzir uma história das práticas escolares e, portanto, compreender a produção da cultura escolar. Práticas que produziram os sujeitos - professoras e alunos - que vivenciaram o dia-a-dia da escola primária em Canguçu e que também foram produzidos por elas. Para Chartier as práticas:

> São as maneiras através das quais homens e mulheres de uma época apropriam-se, à sua maneira, dos códigos e dos lugares que lhes são impostos, ou então subvertem as regras aceitas para compor formas inéditas (CHARTIER, 2002, p.160).

Estruturamos este trabalho, basicamente, em cinco capítulos, com suas subdivisões, apresentando no primeiro capítulo o município de Canguçu, proporcionando o conhecimento de alguns aspectos geográficos, primórdios da formação e uma contextualização educacional da década de 30 à década de 70, mostrando o cenário que se apresentava quando da instalação da escola e do curso normal. De acordo com Magalhães (1996) os processos não acontecem desvinculados dentro dos municípios, há um elo no desenvolvimento, no crescimento ou estagnação e, neste caso, vamos observar um paralelo no crescimento seja no município, seja na escola em estudo.

No segundo capítulo será contada brevemente a história das Irmãs Franciscanas, surgimento da ordem, vinda para o Brasil e as condições históricas que promoveram a vinda para o município canguçuense, lançando questões de investigação nos primeiros anos de funcionamento da escola.

O terceiro capítulo apresentará indicações históricas do curso normal, como se instituiu no Rio Grande do Sul fazendo uma abordagem histórica dos atores que promoveram a instalação, percorrendo os caminhos, conhecendo as alunas, requisitos para poder cursar e apresentando a memória de alunas e professoras sobre o assunto.

Quarto capítulo: conheceremos o currículo e o regimento que vivenciado neste período pelas estudantes da primeira turma. Estudaremos as disciplinas, professores, autores, livros didáticos que fizeram parte da formação destas futuras professoras.

Quinto capítulo: neste momento iremos conhecer as práticas desenvolvidas nesta turma do curso normal. Dividimos em atividades intra e extramuros. Olhando para dentro do muro da escola podemos presenciar atividades que auxiliaram as alunas na preparação para o trabalho em sala de aula. Fora da escola, inúmeras atividades foram realizadas em parceria com a comunidade, que conforme podemos presenciar tinha o apoio e reconhecimento. Apresentaremos também um livro produzido sobre o município, em que as alunas fizeram uma pesquisa e confeccionaram material que se encontra na biblioteca da escola. A formatura das alunas também será abordada nesse capítulo, contando como foi o evento que marcou não só as alunas e a escola, mas toda a sociedade canguçuense. Fecharemos mostrando que os encontros da turma continuam até os dias de hoje.

Desde a instalação no município de Canguçu, em 1933, o Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida marca sua presença na educação e em 1966 com o Curso Normal abre uma página de formação de professores que promove mudanças significativas na atuação docente nas escolas do município e região.

1 Canguçu: Aspectos Gerais de sua Formação

Localizado na Serra dos Tapes, Canguçu firma-se como um dos municípios mais importantes da zona sul. De economia forte, alicerçada na agricultura familiar, tem nos setores do comércio e serviços um segmento de franco desenvolvimento. A população segundo IBGE 2010, é de 53.268, sendo 19.696 na zona urbana e 33.572 na zona rural.

O município está incrustado na Serra dos Tapes, a qual forma junto com a Serra do Herval a região fisiográfica[3] gaúcha Serras do Sudeste. As serras são divididas pelo rio Camaquã, que limita ao norte o município e que se constituem dos solos mais antigos do estado, como parte do Escudo Rio-Grandense, de formação no Período Arqueano.

Figura 1: Rio Grande do Sul

Figura 2: Canguçu

Fonte: Imagens Internet (dezembro/2011)

Localiza-se a uma latitude 31º23'42" sul e a uma longitude 52º40'32" oeste, estando a uma altitude de 386 metros. Possui uma área de 3.520,6 km².

Considerado o município com o maior número de minifúndios da América Latina, com 12 mil pequenas propriedades rurais e com mais de 60% da população

[3]Em relação aos aspectos administrativos, consulte-se: FORTES, Amyr Borges; WAGNER, João B. S. História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Globo, 1963. Quanto aos aspectos geográficos, consulte-se: VIEIRA, Eurípedes Falcão. Rio Grande do Sul: geografiafísica e vegetação. Porto Alegre: Sagra, 1984.

vivendo no interior. Configura-se como o segundo maior produtor fumageiro do país, sendo que este fator tem sido o maior responsável pela inserção de Canguçu num cenário de prosperidade econômica. Conquistou a quarta economia da região e um PIB de 340 milhões. Canguçu cresceu 236% nos últimos dez anos. O comércio é o terceiro da região. Outros sinais confirmam esta prosperidade econômica: são oito bancos (sendo 5 privados), grandes redes de lojas de móveis, eletrodomésticos e farmácias e novos empreendedores continuam se estabelecendo[4].

1.1 Primórdios de sua Formação

Não se sabe ao certo quem foram os primeiros povoadores dos campos em que hoje se acha esta Freguesia e Município de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu, mas por tradições e alguns documentos consta que foram alguns casais das Ilhas dos Açores e outros vindos para aqui das Freguesias de Mostardas, Estreito, São José do Norte e Povo Novo. As sesmarias de matos na Serra dos Tapes foram em sua maior parte concedidas pelo Capitão General João Carlos de Saldanha, entre os anos de 1820 a 1822. Anteriormente, de todos os que receberam terras, o mais bem aquinhoado foi o capitão-mor Paulo Rodrigues Xavier Prates (ZANETI; ARRIADA, 2010, p. 75).

No ano de 1793, João Francisco Teixeira de Oliveira comprou de Paulo Rodrigues Prates, um rincão, denominado do Tamanduá. Verificando este as divisas da sesmaria de Paulo Prates, veio no conhecimento de que um pequeno rincão compreendido entre duas vertentes do Piratini, e que ele se dizia senhor e possuidor, não estava compreendido em dita sesmaria; portanto o requereu como sobras devolutas. Paulo Prates opôs-se, alegando posse e domínio antigo e propôs uma ação de reivindicação. Em 1799, querendo alguns homens antigos e influentes erigir uma Capela Curada filial da Matriz da Vila do Rio Grande, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição e fundar uma povoação, obteve dos dois contendores o término dessa demanda, fazendo eles cessão desse rincão (LOPES NETO, 1912, p. 54).

A sua fundação data de 1799, quando em 26 de dezembro desse ano, foi requerida a necessária permissão para ser fundada a povoação e erguida uma

[4] Informações da Revista Costa Doce, edição 6, 2009.

capela, cuja pedra fundamental, efetivamente, foi feita em janeiro de 1800. No ano de 1812, foi elevada à categoria de Freguesia; em 28 de janeiro de 1857, à de Vila; e em 26 de junho do mesmo ano foi criado o Município.

Quando do estabelecimento da Vila, Canguçu contava com apenas 53 casas térreas e dois sobrados, sua população estava orçada em 458 habitantes. Em 1871, 145 casas, sendo oito sobrados, com uma população de 1.500 habitantes. Funcionavam dezoito casas de comércio, seis de curtume, duas ferrarias, uma tamancaria, um seleiro, um corrieiro, dois hotéis, uma botica e drogaria, dois açougues, além de outras indústrias particulares em pequena escala. A localidade tinha duas praças, quatro ruas, de norte a sul, e nove travessas (LOPES NETO, 1912, p. 55).

Uma florescente vida intelectual esboçava-se na cidade durante parte do século XIX. Em 1860 organizou-se um grupo dramático sob a direção de Antônio J. Bento, em 1883, temos outro grupo dirigido por José Martins, e em 1896, ainda outro, sob a direção de Dantes. Sociedades recreativas organizavam-se em prol de uma vida cultural mais ativa. A primeira que houve denominava-se “Éden Canguçuense” criada em fins de 1879, datando os seus Estatutos de 04 de janeiro de 1880; mantinha valiosa biblioteca, superior a 3.000 volumes, como se verifica pelos primeiros catálogos. Por sua vez, as mulheres organizaram o “Grêmio das Violetas”, composto somente pelo elemento feminino. Em 1883, funda-se o primeiro “Clube Republicano”, tendo como Presidente: Manoel Alves da Silva Caldeira, e apoiado por: Davi Soares da Porciúncula, Francisco de Castro Antiqueira, João Paulo Prestes, Francisco de Sousa Oliveira, entre outros. Em 1884, surge o “Clube Abolicionista”, cuja primeira diretoria foi: Bernardino Pinto Ribeiro, Presidente; Antônio Manoel da Costa, secretário; Eneas Gonzaga Moreira, tesoureiro (LOPES NETO, 1912, p. 61).

Conforme dados de 1926, a sua maior riqueza era pastoril, ou seja, contava nesses anos com 250.000 cabeças de gados e cerca de 30.000 suínos. A agricultura estava em pleno florescimento, produzindo abundantemente diversos cereais, e um dos destaques era o tabaco. Possuía estação telegráfica, telefone, correio, agências bancárias, imprensa, diversas associações. Em sua sede estavam estabelecidos belos prédios, onde eram salientados o da Igreja Matriz, o dos Clubes Esportivos, cinemas, etc. A notícia ainda salientava o excelente acervo de livros da biblioteca do antigo Clube Harmonia, com cerca de 900 volumes (CARRICONDE, 1926, p. 306).

O município de Canguçu, localizado na Serra dos Tapes, foi o vigésimo segundo município gaúcho a ser criado em 27 de junho de 1857 (BENTO, 2007:11). Hoje é conhecido nacionalmente como a Capital Nacional da Agricultura Familiar. A denominação de Canguçu deriva da palavra indígena “Caa-guaçu”, significando mata grande ou mato grosso, de igual forma que já foi denominada primitivamente a região onde se situa a célebre Avenida Paulista em São Paulo, bem como outros locais, segundo se conclui ou lê-se em descrições mais antigas. “Caa-guaçu” era uma alusão a milenar mata grande que encobriu primitivamente a encosta da Serra dos Tapes voltada para a Lagoa dos Patos e que daria o nome a ilha de Canguçu, mais tarde chamada de ilha da Feitoria como parte da estância Feitoria (BENTO, 2007, p.15).

Os primitivos habitantes de Canguçu foram os índios tapes, tapuias, guaranizados e subordinados aos guaranis e que deram seu nome à região onde Canguçu se assenta. Vestígios deles ainda são encontrados nos traços de habitantes do Posto Branco, Canguçu Velho e Herval (BENTO, 2007, p.15-16).

1.2 Aspectos Educacionais

Neste capitulo elaborou-se uma síntese geral da educação de Canguçu da década de 1930 até década de 1970, justificando tal período em função que em 1934 há a chegada das irmãs franciscanas no município, instalação da escola, do curso normal e formatura da primeira turma.

Desde os primórdios de sua formação, a educação esteve em pauta nas preocupações das autoridades de Canguçu, conforme observamos no seguinte documento:

> [...] Participo a VVSS, que alguns órfãos pobres e outros filhos de pais incógnitos de idade de sete anos e mais tem desejos de aprenderem as primeiras letras. Neste lugar não há escola gratuita, e sim uma que ensina a duas patacas por cada mês [...]. Freguesia de Canguçu, 25 de fevereiro 1830. Francisco José Pinto Braga (Fiscal) (OFÍCIO DE 1830. MANUSCRITO. ARQUIVO ARRIADA).

No decorrer do ano, ou seja, 1830, o Fiscal Francisco José Pinto Braga ao realizar o controle e fiscalização do andamento da educação no município informava às autoridades que: “no dia 23, fiz inspeção à única Escola de 1ª letras que há no lugar tendo aumentado o número de meninos que aprendem. Freguesia de Canguçu, 30 de junho de 1830. Presidente e Vereadores da Câmara Municipal” (MANUSCRITO. ARQUIVO ARRIADA).

Tem-se ainda no século XIX informes sobre o contexto educacional em Canguçu tratando da educação pública. Pela Lei Provincial n. 155 de 07 de agosto de 1848, foi estabelecida a primeira escola pública, sendo seu professor Bento Joaquim de Chaves; o segundo a entrar em exercício foi Antônio Joaquim Bento, em 04 de maio de 1854. Por sua vez, a primeira aula para meninas foi criada pela Lei n. 345 de 09 de fevereiro de 1857, sendo sua professora, Florinda Teixeira Creuet (LOPES NETO, 1912, p. 57).

Em 1912, foi inaugurado o Colégio Elementar da Vila de Canguçu, hoje denominado Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmãos Andradas (BOSENBECKER, 2007, p. 40). No ano de 1932 foi criada a primeira Escola Municipal no interior, a Escola Municipal Marechal Deodoro no 1º subdistrito. Atualmente faz parte do grupo de escolas polos do município.

No Relatório do Prefeito Municipal de 1933, em relação à instrução pública temos:

> O quadro das aulas publicas deste município compõe-se de 5 aulas municipais, 24 aulas municipais subvencionadas pelo estado e 5 aulas estadoais rurais, além de 1 grupo escolar na sede, perfazendo um total de 35 estabelecimentos, não contadas 3 aulas particulares. Tomada em consideração a população do município que se poderá estimar em cerca de 50.000 almas, nota-se bem que muito ainda falta fazer pela instrução, com a creação de novos colégios. Entretanto a deficiência de renda impediu a realização do meu plano do qual consta a creação de novos estabelecimentos de ensino primário e ainda medidas tendentes a melhorar as condições higiênicas das aulas já existentes (1933, p. 08-09).

O discurso do Intendente demonstra a preocupação com educação. Comparando o número de habitantes com os que frequentavam a escola, há uma grande disparidade, pois pouco mais de 1000 alunos apresentavam frequência escolar. As condições de higiene das instalações da escola eram também fator de atenção, relatado ao Interventor Federal. No quadro a seguir complementamos as informações da situação da educação da época (RELATÓRIO, 1933, p. 39):

Quadro 1: Ano Letivo de 1933

Estabelecimentos		Matricula			Frequência		
		Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
Grupo Escolar André Puente	01	94	92	186	44	63	107
Aulas Estaduais Rurais	05	118	140	258	75	91	166
Aulas municipais	05	133	57	190	89	34	123
Escolas Municipais Subvencionadas pelo Estado	24	638	286	924	430	201	631
Aulas Particulares	03	59	41	100	45	25	70
TOTAIS	28	1.042	616	1.658	683	414	1.097

Os dados revelam aspectos, por exemplo, na questão de gênero. Na escola André Poente, localizada na zona urbana de Canguçu, os números de matriculados são praticamente os mesmos (94 e 92), meninas frequentavam a escola tanto quanto os meninos. Nas escolas rurais somente nas estaduais observamos uma supremacia de matrículas femininas, e também surge questionamento por que esta diferença, pois já nas escolas municipais este número cai pela metade, ou seja, temos 133 meninos e somente 57 meninas. Da mesma forma nas escolas subvencionadas pelo estado, onde os meninos aparecem matriculados num número de 638 e as meninas com 286 matrículas. Ainda em relação a estes dados são reveladas outras informações importantes, a frequência dos alunos às escolas, existe uma diferença mínima em percentuais, os meninos apresentam 65,5% enquanto uma pequena alta para a frequência das meninas, 67%, conforme os dados gerais,

Analisando o quadro da educação neste ano e comparando-se com o número de matricula que o Colégio Aparecida teve em seu primeiro ano letivo, podemos constatar a confiança dos pais no colégio que iniciara suas atividades em Canguçu.

No relatório encaminhado ao interventor federal do Rio Grande do Sul podemos verificar como era o cenário quando da instalação do colégio:

> A Vila de Cangussú com aproximadamente, 3000 habitantes, esta localizada entre a parte oriental da Serra dos Tapes, no Rincão do Tamanduá, em um contraforte da Coxilha de Santo Antonio, a 420 metros de altura. Vive, floresce e pode, desafrontadamente, figurar entre as suas contemporâneas [...] em apreço iluminada a eletricidade, com aparelhamento modernissimo no gênero [...]. Foram iniciadas, em 1º de março do corrente ano, as aulas do colégio Nossa Senhora Aparecida, inaugurado neste mesmo dia [...] regido por irmãs de caridade e foi construído há pouco, possuindo os mais higiênicos e feitos aparelhamentos atinentes ao seu fim. Contava, a sua abertura, com a matrícula de 68 alunos, entre internatos e externatos (RELATÓRIO, 1933, p. 49).

O relatório ainda acrescenta várias informações sobre a economia, população, manifestando entusiasmo com o desenvolvimento. Nesse mesmo ano da inauguração da escola chegam a Canguçu imigrantes alemães, que vão contribuir ainda mais com o desenvolvimento do município, principalmente na agricultura.

Em 1940, com estabelecimento da Igreja Evangélica Batista de Canguçu, pelo Reverendo Astrogildo Pacheco, é fundado o Colégio da Igreja Evangélica Batista.

Seguindo a criação de escolas por igrejas, tivemos em 30 de março de 1940 a fundação do Colégio do Salvador da Igreja Episcopal, tendo como professor o

Reverendo Joaquim Silveira, que não tendo condições financeiras para prosseguir as obras fez um acordo com o município. Atualmente a Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Manoel da Silveira, presta homenagem ao primeiro professor da referida escola.

Por volta de 1970, ocorriam mudanças significativas no sistema educacional do país. Assim, abriu-se a possibilidade de ser criada a SMEC de Canguçu, pela Lei Municipal nº 616 de 10 de julho de 1973, organizando, desta forma, a rede escolar no município.

Anteriormente, as escolas recebiam orientação através de pessoas, numa sala da própria Prefeitura Municipal. De acordo com pesquisa documental no ano de 1970, grande parte das escolas ainda funcionava como já foi referido anteriormente, segundo interesse das pessoas com algum prestígio político, principalmente na zona rural. Desta forma, a situação dos estabelecimentos escolares da rede municipal em 1970 era a seguinte: 27 prédios escolares pertenciam à Prefeitura, 11 estabelecimentos pertenciam ao Estado, 64 escolas funcionavam em casas particulares. Quanto ao nível de instrução do professorado, a grande maioria não passava da 4ª ou 5ª série. Os grupos de alunos de diferentes séries eram organizados na mesma sala, chamada de multisseriada, porque todas as turmas eram atendidas por uma mesma professora ou um mesmo professor. As primeiras escolas municipais iniciaram a desempenhar suas funções em 1932, mas somente no ano de 1977 foram oficializadas pelo Decreto nº 090/77. Este Decreto Municipal de Criação formalizou 89 (oitenta e nove) escolas do período compreendido entre 1932-1963.

Em 1962 foi criado pela Madre Nelcinha Braun, diretora do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida o Serviço de Assistência Social "Damas de Caridade", com as mães da escola, que ministrava cursos variados e assistência às pessoas carentes.[5]

A seguir acompanharemos um apanhado histórico do surgimento das irmãs franciscanas, a vinda para o Brasil e a instalação da escola no município de Canguçu.

[5]Mais informações no livro Conhecendo Canguçu, Bosenbecker (2007).

2 História da Ordem Franciscana

Giovanni di Pietro di Bernardone, mais conhecido como **São Francisco de Assis**[6] (Assis, 5 de julho 1182 - 3 de outubro de 1226), foi um frade católico da Itália. Depois de uma juventude irrequieta e mundana, voltou-se para uma vida religiosa de completa pobreza, fundando a ordem mendicante dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos, que renovaram o Catolicismo de seu tempo. Hoje tem sua posição como um dos grandes santos da Cristandade firmando-se ainda em vida, e permanecendo inabalada. Foi canonizado pela Igreja Católica menos de dois anos após falecer, em 1228, e por seu apreço à natureza é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente.

São Francisco de Assis serviu de inspiração para Catarina Damen, que depois de firmar votos religiosos, passou a se chamar Madre Madalena, primeira ministra da congregação, fundada oficialmente em 1835 na Holanda.

Desde o período colonial a ação missionária franciscana esteve presente. A Congregação feminina chega ao Brasil em 1872 instalando-se no município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul e, em 02 de abril, iniciando os trabalhos educacionais. A seguir acompanharemos como se deu sua chegada ao Rio Grande do Sul e mais tarde ao município de Canguçu.

2.1 As Irmãs Franciscanas no Brasil

Na Alemanha, “conflitos ideológicos entre Estado e Igreja desencadearam perseguição a pessoas e a entidades religiosas que atuavam na educação e no ensino” (RUPOLO, 2001, p. 6).

---

[6] Era filho do comerciante italiano Pietro di Bernadone dei Moriconi e sua esposa Pica Bourlemont, cuja família tinha raízes francesas. Os pais de Francisco faziam parte da burguesia da cidade de Assis, e graças a negócios bem sucedidos na Provença, França, conquistaram riqueza e bem estar. Na ausência do pai, em viagem à França, sua mãe o batizou com o nome de Giovanni (João, em português, a partir do profeta São João Batista) na igreja construída em homenagem ao padroeiro da cidade, o mártir Rufino. A origem de seu nome Francesco (Francisco) é incerta. Para uns, depois de uma viagem à França, onde o menino teria ficado cativado pela vida francesa, sua música, sua poesia e seu povo, seu pai teria começado a chamá-lo de "francesco", que significa "francês" em italiano. Para outros seu pai teria feito, em vez, uma homenagem ao país natal de sua esposa, embora não haja provas de sua naturalidade francesa. Também foi sugerido que o nome foi dado por seu gosto pela língua francesa, que perdurou por toda a vida de Francisco e era em sua época a linguagem por excelência da literatura cavaleiresca e da expressão amorosa. O autor Jacques Le Goff, recentemente lançou um livro sobre São Francisco de Assis, **Jacques Le Goff**. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2010 (original: 1999; tradução; Marcos de Castro). Informações wikipédia.

No governo de Bismark, as Irmãs Franciscanas[7] não puderam continuar com suas atividades nas escolas. Nesse período, no Brasil, a política imigratória de D. Pedro I estabelecia relações com países da Europa, cuja industrialização causava crescente desemprego. Políticos brasileiros interessavam-se pela imigração para diversificar o sistema econômico-fundiário escravocrata, controlar o domínio de posse de terras e desenvolver o sul do país. Os imigrantes foram importantes tanto para desenvolver nosso país, como para acomodar tensões sociais em países europeus.

A imigração alemã iniciou em 1824 e as cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo foram indicadas para início desta colonização. No entanto, a população não tinha assistência religiosa, o que resultou na organização dos católicos alemães para reivindicação nesse sentido. O missionário jesuíta alemão Padre Guilherme Feldhaus, no ano de 1868, fez o pedido à Superiora Geral das Irmãs Franciscanas em Heythuisen, Holanda, Madre Aloisia Lenders, para o envio de irmãs a fim de assumirem, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, a educação de crianças e jovens, a maioria, descendente de imigrantes alemães. O conturbado cenário da Europa não permitiu decisão favorável a essa solicitação, porém, a insistência do superior dos jesuítas no sul do Brasil não se fez esperar. Passados dois anos, em 1870, foi renovada a solicitação e as irmãs franciscanas, compreendendo a necessidade da missão na nova terra, atenderam ao pedido com a doação que sempre pautou a identidade da congregação (BARIN, 2006, p. 9).

Partindo de Kapellen, na Alemanha, seguiram de Marselha, na França, em viagem pelo Transatlântico *Poitou*. Quando chegaram ao Rio de Janeiro formam embarcadas no navio *Calderon* rumo a Porto Alegre, durante a viagem, enfrentaram forte tempestade e o navio teve o leme rompido. Felizmente, rebocado por navio argentino, voltaram ao Rio de Janeiro. O trajeto, dessa vez, foi concluído pelo navio *Camões* até Porto Alegre. Essa experiência foi relatada pelas irmãs Ana Moeller,

[7] A origem da ordem feminina franciscana é com Maria Catarina filha de Cornélio e Gertrudes Daemen nasceu dia 19 de novembro de 1787, na Holanda, no povoado de Laak. Era filha de lavradores pobres e chegou em um tempo muito difícil , por que o país estava sob domínio de um governo anti-religioso, que tinha mandado fechar todos os conventos que não tivessem uma escola ou hospital, dizendo que eram inúteis. Os católicos eram uma minoria e perseguidos. Um padre fervoroso, não querendo abandonar seus fiéis, foi acolhido pela família Daemen e às ocultas atendeu sua missão. E assim preparou Catarina, que as doze anos de idade recebeu a primeira comunhão. Madalena Daemen inspirou-se em São Francisco e sua organização deu-se de forma caritativa, isto através da religiosidade mas também com trabalhos voltados à educação, saúde e assistência social pertencentes a terceira ordem regular (BARUN, 2006).

Teresia Cremer, Maria Lichtenberg, Florência Hensel, Alvina Ferber e Ludgera Hellweg, quando chegaram ao destino previsto, a cidade de São Leopoldo, em dois de abril de 1872, após dois meses de viagem, aproximadamente. No dia 5 do mesmo mês, compareceram 23 alunas para abertura do ano letivo (FLESCH, s/d).

O pedido de proteção a São José, na iminência do naufrágio, carregou a promessa de dedicar-lhe o nome da primeira escola. Estabelecido na cidade de São Leopoldo, à margem do Rio dos Sinos, até o ano de 1923, o Colégio São José foi transferido para a colina e prossegue, nos dias atuais, sua missão primeira de educação. As primeiras aulas foram ao ar livre.

O aumento demográfico, a urbanização e as mudanças sociais exigiram maior organização das escolas. Foram criadas mais escolas: o Colégio Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz do Sul em 1875 e o Colégio Nossa Senhora dos Anjos em Porto Alegre em 1881.

A presença das irmãs bem como seu trabalho expandiu-se para as cidades de Pelotas, Bagé, Jaguarão e Santa Maria. A diversificação de suas atividades encontrava solicitações sempre maiores do que podiam atender. As dificuldades não eram apenas de ordem econômica e de adaptação à cultura, aos costumes e à língua falada. Benícia Flesch, em sua obra, “Seguindo passo a passo uma caminhada”, registra um período extremamente difícil para as irmãs franciscanas, em que foram difamadas moral e publicamente por questões de ordem político filosófica e antirreligiosa e somente foi revertido o fato por manifestações públicas de famílias porto-alegrenses e de São Leopoldo, fazendo entrega de documento ao Sr. Presidente do Estado, Dr. Júlio de Castilhos. A autora ainda escreve que o renome das irmãs não era só como excelentes educadoras, mas também como boas enfermeiras, e essa certeza alastrava-se por todo estado, distinguindo-se pelo cuidado aos doentes, prestado com habilidade e respeito, no trabalho de educadoras, conduziam-se com atitude ética, persistência e visão de futuro, sua maneira de ser denotava pessoas que inspiravam confiança e credibilidade.

A recente Proclamação da Republica do Brasil estabelecia a separação da Igreja e Estado. Foi momento de registrar e reconhecer publicamente a organização das Irmãs das Irmãs Franciscanas como entidade Jurídica[8].

A lei nº 173, promulgada em 7 de janeiro de 1890, autorizava as associações de caráter religioso, moral, literário e científico a adquirirem sua identidade jurídica.

[8] Em anexo quadro demonstrativo das atividades das Irmãs Franciscanas no Rio Grande do Sul.

O Bispo Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão emitiu documento de apoio e reconhecimento da Província Brasileira da Congregação de São Francisco de Assis, concedendo licença para atender à legislação.

A entidade jurídica foi registrada sob o nome de Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, publicados os Estatutos no jornal A Federação - Órgão do Partido Republicano, na edição de 16 de maio de 1903, confirmando a entidade jurídica da Congregação das Irmãs Franciscanas no Brasil (FLESCH, s/d).

A missão brasileira desenvolveu-se progressivamente. Desde 1878, havia o noviciado para formação de jovens ingressantes na Congregação, no entanto, a dificuldade de comunicação com a Europa pela distância motivou o desejo tornar a missão brasileira província. No ano de 1947 esta ideia foi discutida no Capítulo Geral[9], era um assunto que interessava a todas as irmãs e o processo seguiu os tramites necessários.

Dia 18 de junho de 1949 veio a informação oficial do desmembramento da Província do Sagrado Coração de Jesus e no dia 25 de março de 1951, na Festa da Páscoa, foi instalada a nova Província com o nome de Imaculado Coração de Maria[10], na cidade de Santa Maria, cuja sede inicial foi o Colégio Sant'Anna, posteriormente transferida para o convento São Francisco de Assis, abrangendo as quatro sedes: Santa Maria, Pelotas, Uruguaiana e Passo Fundo; e na Província do Sagrado Coração de Jesus, com sede em São Leopoldo, abrange as cidades de São Leopoldo, Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Estrela, Tuparandi e Bom Jesus. A entidade jurídica foi desmembrada, permanecendo a origem fundada no ano de 1903, denominada Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Central, com sede em São Leopoldo, sendo a nova entidade denominada Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte, com sede em Santa Maria (BARIN, 2006, p.13).

Em 1952, foi fundada a Escola Santo Antonio no terreno da sede da Província em Santa Maria. Mais tarde as irmãs decidiram assumir nova atividade

[9] Um chamamento todos os institutos religiosos para assumir um esforço de renovação, o Vaticano II designou a instituição centenária do Capítulo Geral como instrumento privilegiado para levar a efeito esta tarefa. No curso de um Capítulo Geral, um instituto assume seu carisma de novo, relê o mesmo no contexto eclesial e cultural de hoje, e toma as decisões necessárias para sua inserção renovada no mundo eclesial e contemporâneo. Traduziu: Cecilia Fridman, Rio Negro, PR, Brasil, para o Mosteiro Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo, 5.7.1999.

[10] No decorrer da história, como o número de Irmãs e a missão ia aumentando, para melhor administração, foi dividido em duas Províncias brasileiras: Província Sagrado Coração de Jesus, com sede em Porto Alegre e Província Imaculado Coração de Maria, com sede em Santa Maria/RS.

missionária, foi criada a Escola Imaculada Conceição em Dourados, em 5 de fevereiro de 1955, em 1960 outras duas instituições: O Educandário Nossa Senhora do Carmo em Guairá - PR e a Escola Nossa Senhora de Fátima em Brasília, constam nos registros que, ainda em 1960, ocorreram as fundações do Hospital São Paulo das Missões e Hospital São Francisco de Assis, em São José do Inhacorá.

A preocupação pelo adequado preparo profissional das irmãs, tendo em vista o elevado número de instituições educacionais e de saúde, exigiu atitudes concretas. A fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição, e logo depois, da Escola Superior de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria, veio contribuir grandemente na formação de professoras e na capacitação de enfermeiras (SILVEIRA NETO, 1987).

Em 1969 fundam em Pelotas a Casa Sagrada Família, no Laranjal, local apropriado para realização de palestras, reuniões e jornadas de formação e espiritualidade. Também foi criado: Obra Santa Izabel em Brasília-DF, dedicada ao serviço social (1963) e posteriormente, uma filial em Brasilândia-DF. Outras comunidades estão presentes em Malacacheta (1972), Novo Cruzeiro, Ouro Verde, Teófilo Otoni, Belo Horizonte em Minas Gerais, Pedro Alexandre e Santa Brígida no estado da Bahia, que se ocupam da educação não formal, pastoral social e da saúde. O Instituto Superior Nossa Senhora de Fátima, em Brasília-DF (2004) é mais recente instituição criada.

A Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis atualiza-se em conformidade com as exigências de cada época, tendo como parâmetros as seguintes finalidades, previstas no Estatuto da Mantenedora, em seu artigo 5º, incisos I a X: manter a educação básica, profissionalizante e superior em padrões de elevada qualidade, proporcionar à comunidade educativa o cultivo dos valores humanos, a preservação do meio ambiente, a justiça e a defesa da vida, oferecer a sociedade serviços educacionais em vista do aprimoramento das relações humanas e do desenvolvimento social, científico e tecnológico.

As escolas franciscanas, mantidas pela SCALIFRA-ZN, tem como legado a concepção teológica de Deus trindade: Deus Pai criador, Deus Filho salvador, encarnado: Deus Espírito Santo santificador, enviado.

Foi justamente a vida espiritual que preocupava o padre da Paróquia de Canguçu, Rio Grande do Sul, na década de 30 e solicitou a vinda das imãs ao município para auxiliá-lo na pregação da palavra “converter almas”.

2.2 O Colégio das Irmãs em Canguçu

Em agosto de 1933, Madre Laeta e Irmã Albana chegaram a Canguçu[11] para estudar a fundação da escola. Na região mais elevada da Vila encontram uma casa providencial cercada de vasto terreno adquiriram por vinte e sete contos. A casa passou a chamar-se "Casa Missionária" o que significou um verdadeiro incentivo às primeiras missionárias, recebendo logo o nome da padroeira nacional "Nossa Senhora Aparecida" (ARRIADA; ZANETI, 2010).

Figura 3: Primeiro prédio do colégio/1934

Fonte: Canguçu Online

Tudo era simples e pobre[12]. Em vista disso, houve muitas colaborações em que a província alemã, por exemplo, através da Madre Crysola, doou o altar da Capela das Filhas de Maria de Nonnenwerth e a marinha favoreceu o transporte.

A escola foi fundada em março de 1934, ministrando neste período inicial apenas o ensino elementar, de confissão católica, administrado pela congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, tiveram como pioneiras na manutenção das atividades a Madre Manoela Simonis, Irmã Maria Firmina Simon e Irmã Carla Schech, após vieram Irmã Deolinda Spohr, Irmã Aniceta Scheneider e Irmã Alba Hickmann. Primeiro de março é considerado o dia de fundação da escola, que contava com 92 alunos. A primeira aluna a se matricular foi Amélia Jorge.

[11] O relatório de 1933 contextualiza Canguçu, colocando que a Vila tem aproximadamente 3.000 habitantes, há no mesmo período a chegada dos imigrantes alemães, o comércio e indústria em desenvolvimento, um dos pontos importantes enfatizados é instalação da energia elétrica.

[12] Conforme relato encontrado no livro de Nilsa Teresinha Barun, p.104.

No dia 15 de dezembro de 1934 acontece o encerramento das aulas, feita uma festa aberta à comunidade com entrega dos atestados visitação à exposição em quatro salas de aula, duas de bordado e costura, uma de desenho e outra de caligrafia. No dia 11 de maio de 1934 foi a primeira vez que usaram uniforme na inauguração do pátio da escola. As meninas usavam saia grená, blusa branca e sapato preto, os meninos, túnica aberta (tipo militar), sapato preto, gravata preta e talabarte em couro, na comunhão usavam farda branca. O uso do uniforme demonstra o controle e disciplinamento imposto aos alunos. A autora Teive escreve:

> O uniforme escolar constituía-se num dos pontos importantes na produção do novo *habitus* pedagógico, contribuindo para aumentar o controle sobre o comportamento dos/as futuros/as professores/as para sedimentar o novo modo de se comportar (2008, p. 183).

A autora salienta ainda que o uniforme escolar é um mecanismo de auto-controle e autocondicionamento. Escreve que funcionava como um freio, forçando os alunos a terem posturas apropriadas com o novo papel atribuído na Primeira Republica[13]. O uniforme é usado desde o primeiro ano de funcionamento da escola, a turma do normal é condicionada também a este disciplinamento.

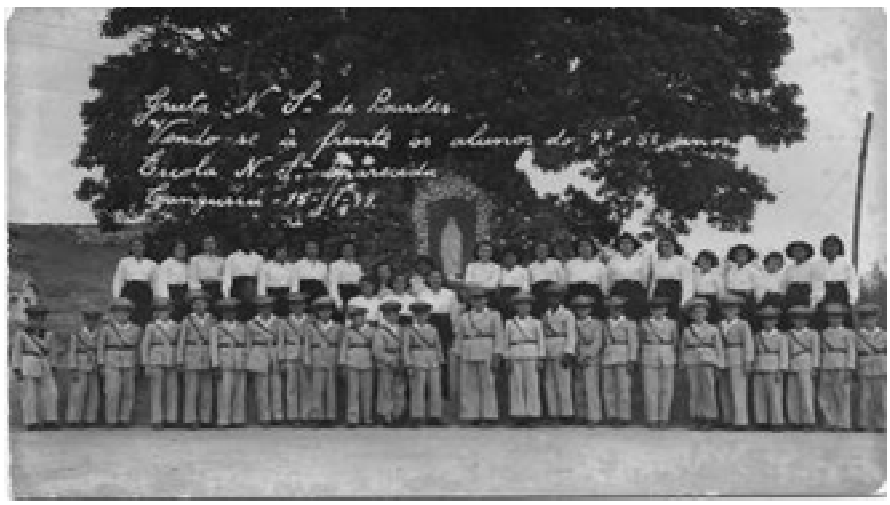


Figura 4: Turmas 4º e 5º Ano Primário. Todos alunos da Irma Maria Arcângela Brancher (15/11/1949).

Fonte: Arquivo da escola

Esta foto revela o disciplinamento, ordem seja em função do uniforme, postura dos estudantes, a diferença do uniforme reforçando o gênero, mulher de saia, camisa mostrando uma delicadeza enquanto os meninos de roupa com talabarte passando

[13] Ler mais: “Uma vez normalista, sempre normalista”. Gladys Mary Ghizoni Teive onde escreve sobre Cultura Escolar e Produção de um habitus pedagógico. Escola Normal Catarinense – 1911-1935.

uma ideia de força, coragem, bravura. Também a posição reforça, ou seja, eles na frente, mulheres atrás, e podemos ver o elo com a religiosidade, através da imagem da gruta.

Em 1935, segundo relatos nos álbuns de arquivo da escola, durante a Semana Farroupilha, no dia 19 de setembro a madre Manoela, Irmã Firmina e 12 alunas, visitaram Piratini (município vizinho), pois haviam recebido um convite do Padre daquela Paróquia para cantarem na missa. Viajaram de caminhão até Piratini e chamaram atenção do povo, que ficou admirado com a presença de irmãs, pois muitos não conheciam tal organização. No ano de 1936, as mães solicitaram às irmãs, que preparassem as crianças para primeira comunhão e até a mulher do Prefeito tomou parte no grupo de neo-comungantes.

Em 23 de março de 1954 foi iniciado o curso ginasial, com 45 alunos, então a escola passou a chamar-se Ginásio Nossa Senhora Aparecida, tendo como primeira diretora a Madre Carolina Altayde. Em 1955, é iniciada a construção de um novo prédio[14] sendo que, em 1957, segundo relatório da escola, tornou-se possível equipar cinco novas salas de aula com mesinhas e cadeiras novas, era a parte térrea da nova construção.

A seguir fotos da construção do novo prédio, que representou um aumento no atendimento aos alunos de Canguçu e região, bem como uma maior qualificação do trabalho educacional:

Figura 5: Construção do novo prédio da escola, um anexo.

Nos arquivos da escola bem como nas entrevistas realizadas nesse trabalho, encontramos as informações de que os pais, confiantes nas Irmãs Franciscanas,

[14] A construção foi realizada junto ao primeiro prédio.

expuseram suas necessidades e surgiu o desejo de criação no município da escola normal para a formação de professores. A Madre Marilda Braun, corajosamente lança-se à luta e em 16 de novembro de 1965 consegue autorização para o funcionamento do curso que iniciou suas atividades em 1º de março de 1966, com a matrícula de 52 alunas, passando a denominar-se então Escola Normal Nossa Senhora Aparecida, mais tarde por consequência das reformas de ensino passa a denominar-se Colégio Nossa Senhora Aparecida e atualmente a fim de reforçar seus ideais filosóficos de "paz" passa a ser chamado "Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida".

Muitas Irmãs passaram pelo Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, deixando sua marca de trabalho, amor e dedicação no anonimato. Registramos o nome das diretoras e superioras, desde a fundação até hoje:

1. Irmã Manoela Simonis - janeiro de 1934 a fevereiro de 1938
2. Irmã Eustóquia Klaftke - fevereiro de 1938 a junho de 1940
3. Irmã Firmina Simon - junho de 1940 a dezembro de 1942
4. Irmã Leonia Biesdorf - janeiro de 1943 a outubro de 1946
5. Irmã Gisela Grings - outubro de 1946 a janeiro de 1952
6. Irmã Clarice Pinto - fevereiro de 1952 a janeiro de 1954
7. Irmã Carolina Atayde - fevereiro de 1954 a dezembro de 1954
8. Irmã Régia Volkmer - dezembro de 1954 a junho de 1957
9. Irmã Nelcinda Braun - julho de 1957 a fevereiro de 1963
10. Irmã Doris Carrard - março de 1963 a janeiro de 1964
11. **Irmã Alícia Braun (Irmã Marilda) - março de 1964 a agosto de 1970**
12. Irmã Mariana Ross - agosto de 1970 a agosto de 1973
13. Irmã Maria Olivia Schuster - agosto de 1973 a setembro de 1979
14. Irmã Cecília Ivone Rigo - setembro de 1979 até hoje.

Estes dados foram informados pela escola. Parece interessante ressaltar que a escola não tinha, até então, sistematizado essas informações, tinha os nomes, mas não o período. Assim, através dessa pesquisa a escola, historicamente, também organiza estes dados importantes. O nome da Irmã Alicia Braun[15] está em negrito em função de ter sido a diretora no período pesquisado e ter sido possível realizar uma entrevista. A irmã está com 89 anos e reside na cidade de Pelotas.

[15] Irmã Alícia adotou o nome de irmã Marilda quando vez os votos da ordem franciscana. Temos documentos que aparece o nome de Alícia Braun e outros em que aparece o nome de Marilda Braun.

A Irmã Maria Firmina Simon, devido às contribuições ao município, foi homenageada quando a Prefeitura Municipal em 1999 deu seu nome a uma escola municipal urbana, que hoje atende cerca de 450 alunos, da educação infantil, ensino fundamental e EJA.

O Colégio faz parte da Rede de Instituições educacionais da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte (SCALIFRA-ZN)[16], que tem por missão: “Desenvolver qualificados serviços educacionais, segundo as leis franciscanas, num ambiente fraterno e inovador, contribuindo para formar cidadãos capazes de promoverem a vida e de responderem aos desafios da ciência.”

As instituições educacionais, mantidas pela SCALIFRA-ZN, constituem um marco na educação de várias gerações. É uma das congregações femininas pioneiras em educação no Rio Grande do Sul, que dirige e mantém escolas neste e em outros estados, estas escolas escreveram páginas de intenso significado para a cultura e desenvolvimento da sociedade. A história de Canguçu foi marcada pelas ações da escola, seja na área da educação, seja na área da assistência social e saúde. Pontuamos que o fato marcante na educação de Canguçu foi a instituição do curso normal para preparação dos profissionais que viriam a fazer parte do quadro de professores municipais.

No próximo capitulo procuraremos discorrer sobre a instalação do curso normal, seu funcionamento, inserção na comunidade de Canguçu e o papel atuante dessa instituição na formação de normalistas.

[16] Organização com sede em Santa Maria/RS, instituições em diversas localidades, abrangendo a educação infantil, básica e superior.

3 Curso Normal

Conforme Tambara (2008) o Estado do Rio Grande do Sul, apesar da inserção relativamente tardia no contexto socioeconômico nacional, tem desenvolvido um sistema educacional com grande destaque e com peculiaridades que fazem com que seja um lócus privilegiado para a investigação na área de educação. O autor sustenta que o processo de instalação de cursos normais foi um processo lento e bastante complexo que envolveu a resolução de uma série de questões que postergaram sua constituição.

> Após muitas delongas, a Escola Normal foi criada em 1869. Entretanto, desde o início foi um foco de conflitos, tanto de cunho político como de cunho propriamente técnico. Sob este ultimo prisma, a questão dizia respeito justamente ao aspecto essencial da escola normal, isto é, à estrutura curricular para a formação de professores. Em termos pragmáticos, o que se verificou foi uma disputa ideológica entre vários paradigmas que propugnavam estruturas diferenciadas para o processo de formação e profissionalização do professor (TAMBARA, 2008, p.15).

Desde 1869 muitas mudanças ocorreram na proposta de instalação do curso normal no sul do Brasil, mas sempre foi pauta de discussão e prioridade nos governos estaduais[17]. Tambara observa em seus escritos que é importante notar o aparecimento de estratégias de formação de professores vinculados às confissões religiosas.

> Tanto a igreja Católica como os sínodos luteranos preocupavam-se com este problema, ou pelo menos, percebia a importância que o domínio ideológico sobre tal aparelho implicava em seu proselitismo religioso. (p.18) [...] O governo Estadual, na medida em que a ideologia positivista arrefece, começou a interferir mais fortemente na área de formação de professores no Rio Grande do Sul. Uma das alternativas foi o estabelecimento de convênios com instituições de ensino particulares (TAMBARA, 2008, p.19).

Acompanhando o estudo do autor podemos verificar que as cidades com perfil rural também foram motivo de preocupação e priorização de instalação de cursos normais, conforme segue:

> [...] tem grande impulso no estado gaúcho quando em 1942 celebrou-se um convênio entre a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul e a Arquidiocese de Porto Alegre que resultou na criação das primeiras cinco Escolas Normais Rurais no Estado, embora algumas de duração efêmera (TAMBARA, 2008, p.25).

[17] Mais informações ler TAMBARA, Elomar. Escolas Formadoras de Professores de Séries Iniciais no Rio Grande do Sul Notas Introdutórias. Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul. Elomar Tambara e Berenice Corsetti, 2008, Editora da Universidade. UFPEL.

O Curso Normal de Canguçu foi uma reivindicação dos pais e irmãs franciscanas no município de Canguçu e diante do cenário político estadual e federal, podemos ver que surge num momento de mudanças, conforme explicita Tambara:

> A década de 60 caracteriza-se em todo o país por forte e aprofundado debate em relação à educação e que foi, a rigor, abortado pelo golpe militar de 1964. O desideratum deste processo foi a lei 5692/71 que desintegrou os sistemas estaduais mais autônomos, como o gaúcho, que mesmo no período ditatorial discutia seu sistema como se pode perceber pelo substitutivo ao Projeto de Lei n° 181/65 que "regulamentava o Sistema Estadual de Educação em termos de dispor complementarmente sobre diretrizes e bases da educação e consolidar a organização do sistema estadual de ensino" (TAMBARA, 2008, p. 35).

Na entrevista com a Irmã Alícia, diretora da época, ela lembra a ação do "DOPS" Departamento de Ordem Política e Social, a professora Evony diz não se recordar, acredita que não chegavam até as professoras e alunas estas preocupações com a ditadura. Salienta, ainda, o distanciamento das discussões políticas, ou seja, não havia uma relação entre a vida política e discussão em sala de aula. A normalista Luiza Helena comenta:

> Eu fico lembrando dos autores que a gente usou, não se fazia criticas à educação, muito romântico, a gente sai dali acreditando que ia mudar o mundo, uma utopia. A gente foi para o trabalho com um idealismo, uma vontade de construir, colaborar, ajudar as pessoas.. eu não perdi a utopia, só que hoje eu tenho a capacidade de enxergar contextos que eu não enxergava na época, as transformações são muito grandes nestes 40 anos trabalhando, é uma transformação enorme (LUIZA, 06/01/12).

Almeida (2008, a) escreve que as ligações entre o Estado e a Igreja no plano do ensino rural são determinantes para a compreensão do significado e da importância do professor rural e de seu trabalho junto às comunidades do interior.

> A influência da igreja e seus discursos possibilitou difundir-se concepções acerca do papel do/da professor/a, a própria noção de vocação para o magistério, encarando-o menos como uma profissão e mais como um sacerdócio. A valorização de parâmetros culturais rurais sob a visão do catolicismo são exemplos das relações que se estabelecem entre igrejas e educação rural. Enfim, pode-se dizer que a construção das identidades dos/das professores/as também era mediada pela Igreja e pelos discursos de uma moral e ética cristãs. Dessa forma, as primeiras Escolas Normais Rurais mantinham estreitas relações com a Igreja, pois ela foi sua grande promotora e incentivadora, de modo que a ética cristã fora amplamente difundida, fazendo parte da formação dos/das alunos/as primeiros/as professores/as gaúchos/as que tiveram uma formação especifica para o magistério rural. Além disso, provavelmente as preocupações com a nacionalização do ensino, com a formação pedagógica e com o êxodo rural também aproximaram a Arquidiocese de Porto Alegre e o Governo do Estado nessa iniciativa. Destaca-se, ainda, a relação de proximidade entre a Igreja e as pequenas comunidades rurais. Assim como a figura do padre era uma referencia, representando autoridade moral, exemplo de conduta e de postura adequadas, o/a professor/a, de certa forma, também deveria assumir este lugar junto às comunidades (ALMEIDA, 2008, p. 77a).

Segundo o autor João Cardoso Palma Filho (2005), a criação e organização das escolas normais, a exemplo do que acontecia com o ensino primário, era de responsabilidade dos governos estaduais. O Decreto-lei nº 8.530 estabelecia uma série de normas que deveriam ser observadas pelos cursos normais em todo o território nacional. O ensino normal passava a ter as seguintes finalidades: prover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias; habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas e desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância (ROMANELLI, 1999, p. 164).

O curso normal, conforme depoimento de Luiza Helena Moreira Silveira[18], era muito almejado em Canguçu, a própria depoente cursou um ano de Contabilidade, na expectativa de criação do Curso Normal, pois a dificuldade de estudar em Pelotas não permitia a realização da busca profissional que queria seguir, ser professora.

> Foram anos de batalha para criar o curso normal, foram dois três anos, que a irmã Marilda que era diretora teve envolvida para conseguir, a comunidade solicitava por que tinha muitos professores leigos, não tinham formação, acho que os professores formados era dos Irmãos Andradas, que vinham do Assis Brasil que vinham pra ca, demais eram professores que quando muito tinham o ginásio, na zona rural quando muito tinham até o 5º ano primário, ai começou a comunidade a pedir, só tinha contabilidade, basta que eu fiz uma no de contabilidade para não ficar parada, por que não tinha o curso, ia sair, sair e ai fizemos contabilidade para não ficar parada (LUIZA, 06/01/12).

As informações da aluna foram confirmadas pela diretora da época Irmã Marilda, que hoje, 2012 com 89 anos, reside em Pelotas trabalhando no Santuário da Adoração. A irmã recorda que:

> Vi toda a realidade de Canguçu ... pensei: "uma escola normal, não temos condições, ambiente pedagógico". O colégio era muito unido com os pais. Eu conheci a Lucinda que era Secretária de Educação nos cursos que eu fazia em Porto Alegre, então falei com ela para ver o que ela achava, coloquei a realidade de professoras que não tinha competência. Convidei para visitar Canguçu e conhecer Canguçu. Claro Canguçu era muito grande em extensão. Os pais solicitavam o curso normal, os alunos tinham concluído o ginásio (IRMÃ ALÍCIA BRAUN, 18/04/12).

A fala da Irmã evidencia vários fatores importantes, destacamos que a escola não apresentava condições pedagógicas para realização do curso, mas mesmo assim foram atrás da realização que oportunizaria uma melhora na qualidade dos profissionais que trabalhavam na educação do município. Salienta a importância da

[18] Luiza Helena Silveira foi aluna da Escola Normal, fazendo parte da primeira turma de formandos.

participação dos pais na busca para implantação, primeiro na solicitação depois na instalação propriamente dita. Ela lembra da mãe Edite Nunes que tinha filhos homens, mas lutou sempre pelo curso, ajudou muito, inclusive na recepção da Secretária, mas seus filhos não fizeram parte desta turma, sua ajuda era motivada pelo desejo de que se desse a implantação do curso. A irmã também fala na importância do Prefeito da época, o Queca[19] Nunes, que ajudou na captação de recursos a fim de viabilizar bolsas de estudo para os alunos que não tinham condições de pagar as mensalidades.

Outro fato lembrando pela irmã é sua participação nos cursos em Porto Alegre e, desta forma, sua proximidade com a Secretária de Educação. Essa aproximação foi de fundamental importância para começar os tramites de viabilização da instalação. A irmã relata ainda que por diversas vezes fez o regimento, ia mostrar para secretária para ver se estava certo.

> Foi aprovado tinha professores, fiz uma, duas, três vezes o regimento até ficar certo, eles deram orientação para fazer o regimento. Dentro da Secretaria de Educação tinha um departamento especial para curso normal (IRMÃ ALÍCIA BRAUN, 18/04/12).

No jornal comemorativo dos 50 anos do Colégio Nossa Senhora Aparecida[20] encontramos a seguinte notícia:

> Os pais, confiantes nas Irmãs Franciscanas, expõem seus problemas. Desejam a criação de Curso Normal. Madre Marilda Braun, sem olhar os obstáculos, corajosamente lança-se na luta e em 16 de novembro de 1965, consegue a autorização para o funcionamento do curso, tornando-se uma grande resposta no campo do Magistério Primário no município de Canguçu.

O curso veio atender uma necessidade de formação de profissionais para atuar no município, foi solicitado pelos pais conforme podemos verificar no comentário do jornal e muito esperado por diversas alunas, segundo depoimento de Luiza Helena. A normalista Maria da Graça comenta:

> Claro que as irmãs articularam o lado político, tinham contatos com os deputados na época, inclusive na nossa turma de formatura do 4° ano o paraninfo foi o deputado Alexandre Machado (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

[19] O Prefeito Joaquim Paulo Nunes era conhecido por Queca Nunes.

[20] Jornal O Canguçu. Ano I, Número 26. Datado 1°/05/84.

Portanto, percebe-se que houve articulações políticas para a instalação do curso no município de Canguçu. Entrevistando a aluna Lucia Maria Moreira, ela lembra a ida a Porto Alegre juntamente com seus pais, o Prefeito Queca Nunes e sua esposa para solicitar a viabilização do curso, conta:

> Eu me lembro de ir a Porto Alegre por que o pai, eu não lembro se era presidente do partido na época ou se era pela Associação Comercial que ele sempre participava muito, era da diretoria ou se ele era vereador na época, ele tinha envolvimento político, eu acho que era presidente do partido, por que eu me lembro que a gente foi com Seu Queca em Porto Alegre, na SEC para tratar da vinda do magistério para Canguçu, para pedir a autorização de funcionamento, ai nós fomos na Assembléia Legislativa, isso foi em 1965, por que em 66 começou a funcionar o magistério. Eu me lembro que foi a mãe, o pai, eu, Seu Queca, a dona Yara e o motorista, uma rural era o carro do Prefeito, eu enjoava que era um horror, mas eu fui, não era para representar mas eu fui junto. Lá, nós os cinco, percorremos esta trajetória toda, conversar com os deputados e onde nós chegava eles me apresentavam como uma aluna que queria fazer o curso, mas por acaso eu tava junto não tinha sido proposital, eu estava cursando contabilidade e estava satisfeita, não tinha me passado pela cabeça fazer magistério. Mas como não saiu o concurso que ia fazer para Exatoria comecei o magistério (LUCIA, 14/03/12).

Outro fato lembrado pela estudante foi um abaixo-assinado promovido por jovens que buscavam que o curso oferecesse o primeiro e segundo ano já que algumas alunas já tinham iniciado o curso de contabilidade, relata que conseguiram muitas assinaturas e que procuraram inclusive pessoas que já tinham feito o primeiro ano do curso em outro município e que agora estavam residindo em Canguçu:

> Uma outra coisa quando começou a pintar esta possibilidade de vir o normal, nós fizemos foi um abaixo assinado para que a escola já funcionasse com o primeiro e segundo ano, por que no curso de contabilidade tinha muita gente, por que toda esta nossa turma mais jovem do normal tava tudo na contabilidade, era o único curso que tinha, desta forma nós já poderia iniciar no segundo ano, só que claro não foi autorizado, por que a lei não permite que uma escola comece oferecendo o primeiro e segundo. Até acho que neste caso eles tinham toda razão, por que são cursos totalmente diferentes. A matemática da contabilidade é comercial, o português era o mesmo. Lembro que a gente foi numa senhora de um turco que tinha loja, que tinha feito o primeiro ano de magistério e tinha parado, a gente foi lá na experimental, onde hoje é o Centro de Convenções, onde o doutor Luiz Carlos Azevedo a esposa dele também tinha feito o primeiro ano também, fomos lá colher a assinatura dela também, ela também estava interessada e que se começasse o segundo ano ela também entraria. Me lembro que a gente fez uma lista grande, mas não foi autorizado (LUCIA, 14/03/12).

Pesquisando o álbum de registro da escola, no ano de 1965 encontramos a seguinte citação:

> Surge nova aurora no Aparecida! Reina grande entusiasmo para realização de um sonho em nossa cidade a Escola Normal Nossa Senhora Aparecida. Não se conseguiu que o curso funcionasse neste ano de 1965. No mês de dezembro no Jornal Oficial do dia 18, na página 27 encontramos a maravilhosa notícia: A Secretaria de Educação e Cultura baixaria portaria com a licença para o funcionamento do Curso Normal em nossa cidade. A alegria foi geral: tínhamos, agora, a licença e a esperança de que, no próximo ano, pudéssemos iniciar nossa jornada e a realização de nosso ideal.

Nestas palavras podemos observar a grande expectativa da chegada do curso normal ao município, que era esperado tanto pelas irmãs, pelas alunas e comunidade como um todo. A seguir transcrevo a portaria de autorização de funcionamento:

Quadro 2: Autorização de funcionamento

Secretaria de Educação e Cultura Diretoria de Expediente Portaria 18.934- 16/12/1965 O Secretário de Estado dos Negócios de Educação e Cultura tendo em vista o que consta do processo 57063-63 e em especial do Egrégio Conselho Estadual de Educação concede autorização para funcionamento em Canguçu, da Escola Normal Nossa Senhora Aparecida, de grau colegial, mantida pela Sociedade Caritativa e literária São Francisco de Assis. Lauro Leitão Secretário de Estado dos Negócios de Educação e Cultura D-7843-18-Dezembro

3.1 Condições de Ingresso

Para que as alunas pudessem cursar o normal teriam que passar por uma prova seletiva com disciplinas de português, matemática e conhecimentos gerais, para as alunas que tinham concluído o ensino ginasial na escola não precisavam passar pelo vestibular conforme nos conta a aluna Maria Helena Silveira:

> Fui interna 4 anos do colégio das Irmãs, para fazer o ginásio, em 58, depois passou o tempo é claro, tanto que eu casei, comecei a trabalhar primeiro e ai fundaram a escola normal e a chance que o Aparecida deu foi que as alunas que tivessem feito os quatro anos de ginásio tinham direito de entrar para o normal sem fazer vestibular (MARIA HELENA, 02/02/12).

O ingresso estava condicionado então à prova seletiva ou ter sido aluna da escola no ginasial, mas também tinham que apresentar atestados conforme segue[21]:

[21] Documentos comprobatórios em anexo, onde a aluna Maria da Graça Valente da Silveira autorizou a realização da cópia de documentos.

- Histórico escolar
- Atestado de imunização: documento assinado por médico do Posto de Saúde declarando estar imune à varíola.
- Atestado de saúde: também emitido por médico assegurando boa saúde física e mental da estudante.
- Atestado de idoneidade moral: constando que não há desabono de conduta emitido por professores com registro e reconhecimento de firma em cartório.

De posse da documentação e processo seletivo realizado, estavam prontas as alunas para começar a primeira turma do Curso Normal em Canguçu.

Reforça a comemoração quando lemos nos registros de 1966:

> Raiou o ano de 1966.
> Nossa terra está em festa!
> Nos primeiros dias do novo ano, todos os canguçuenses, rejubilam-se certos da realização de seu sonho: o funcionamento da Escola Normal Nossa Senhora Aparecida.
> A alegria foi geral: dezenas de jovens que aspiravam ao magistério vêem neste fato o passo importantíssimo para realização de seu ideal.
> Ao iniciar o ano letivo, após o vestibular, matricularam-se 52 alunas no 1º ano Normal. Por ser, muito numerosa, foi dividida da seguinte maneira:
> - Turma A com 22 alunas
> - Turma B com 30 alunas

3.2 Conhecendo as Normalistas

Na sequência podemos ver as fotos das duas turmas:

Figura 6: Turma A. Acervo: aluna Luiza Helena.

Figura 7: Turma B. Acervo da escola.

Das 52 alunas que entraram no primeiro ano, 42 chegaram à formatura, isto significa que 80,20% das alunas concluíram o curso, sendo as seguintes[22]:

Turma A

Aluna	Idade-anos
Carmen Maria Valente da Silveira	17
Dalva Ribeiro da Silva	21
Dolores Puhl	24
Elisabete Campos Gonzales	18
Gertrudes Theil	17
Helena Ester Pereira de Medeiros	19
Ilsa Adamoli	19
Izolda Leal Leal	17
Jussara Pureza Valente	16
Lidia Maria Scursone Barbosa	18
Lucia Maria Moreira	17
Luci Marta Muller Romig	16
Luiza Helena Moreira	16
Maria da Graça Valente Silveira	18
Maria de Oliveira Luçardo	18
Maria Terezinha Zanetti Paiva	18
Marlene Oliveira de Oliveira	18
Vera Maria Vaz Rocha	17
Vera Regina Jorge da Rosa	16

[22] A idade é na época de matrícula das alunas, em 1966.

Turma B

Aluna	Idade-anos
Beatriz Joana Zanetti da Rosa	18
Bela Regina da Silveira	17
Cecy Rosa Silveira	24
Cleusa Porto Garcia	22
Dione Coelho Barbosa	26
Elodi Foster Marques	21
Ignes Chistina Schnem	50
Jaci Maria Gularte da Fonseca	18
Laci Mota de Campos	19
Maria Adolphina Pereira	29
Maria Almeida dos Santos	23
Maria Cecília Sedrez Pinto	28
Maria Clara Ribeiro Duarte	23
Maria de Lourdes Muller Borges	19
Maria Helena Campos da Silveira	20
Maria Iole Gularte Duarte	20
Maria Lucia Nunes de Campos	17
Maria Zoleina Gonçalves da Silva	17
Mariluz Pereira de Campos	18
Marlene Barbosa Coelho	28
Vera Regina de Oliveira Foster	20
Yone de Paiva Améz	27
Zélia Picanço Canez	19

Segundo depoimento das alunas, as turmas foram divididas pensando no fator idade ou, em alguns casos, nas necessidades das alunas. As fotos revelam a diferença entre as turmas, podemos observar, por exemplo, na turma A foto é na rua, de forma mais à vontade, sorrisos, sem muita preocupação com a postura; enquanto que na turma B a foto é dentro da sala de aula, algumas sentadas e outras colocadas de forma uniforme, sorriso mais contido, roupas alinhadas. Nas entrevistas, uma das primeiras falas era lembrando a existência das duas turmas e as diferenças entre elas:

> Turma A é das novas, até tinha na outra turma gurias da nossa idade, mas a nossa turma não tinha nenhuma casada, então a gente tava assim, naquela fase de namoro, já na outra a maioria, grande maioria já era casada, com filho. Tinha duas internas que uma estava na nossa turma a Terezinha e a Dolores na outra turma. E tinha a Inês Cristina que era uma freira na outra turma (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

> Eram duas turmas, uma das que tinham mais idade, onde estava a Marlene, que ela liderava esta turma, a Cecilia Pinto, a Celinha, a irmã da Marlene, todas elas já eram mães, que voltaram, tinha uma de Piratini, a Maria Zoleina, outras vieram do interior. A turma que eu era líder era a turma mais jovem, eu era a mais jovem, a mais moça de todas elas, a gente tinha muita disputa de uma turma com a outra, os professores faziam muitas comparações, os trabalhos que uma turma fazia, os trabalhos que outra turma fazia e a Evony sempre dizia que nossa turma sempre fazia muita bagunça no intervalo, pelos corredores da escola, mas na hora de apresentar os trabalhos, a gente apresentava super bem, a gente queria muito aquilo, era o curso que a gente tava, completamente diferente de hoje que a maioria nem sabe o que ta fazendo lá, a maioria empurrado pelas mães, ninguém sabe muito o que quer fazer lá.. Alguns se apaixonam, mas é completamente diferente, era um grupo que queria ser professor, as duas turmas (LUIZA HELENA, 06/01/12).

Percebemos pelas falas das alunas as diferenças existentes entre as turmas como fator idade, vivência de sala de aula, bem como rivalidade em produtividade, melhores trabalhos e comparações de professores entre as duas turmas, estimulando a concorrência, fica claro o objetivo comum das duas turmas: buscar ser uma professora. Durante as entrevistas a normalista Maria da Graça chega a comentar:

> [...] as próprias meninas todas que tinham se formado lá na 4ª série, sonhavam em ser professora por que era a profissão que ainda dava ibope [...] (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

O curso que começara no município oportunizava às moças da cidade e do interior ter um status na sociedade. Identificar quantas alunas vinham do interior do município no arquivo da escola não foi possível, pois todas tinham como local cidade, porém tenho conhecimento[23] que havia alunas do interior, como as que vinham da Coxilha dos Campos, primeiro distrito de Canguçu. Eram cinco alunas que vinham de carro, modelo fusca dirigido pela normalista Maria Helena Campos da Silveira, conforme lembra:

> Nós éramos cinco da Coxilha, eu a Bela, a Laci, a Beatriz e minha irmã Lucia. Foi no terceiro ano que elas vieram comigo. Ai nós tinha um fuquinha e elas vinham tudo comigo, nós era cinco no fuca, eu me lembro uma vez que furou o pneu lá na Picada dos Rosas, nós vinha tudo de uniforme, quando eu morava em Canguçu nos se reunia na minha casa, era trabalho, era tudo ali (MARIA HELENA, 02/02/12).

Na entrevista com a normalista Beatriz pode-se comprovar que havia alunas do interior, pois em sua fala fica claro que retrata uma realidade rural, na atividade de agricultura:

[23] Somos da mesma localidade, e numa comunidade pequena as pessoas se conhecem.

> Eu me lembro como se fosse hoje, claro a gente não tinha recurso, me lembro como se fosse hoje, e a gente tava plantando ou arrancando uma lavoura de batata e eu disse pro pai, eu quero fazer magistério, vamos ter que dar um jeito, vou ter que fazer este magistério, me lembro bem direitinho, acima do açude lá em casa (BEATRIZ, 13/01/12).

Na formatura elas tiraram uma foto com a professora Evony. Este era um grupo que dependia das condições de transporte.

Figura 8: Alunas: (da esquerda para direita) Maria Lucia Nunes de Campos, Maria Helena Campos da Silveira, Professora Evony Prestes, Laci Mota de Campos, Bela Regina da Silveira e Beatriz Joana Zanetti da Rosa.
Acervo: Beatriz Zaneti

Um dos registros com toda turma do curso normal no pátio interno da escola, uma das alunas era irmã franciscana, Ignes Chistina Sehnem, natural de Santa Cruz do Sul, segundo os dados de matrícula, 50 anos de idade. Na direita da foto a irmã diretora (Marilda Braun) que realizou a instalação do curso bem como se manteve no cargo até a formatura, acompanhando todos os passos desta turma.

Figura 9: Foto da 1ª turma do curso normal. Acervo: Colégio Aparecida.

Nas palavras da normalista Maria da Graça podemos acompanhar o que significou o curso na vida destas estudantes e para a educação de Canguçu:

> A Escola Normal pode ser considerada como um marco educacional, cultural, social, econômico e familiar na história desta terra a partir do ano de 1965. A fundação desta escola alimentou e renovou as expectativas de um futuro melhor, mais estável financeiramente para quem já sonhava de ter como profissão, o exercício do magistério. Até então, quem concluísse o Curso ginasial tinha, na cidade, apenas uma opção de Ensino Médio: a Escola Técnica de Comércio José Bonifácio. Com exceção, alguns conseguiam estudar em cidades vizinhas. Graças ao incansável trabalho das abnegadas Irmãs Franciscanas que desde a década de 1930 demonstram preocupação e interesse pela educação e seu desenvolvimento em Canguçu, conseguiram, com apoio de toda sociedade, tornar real o sonho acalentado por anos e anos da criação de uma Escola Normal. E, a partir de 16 de dezembro de 1965, todo o município e cidades da região passam a viver um novo tempo na área da educação. No ano de 1969, a escola é oficialmente reconhecida e registrada como instituição formadora de futuras professoras. A semente "da educação" plantada com o Curso Normal nesta cidade continua a crescer e a espalhar seus frutos até hoje nos mais variados âmbitos da comunidade com trabalhos desenvolvidos por excelentes professoras que corajosamente abraçaram a educação, sua causa e conseqüências (MARIA DA GRAÇA, 17/01/12).

Pela análise podemos perceber o entusiasmo das alunas nas atividades proporcionadas pela escola, a interação com a comunidade e a seriedade das atividades na formação, sempre com a base franciscana. Muitas atividades foram proporcionadas, vivenciadas pelas normalistas, em que o eixo principal perpassava os ensinamentos franciscanos, a seguir iremos tratar do currículo, quais as disciplinas que foram trabalhadas na primeira turma.

4 Currículo e Regimento Escolar

Neste capítulo faremos uma apresentação do currículo e do regimento escolar. Quais foram as disciplinas estudadas pela primeira turma de normalistas? O que foi visto em cada ano? Quais foram as didáticas trabalhadas? Quem foram os professores? Qual era o diferencial desta turma do curso normal de Canguçu? O que apresentava o regimento em relação à escola normal?

Pessanha (2010, p. 23) escreve que o currículo é a expressão da função da socialização cultural da escola e também das opções sociais e culturais feitas por uma determinada sociedade. Ao apresentar a seleção dos conteúdos a serem transmitidos na escola, organiza os horários de aula, as disciplinas por séries bem como estabelece a lógica e o conteúdo, buscando a operacionalização e a concretização do ensino.

Ao considerarmos a organização curricular fundada na disciplinarização, estamos diante da ideia de que esta é formadora de mentes, ligada ao conceito de currículo como prescrição e determinante do que e como se deveria ensinar, ligadas estreitamente a noção de organização social.

Para Zotti (2004, p.1) tradicionalmente currículo significou uma relação de matérias/disciplinas com seu corpo de conhecimento organizado numa sequencia lógica, com respectivo tempo de cada uma (grade ou matriz curricular).

Segundo Garcia (2007, p.119), dentro do campo educativo, denomina-se currículo um percurso de formação expresso no ordenamento e no recorte específico de certas disciplinas. Os elementos formais deste percurso ou "currículo formal" (Perrenoud, 1993) são organizados pela instituição que o adota. Nesse sentido, ele é programado para atender às necessidades do público selecionado pela instituição, engendrando certas aprendizagens especificas. Garcia (2007) continua colocando que o currículo contém também aspectos cujas consequências parecem não ter sido programadas pela instituição, um "currículo oculto" (PERRENOUD, 1993).

O curso normal como um curso de formação profissional, tratava-se da formação especializada de um profissional "o professor do ensino primário", que deveria ter o domínio dos conhecimentos teóricos e dos processos modernos requeridos para o exercício da profissão. Com base nesse raciocínio, o curso normal estruturou-se com um núcleo de disciplinas obrigatórias, que compreendia:

a) disciplinas de cultura geral, comuns aos outros cursos de nível médio: Língua Pátria (nas três séries), Matemática, Estudos Sociais, Ciências Naturais, Atualidade Brasileira; b) disciplinas teóricas, de caráter instrumental: Introdução à Educação, Biologia Educacional, Psicologia Educacional, História e Filosofia da Educação; c) disciplinas de caráter profissionalizante: Didática Geral, Didática da Matemática, Didática da Linguagem, Didática dos Estudos Sociais, Didática das Ciências Naturais, Preparação de Material Didático e Prática de Ensino.

Além das disciplinas obrigatórias, havia ainda possibilidade de serem oferecidas disciplinas optativas e práticas educativas. Assim, o estabelecimento poderia escolher uma ou duas disciplinas optativas, para compor o seu currículo, entre elas: Língua Estrangeira Moderna, Direito Usual, Desenho, Datilografia, Biblioteconomia, História da Arte, ou outra considerada de interesse para a formação de professores do ensino elementar. Em relação às práticas educativas, com exceção da Educação Física, que era obrigatória, eram recomendadas para o curso normal: Recreação e Jogos, Música na Escola Primária, Arte Infantil e Educação Visual. Registre-se, ainda, que o Ensino Religioso era disciplina de matrícula facultativa, mas no caso da escola, da turma em estudo, enquanto escola franciscana era ministrada em todas as séries.

O artigo 52 da Lei de Diretrizes e Base 4.024 de 1961, localizado no site Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, afirma que:O ensino normal tem por fim a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário, e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância.

Na assertiva do Artigo 53: “A formação de docentes para o ensino primário far-se-á: a) em escola normal de grau ginasial no mínimo de quatro séries anuais, onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial será ministrada preparação pedagógica”.

4.1Quadro Comparativo das Disciplinas

Quando solicitado na escola a grade curricular, um padrão documental é entregue, embora seja distinto do currículo constante do histórico escolar das alunas. Apresentaremos os dois currículos e anexaremos o documento histórico escolar da aluna Maria da Graça Valente da Silveira.

O currículo apresentava disciplinas e práticas pedagógicas em que, segundo o entendimento da professora Evony Prestes dos Santos, havia disciplinas mais teóricas, que exigiam estudo; enquanto que as práticas pedagógicas colocavam as alunas na prática, na ação. Ela comenta quanto à religião, por exemplo, que é uma vivência do aluno, assim como a educação física e práticas agrícolas.

A avaliação era semestral, as disciplinas de Português, Matemática, Ciências Sociais, Ciências Físicas e Biológicas, Filosofia e Psicologia são avaliadas como notas numéricas enquanto que as práticas pedagógicas, educação Religiosa, Educação Física e para o Lar, Educação Artística Plástica, Teatro e Danças folclóricas são através de conceitos.

Quadro 3: Ano de 1966 – 1ª série

	Informados pela escola		**Conforme histórico**	
DISCIPLINAS	**1º e 2º semestre**		**1º e 2º semestre**	
Português e Literatura	**4**	**4**	**-**	**-**
Português	**-**	**-**	**X**	**X**
Matemática	**4**	**4**	**X**	**X**
Estudos Sociais	**3**	**3**	**X**	**X**
Ciências Físicas e Biológicas	**2**	**2**	**X**	**X**
Filosofia	**2**	**2**	**X**	**X**
Psicologia	**3**	**3**	**X**	**X**
Moral e Cívica	**2**	**2**	**-**	**-**
PRÁTICAS EDUCATIVAS				
Educação Religiosa	**2**	**2**	**X**	**X**
Educação para o Lar	**1**	**1**	**X**	**X**
Educação Física	**2**	**2**	**X**	**X**
Educação Artística: Música	**1**	**1**		
Educação Artística: Desenho/Artes	**2**	**2**	**X**	**X**
Teatro			**X**	**X**
Danças Folclóricas (extra-classe)			**X**	**X**

Observação: O “X” significa que a disciplina foi trabalhada com a turma mediante comprovação do histórico escolar, não há indícios de quantos créditos.

Do currículo apresentado pela escola para a primeira série não encontramos no histórico as disciplinas de literatura, moral e cívica e música, foram avaliadas em teatro e tinham como atividade extraclasse danças folclóricas. A escola informa Estudos Sociais, no documento oficial das alunas aparece como: Ciências Sociais, conforme documento em anexo.

A professora Laedi lembra como era a matemática que ministrava às alunas, onde faziam uma recapitulação de conteúdos para preparar a entrada das disciplinas de didáticas.

> A matemática que eu dava era do curso elementar, nós fizemos uma recapitulação por que tu sabe que quando abriu o magistério aqui as meninas, as estudantes, estavam aguardando a criação do colégio aqui, já estavam afastadas de tudo alguns anos, por que não veio em seguida, elas tiraram o ginásio e ficaram esperando. Então em 66 elas deram oportunidade para estas meninas terem aulas de matemática de recapitulação de todo o curso primário. Então era esta a minha missão: recapitular toda, toda matemática do curso primário. Tinha outra que recapitulava português que era para dar uma base de sustentação... aquelas que precisavam ter conhecimento básico para ir adiante, para depois entrar na didática, elas tiveram. E acho que foi maravilhoso, até vou te dizer: tem umas que eu encontro até hoje, uma que até já faleceu Marlene coelho, ela chegava me abraçava e dizia assim: Laedi, eu fiz as pazes com matemática quando tu desse aquelas aulas no magistério, por que ela disse que sempre teve horror de matemática (PROFESSORA LAEDI, 09/01/12).

A aluna Maria da Graça comenta na entrevista sobre as aulas de artes, que o professor era diferente fisicamente e que apresentou novas formas de trabalho, explorando matérias até então não trabalhadas e também ministrou aulas de teatro:

> A gente teve bons professores, até alguns vieram de fora. Nós tivemos um professor de arte, que ele era bem estranho, tipo físico dele bem diferente dos padrões, ele aplicou uma técnica de trabalho que nenhuma de nós conhecia, que era argila, trabalhar com argila. Ele era um cara barbudo, que era raro na época, magro, ele vinha de Pelotas, para nos dar aula. Ai ele exigiu um uniforme para gente fazer este trabalho, um avental xadrezinho, de vermelho e branco, tinha no bolso uma aplicação "ARTES". Ele dava aula na parte do colégio que na época a gente chamava de porão, mas hoje tudo é utilizado para sala de aula, e ali foi adaptado por que ele ia trabalhar com argila, a gente se realizou com este trabalho, foi uma experiência totalmente diferente, é uma coisa que ele já dizia que a gente poderia trabalhar com a criança, e era uma coisa totalmente nova pra todas nós. Ele deu noções de teatro, ele ensaiou uma peça com as meninas que tinham mais disposição, pra não serem todas, era uma turma enorme e tinha sempre aquelas que gostavam mais ou de música ou de teatro, ele preparou uma peça com elas, ensaiaram, se apresentaram. Além das noções sobre teatro ele deu explicações sobre o valor do teatro, isto ai foi muito interessante, que todo teatro pretende dar uma comunicação, Professor Franklin Silveira. Tinha duas irmãs que gostavam de trabalhar com teatro, Irmã Nemésia com o curso normal, e a Marlene (aluna) que também gostava (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

A normalista Beatriz também faz referência ao professor de artes e o modo diferente de como trabalhava:

> Professor Franklin, era muito inovador, ele levou para ver a casa do Zé Bento, a igreja, para trabalhar o estilo colonial português (BEATRIZ, 13/01/12).

O padre Zomar também é lembrado pela aluna Beatriz, que comenta o quanto ele era sábio, não levava nada de material didático para sala de aula. Que certa vez deu uma aula falando sobre "polvo" e elas não sabiam o que era:

> Padre Zomar era jóia, dava português e depois literatura, sábio, ele sabe, era muito, muito bom, as aulas dele aquela história do polvo a gente nem sabia, eu imaginava que é um polvo, como a coisa era diferente, hoje tu falar sobre um polvo, sabe que as crianças não sabem, muitos não sabem, tu vai levar uma figura, mas naquela época ninguém levou figura. Mas o pitoresco era assim, naquela época ele usava batina, ele era bem alto, ele é enorme, bem magrinho, cabeça bem pequenininha, sinal de inteligência mesmo, e ele andava muito com um guarda-chuva quando era tempo de chuva e a Bela muito sem vergonha, nós sentava bem perto da porta, vinha o padre Zomar e a Bela desenhava o padre Zomar e passava e a risada era grande, desenhava, se dava o trabalho de contar os botõezinhos da batina e o guarda-chuva na mão, parece que eu to vendo. Foi um dia que ele descobriu, mas levou na esportiva, ele era legal. Ele não levava nada para dar aula tu sabe, ele dava por que sabia (BEATRIZ, 13/01/12).

A normalista recorda que antes do padre esteve na escola uma professora de literatura que foi bem difícil acompanhar as aulas:

> Olha só tenho uma coisa assim, que não é uma boa recordação, que é de uma professora de literatura, acho que era no segundo ano de magistério que vinha de Pelotas, literatura não é uma coisa muito fácil, não acho muito fácil, ela dava aulas sábados à tarde, nós tínhamos que ir sábados à tarde, ah, essa era cruel, não sei se ela dominava muito bem o assunto, por que, na época a gente não tinha, acho que se fosse hoje a gente já saberia como, os alunos já sabem cobrar mais, já sabem exigir seus direitos, agente ficava meio que não tinha esta visão de hoje. As notas eram, ba ... as provas eram dela eram um terror, a única coisa que eu acho que não foi positivo (BEATRIZ, 13/01/12).

A normalista manifesta nesta fala o quanto o curso foi proveitoso, que vivenciaram boas aulas, com bons profissionais, guardando uma única recordação como desagradável, ou seja, aulas de literatura como uma professora que não dava o embasamento suficiente para cobrar dos alunos posteriormente.

No início do curso tiveram seis disciplinas e seis práticas pedagógicas, a seguir as disciplinas que fizeram no 2° ano:

Quadro 4: Disciplinas para o Curso Normal – Ano de 1967 – 2ª série

DISCIPLINAS	**3º e 4º semestre**		**3º e 4º semestre**	
Português	**3**	**3**	**X**	**X**
Matemática	**1**	**1**	**X**	**X**
Psicologia	**3**	**3**	**X**	**X**
Filosofia e História da Educação	**2**	**2**	**X**	**X**
Sociologia da Educação	**2**	**2**	**X**	**X**
Biologia Aplicada a Educação	**2**	**2**	**X**	**X**
Didática Geral	**3**	**3**	**X**	**X**
Didática Especial de Linguagem	**2**	**2**		
Didática Especial de Matemática	**-**	**3**		**X**
Didática Especial de Estudos Sociais	**2**	**2**	**X**	**X**
Moral e Cívica	**2**	**2**		
Didática Religiosa			**X**	
PRÁTICAS EDUCATIVAS				
Educação Religiosa	**2**	**2**		**X**
Educação Física	**2**	**2**	**X**	**X**
Educação Agrícola	**1**	**1**	**X**	**X**
Educação Artística: Cinema	**1**	**1**	**X**	**X**

A disciplina especial de linguagem não consta no histórico escolar, e didática de matemática somente no segundo semestre, enquanto no primeiro era ministrada a didática de ensino religioso. Nessa série havia uma apresentação às alunas das disciplinas de didática, buscando assim a formação profissional. O primeiro ano foi um resgate do ginásio, conforme coloca a professora Laedi Bosembecker, em 1967 entraram cinco didáticas, religiosa, estudos sociais, matemática, geral, biologia aplicada à educação, mantendo as disciplinas de matemática, português, filosofia, psicologia.

Uma estranheza na análise é quanto à disciplina de Moral e Cívica, que consta como disciplina a ser ministrada em todos semestres, contudo não temos indícios no histórico escolar. A educação agrícola trabalhada com as alunas faz parte do atendimento à realidade local.

Outro fator que chama a atenção é o estudo do cinema. Durante o período pesquisado o cinema era uma das atrações na cidade, movimentando a juventude e a elite local. Nas entrevistas é possível perceber que as alunas frequentavam as matinês e no decorrer da pesquisa enfatizaremos as diversões desta época das normalistas.

O número de práticas educativas é reduzido e aumenta o período das disciplinas, enfocando então na preparação destas futuras profissionais, conforme veremos no quadro a seguir:

Quadro 5: Ano 1968 – 3º série

DISCIPLINAS	**5º e 6º semestre**		**5º e 6º semestre**	
Português	**3**	**3**	**X**	**X**
Matemática	**1**	**1**		
Psicologia	**3**	**3**	**X**	**X**
Filosofia e História da Educação	**2**	**2**	**X**	**X**
Sociologia da Educação	**1**	**1**	**X**	**X**
Didática Especial de Linguagem	**2**	**2**	**X**	**X**
Didática Especial de Matemática	**4**	**4**	**X**	**X**
Didática Esp. de Ciências Naturais	**2**	**2**	**X**	**X**
Higiene Escolar	**1**	**1**	**X**	
Higiene e Puericultura				**X**
Administração de Classes e Escolas	**2**	**2**	**X**	**X**
Moral e Cívica	**1**	**1**		
Didática Educação Religiosa			**X**	**X**
Didática Educação Fisíca			**X**	**X**
Didática de Ciências Naturais				**X**
PRÁTICAS EDUCATIVAS				
Educação Religiosa	**2**	**2**		
Educação Física	**2**	**2**		

A disciplina de matemática e moral e cívica não eram ministradas. Educação religiosa e educação física foram trabalhadas em forma de didática foi

dada a disciplina de administração escolar.[24] As práticas educativas deram lugar às disciplinas de formação e preparação à normalista que no próximo ano faria o estágio.

> Creio que do início ao término do Curso Normal tudo foi muito marcante em nossas vidas. A cada dia uma nova expectativa, uma nova experiência. As disciplinas de Sociologia, Filosofia, Biologia, Matemática Moderna e Artes eram apreciadíssimas. Em sala de aula, nas disciplinas de Didática, realizamos várias técnicas de trabalhos em grupo e, para perdermos a timidez, alguns trabalhos solicitados tinham o objetivo da pesquisa e apresentação do resultado em forma de aula, para os demais colegas. Como atividades extraclasse realizamos excursões (MARIA DA GRAÇA, 17/01/2012).

Na entrevista com professora Laedi, ela comenta que no último ano as alunas realizavam observações em salas de aula e até uma escola foi criada na zona urbana de Canguçu para receber as estagiárias do curso Normal.

> No terceiro ano tudo era voltado para prática, elas então tinham, iam observar aulas, já se preparando para o estágio, através da direção da escola a escola entrava em contato, oferecia e oportunizaram para elas assistirem aulas dos professores para se prepararem e depois então fazer o estagio. A escola Santo Antonio, por exemplo, foi criada, era um anexo do Aparecida que elas iam fazer estágio ali (PROFESSORA LAEDI, 09/01/12).

4.2 Regimento Escolar

O plano curricular entregue pela escola consta nos documentos da Secretaria da Escola, datado de 10 de julho de 1971, assinado pela Diretora Ermelinda da Ross e pela fiscal Maria Helena Silva Hernandorena - fiscal.

As diferenças apontadas entre o plano entregue pela secretaria da escola e o histórico da aluna pode ser em função da data, já que o documento da secretaria é de 1971. A escola colocou que este era o documento do currículo enquanto que no histórico das alunas nem todas as indicações são iguais, pode ter acontecido alterações.

Observamos que as disciplinas de Educação Religiosa, Educação Física aparecem em todos semestres, com peso considerável. Explica-se a questão da Educação Física, que se aliava ao civismo, e tinha aulas ministradas por um militar, justifica-se a matéria para auxiliar a formar o espírito de militarização (GARCIA,

[24] Nos anos 70 Canguçu conta com mais de 200 escolas, muitas delas multiseriadas, o professor além de dar aulas era também o administrador, zelador e encarregado da merenda. Fonte: Entrevista com Laedi Backini Bosemcker.

2007, p.124). A educação religiosa era especialmente importante uma vez que a formação moral não poderia ser concebida sem uma sólida instrução cristã, chave principal de qualquer projeto de socialização dentro da cultura escolar católica.

A Psicologia era disciplina que tinha maior tempo de trabalho na formação destas normalistas. Outro fato marcante era a formação para o lar, disciplina que ensinava "a missão da mulher dentro do lar". Era necessário que as mulheres compreendessem que essa "natureza feminina" lhes conferia determinadas funções e que lhes cabia de bom grado (GARCIA, 2007, p.121) e as artes divididas em música, desenho e cinema.

Grazziotin (2008) ao trazer a tona o histórico da Escola Normal Estadual João XXIII em Bom Jesus, com a primeira turma formada em 1963, faz referência ao currículo. Quando contraposto em relação ao currículo da Escola Normal de Canguçu, é possível observar que há uma semelhança em seu formato, contudo, no currículo da Escola Normal de Canguçu, aparece Moral e Cívica enquanto que em Bom Jesus há uma referência "Educação Ética". Da mesma forma, quanto à didática especial, em Canguçu há uma discriminação de didáticas a serem estudadas (Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais) e em Bom Jesus há uma didática especial. A Sociologia aparece no currículo de Canguçu, assim como Literatura, Higiene Escolar e no ensino de Educação Artística as normalistas de Canguçu tinham que estudar sobre música, desenho, artes e cinema.

Para que fosse possível o inicio do curso, em que uma das exigências era a qualificação destes profissionais para atuarem, a própria diretora Irmã Marilda, lecionou quatro disciplinas: Psicologia, Filosofia, Religião e Agricultura, o Padre Zomar de Souza Garcia ministrou a disciplina de português, e Laedi Bosenbecker foi convidada conforme lembra:

> Quando elas foram na minha casa (as irmãs franciscanas, Madre Marilda (diretora) e Irmã Fátima) já foram me convidar para trabalhar e fizeram a proposta de fazer o vestibular em Bagé, para trabalhar com magistério.... para trabalhar com magistério tinham que ter faculdade... Como eu fui aprovada e tava dentro da faculdade já nesta altura, então as Irmãs me convidaram para trabalhar com o magistério (LAEDI, 09/01/12).

Outros profissionais fizeram parte da formação das alunas: Darci de Lima Calvete, Ana Maria Pitrez Duro, Teresa Arndt (funcionária da ASCAR), João da Silva,Álvaro Franklin da Silveira, este é lembrado pelas aulas de artes, o professor Jandir João Zanottelli e sua esposa Ruth Zanottelli são apontados como profissionais de grande apreço, com grande sabedoria e que ficaram marcados na memória das

estudantes. A aluna Lucia Moreira comenta que Jandir Zanotelli (exerceu a função de Reitor da Universidade Católica de Pelotas) era professor de Filosofia e a Ruth (esposa) já tinha especialização, era formada em psicologia.

Ministraram aulas também Sra. Mary Iribarrem, Sra. Lúcia Terezinha Gonçalves Carvalho, Sr. Luiz Carlos Valente da Silveira e Irmã Jane. Em 1968 novos professores ingressaram no curso normal, Sra. Neusa Paes do Amaral, Srta. Cleonice Barros de Oliveira, Sr. Bento Agostinho Casarin, Sr. Wilson Bagattini, Sra. Maria Fernanda Sinottin, Sra. Noemi Silveira Bierhals, Sra. Arlete Nobre, Srta. Marlene Brockstedt, Sr. L. Carlos Alves e Sr. Luiz Geraldo Motta.

No primeiro ano, em 1966 chegou à escola a professora Evony dos Santos Prestes, canguçuense, tinha sido interna da escola e após foi fazer o curso de Pedagogia na Universidade Católica de Pelotas, sendo esta apontada pelas alunas como uma das grandes profissionais que rendeu o convite para paraninfa da turma.

> A parte da Evony, era uma ótima professora, apesar dela ser uma pessoa assim, justa, ela era exigente, ela dava para exigir, ela podia exigir, por que na realidade ela dava ela é ótima, todas né, Dona Laedi. Lembro das aulas de fundamentos da educação: Theobaldo Miranda dos Santos foi em que se baseou, lembro muito da Evony falando nas aulas (BEATRIZ, 13/01/12).

Segundo José de Almeida Filho (2008), o autor Theobaldo Miranda Santos organizou coleções voltadas para a formação de professores, teve seus volumes publicados no decorrer de aproximadamente três décadas pela editora Companhia Editora Nacional. No ano de 1945 surgiram os primeiros volumes e em 1971 foi suspensa, pois as coleções não possuíam mais fôlego para sobreviverem, devido às circunstâncias de sua atualização e revisão, bem como às mudanças curriculares da Lei 5.692/1971.

Figura 10: Livro de Filosofia

Figura 11: Livro de História da Educação

Livros do autor Theobaldo Miranda dos Santos encontrados na biblioteca da escola, já foram encadernados e segundo pesquisa na internet mantiveram parte da capa original.

A aluna Maria Helena recorda-se com gratidão as aulas, comenta o potencial dos professores que trabalharam com a turma:

> Professora Laedi marcou por que é ótima professora, só tenho elogios para fazer pra ela, ela nos ajudou muito com as experiências dela, ela tinha filhos, a Raquel nasceu quando ela era professora nossa, a Evony, também, ela viajava um horror e passava aquelas experiências de viagem, passava aqueles filmes, uma vez ela passou da Gruta de Maquiné, era uma maneira de conhecer o mundo. A gente não tinha acesso a isto ai. A gente só aprendia com todos eles. O professor Jandir Zanotelli, grande profissional. (MARIA HELENA, 02/02/12).

A professora Evony comenta na entrevista que nas viagens[25] que realizava sempre comprava slides (que guarda até hoje, nas caixinhas) para apresentar às alunas. Em um dos encontros ela mostra um certificado assinado por Afro Amaral Fontoura, de um curso do qual participou em 1968 em Belo Horizonte, o 2º Congresso Brasileiro de Ensino Normal.[26] Amaral Fontoura era um dos autores mais usados para dar subsídios teóricos nas disciplinas de Sociologia Educacional, Didática Geral , Psicologia Geral e Educacional e Fundamentos da Educação ,em anexo encontra-se a cópia do certificado de participação. A professora também mostra a foto do encontro, sendo possível observar o envolvimento das ordens religiosas com os cursos normais. No entanto, salientamos que a participação da professora foi voluntária neste encontro, foi por interesse próprio que buscou participar bem como subsidiou suas despesas. Mostra Canguçu participando das discussões a nível nacional sobre o ensino da escola normal.

[25] Na entrevista a professora comenta dos cursos que realizava nos fins de semana e férias para buscar o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico, comenta as dificuldades que passou, nas viagens que na época não eram fáceis em função das condições de deslocamento, condições de estrada. Mas que nada impediu que comprasse os jornais para averiguar os cursos disponíveis seja na região, seja no país, como foi o caso do encontro em Belo Horizonte.

[26] O 2º Congresso Brasileiro de Ensino Normal foi promovido pela associação Brasileira do Ensino Normal, com patrocínio do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Secundário, Primário e Comercial do Estado de Minas Gerais. Este ficou sabendo através do jornal e pediu para que sua tia acompanhasse até o Estado de Minas Gerais.

Figura 12: Foto Lembrança do 2º Congresso Brasileiro de Ensino Normal em Belo Horizonte (14 a 20/01/1968).
Acervo: Evony Prestes dos Santos.

Pesquisamos junto à biblioteca da escola livros do autor Amaral Fontoura, encontramos ainda na forma original um deles[27]:

Figura 13: Livro de Filosofia

Figura 14: Imagem da contra-capa do livro de Amaral Fontoura

[27] Filosofia da Educação, Volume 14, Editora Aurora. Rio de Janeiro, Série I - A Escola Viva. Biblioteca Didática Brasileira. 1969.

Na primeira página aparece uma imagem bastante significativa para época, que mostra uma diferença na educação, as novas tendências na forma de ver e trabalhar com os alunos. A frase escrita no quadro de giz o seguinte: “Não há educação sem amor”. A disposição dos alunos em sala de aula é em grupos. Conforme coloca Vieira (2009), o autor Fontoura especificamente relacionada à coleção Escola Viva[28], na qual se encontra o manual de Fundamentos da Educação, foi escrita pelo autor com o intuito de preencher lacunas existentes no Brasil, uma vez que se acreditava, à época, não haver obras articuladas entre si dirigidas aos estudantes das Escolas Normais.

> De acordo com Amaral Fontoura, os livros da coleção intitulada Escola Viva, ensinavam tanto o que se deveria fazer quanto tratava de como se deveria fazer e tudo isso de forma equilibrada, ou seja, ficando eqüidistante da chamada escola velha (escola tradicional) e dos exageros da escola nova (VIEIRA, 2009).

Diferentemente de outras correntes da Escola Nova, que defendiam uma escola laica, a educação renovada (ou escola viva) seguida por Amaral Fontoura primava por uma educação também voltada para a esfera espiritual, para os preceitos cristãos. Na realidade, o autor defendia em seus manuais pedagógicos uma pedagogia católica, distante dos excessos do escolanovismo. Explica-se então a foto com tantas irmãs participando e a aceitação das obras do autor nas escolas mantidas pelas irmãs de caridade, que na imagem aparecem em número siginificativo.

A professora Evony também mostra outro livro que auxiliava no planejamento de suas aulas: com titulo: “A Professora Moderna” *Introdução a Didática Geral dinâmica da escola,* do autor Imídeo Giuseppe Nérici. Editora Fundo de Cultura, terceira edição em janeiro de 1965[29]. A data anotada no livro, possivelmente a compra em 1º de agosto de 1966. Neste livro podemos encontrar uma folha com anotações da professora, com um

[28] Na sua escola viva, o centro do processo é o educando, em torno do qual gira todos os outros aspectos, quais sejam: o programa, o professor, o método e o material didático. Acerca do professor e sua função para a educação renovada, o autor deixa claro que o professor nada ensina, somente orienta e facilita a aprendizagem. Para isso, é preciso que o mesmo seja eficiente, motivador e dinâmico, entre outras qualidades, não bastando dominar o conteúdo. O professor, em sua visão, deve também organizar discussões, conduzir diálogos e saber utilizar os recursos tecnológicos. Dentre os atributos que o professor deve possuir está, em primeiro lugar, a vocação, a qual está relacionada ao seu temperamento psíquico. Para ser professor o indivíduo precisa querer ser, possuir desejo e amor pela profissão. Além disso, precisa amar o próximo, possuir tato pedagógico, compreender o educando, possuir capacidade de formar personalidades e educar com amor. Tais qualidades constituem o educador perfeito, ideal, pronto a não somente educar, mas elevar a nação brasileira (VIEIRA, 2009).

[29] “A Professora Moderna” *Introdução a Didática Geral dinâmica da escola,* do autor Imídeo Giuseppe Nérici. Editora Fundo de Cultura, terceira edição em janeiro de 1965.

roteiro de aula sobre educação como auto-superação bem como algumas questões sobre análise critica das aulas de didática[30]. No livro encontramos algumas sinalizações da professora e até comentários escritos a lápis.

A capa do livro sugere, assim como título, uma profissional, mulher, delicada, feminina, e moderna. Percebe-se que há um incentivo a leitura, busca pelo conhecimento, levando a mulher à vida profissional e habilitando-se para tal.

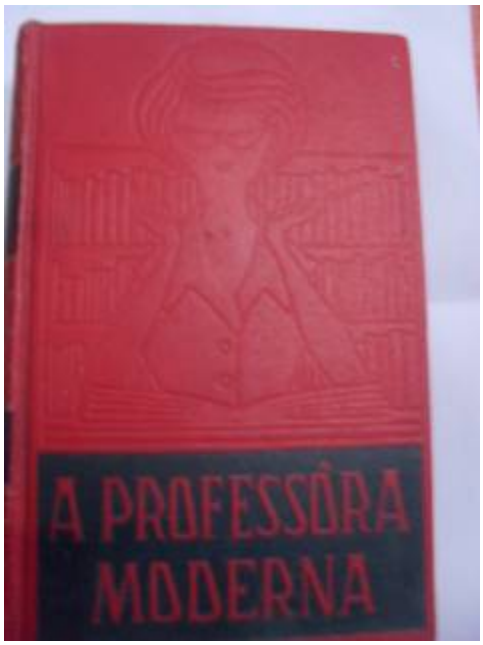


Figura 15: Livro Professora Moderna

Na organização curricular da Escola Normal encontra-se no regulamento seu caráter mais disciplinador, ancorados no encontro das disciplinas escolares na temporalização das aulas, na prática de avaliação e na escolha dos livros didáticos. A estrutura de uma escola é ampla e ordenada por relações entre a mantenedora e pelo poder público e privado, estabelecendo assim relações com os grupos sociais e sua própria lógica interna.

O regimento também deixa claros os programas e horários, as propostas de organização do tempo escolar, os conteúdos e metodologias de ensino. A distribuição do tempo é detalhada tanto anualmente como no que se refere à duração das aulas e turnos.

[30] As questões levantadas são: 1. Quais seriam os objetivos do professor? (forma atingidos, totalmente parcialmente) 2. Conteúdos - quais os mais significativos tendo em vista a profissão a ser exercida? 3. Técnicas - quais foram empregadas (vantagens e desvantagens) 4. Avaliação - como foi feita 6. Sugestões para o trabalho no próximo semestre. As escritas sugerem que seria um trabalho de avaliação coma s alunas para o próximo semestre, mas mostra um caráter participativo.

Ao ler Romanelli (1991), podemos acompanhar a história da educação e articular o regimento com a realidade brasileira. Começamos com a Constituição de 1946, que determina a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário e dá competência à União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional fazendo voltar o preceito de que a educação é direito de todos, então a necessidade de formação de profissionais para atender a esta exigência legal.

Após 13 anos de discussões foi promulgada a Lei 4.024, em 20 de dezembro de 1961, na qual prevaleciam as reivindicações da Igreja Católica e dos donos de estabelecimentos particulares de ensino no confronto com os que defendiam o monopólio estatal para a oferta da educação aos brasileiros.

Em 1962 é criado o Conselho Federal de Educação, em substituição ao Conselho Nacional de Educação e os Conselhos Estaduais de Educação. Nesse mesmo ano, é criado o Plano Nacional de Educação e o Programa Nacional de Alfabetização, pelo Ministério da Educação e Cultura, inspirado no Método Paulo Freire.

Os militares incitaram o sentimento de descontentamento e insegurança da nação, estimulando uma série de expressões públicas contrárias ao governo Jango e, por conseqüência, atingiram o seu principal objetivo: controlar plenamente o Brasil. Contaram no início com o apoio de vários segmentos civis, inclusive de empresas privadas e da própria Igreja Católica. Para alcançar suas metas utilizou-se de um contexto, de um povo, de uma nação cuja fragilidade era detectada facilmente em vários setores da sociedade.

Inicia uma fase obscura na história da educação brasileira. Os militares e elite conservadora, instalados no poder e tendo se apropriado de toda a máquina pública de forma autoritária, caracterizaram esse período pela burocratização do ensino público, por teorias e métodos pedagógicos que buscavam restringir a autonomia dos educadores e educandos, reprimindo à força qualquer movimento que se apresentasse contra esse regime. O Brasil vivenciou na educação uma submissão cruel que gerou um retrocesso grande, já que educação tem que ser um processo democrático para dar certo.

A educação passou a ser sinônimo de adestramento, era uma forma de manterem o poder. Os professores eram reprimidos e restringiam-se apenas a dar conteúdos. Bello (2001) escreve que em 1964, o golpe militar aborta todas as iniciativas de se revolucionar a educação brasileira, sob o pretexto de que as propostas eram "*comunizantes e subversivas*".

O regimento escolar das normalistas traduz o período vivenciado, ao ler o mesmo, é possível identificar caráter disciplinador, trazendo a rigidez do projeto politico vigente.

O documento que embasou o trabalho da escola é dividido em títulos, capítulos e parágrafos, registrado na SEC com no número 36572/68 e no CEE número 600/69, foi assinado pela fiscal da escola Maria Alma Silva Hermandorena em 20/09/1968. A portaria de funcionamento é número 18934 de 16/12/1965 da Secretaria de Educação e Cultura.

No titulo I, capitulo II “Dos fins”, trata: A Escola Normal Nossa Senhora Aparecida tem por finalidade proporcionar à mocidade a devida formação intelectual, profissional, moral, cívica e religiosa de conformidade com a Lei Federal Número 4024 de 20/12/61, inspirando-se nos princípios da Igreja Católica e Apostólica.

Para pesquisa serão relacionados os artigos que interessam a pesquisa do curso normal, podemos citar:

De acordo com o capitulo II, “Dos objetivos” no artigo 6º as Finalidades: O curso Normal, com duração de sete períodos semestrais, tem por finalidade especifica a formação de professores primários, proporcionando-lhes os meios indispensáveis ao exercício eficiente do magistério, tendo em vista a educação integral do educando. Em anexo, os artigos de interesse desta pesquisa que foram transcritos já que não houve liberação por parte da escola a cópia do documento alegando esta ser uma ação não permitida pela instituição.

Observa-se no regimento uma busca pela educação integral do aluno, mas a vigilância, conforme vimos que a realidade brasileira vivenciava, fazia parte, como constatamos no artigo 30. Não só para os alunos era pensada a disciplina, mas também para o corpo docente, que tinha previsto os direitos e deveres. Nos direitos lê-se: “Credenciamento a legislação, remuneração de acordo com a legislação e estabelecida entre os mesmos e a direção”.

Quanto aos deveres que consideramos relevantes: imprimir a ação docente cunho educativo, dentro de um ambiente de respeito à personalidade do educando e de atendimento às suas tendências pessoais; ter comportamento digno com as funções que exerce; tratar com urbanidade os alunos, colegas, os funcionários da casa e os pais dos alunos; apresentar-se no estabelecimento discreta e decentemente trajado; procurar aperfeiçoar-se e atualizar-se, evitando a rotina e o verbalismo na educação; entre outros.

O regimento também prevê que os professores da escola deveriam buscar a manutenção da ordem política nacional, da ordem, bem como a segurança da ordem religiosa. Aparece a questão da religiosidade, onde não poderiam contrariar a religião católica, evitar manifestações e respeito aos alunos.

O regimento prevê os direitos destes docentes, no artigo 38 como, por exemplo, ter liberdade na formulação de questões para avaliação de aproveitamento escolar do aluno e autoridade de julgamento; elaborar o planejamento de suas disciplinas; ter remuneração condigna; ter autoridade respeitada e prestigiada no desempenho de sua missão.

Quanto ao corpo discente, no artigo 40 encontramos os deveres dos alunos: trata do uso do uniforme, respeito, pontualidade, conservação do prédio e ressalta ainda que os alunos devem portar-se, quer dentro, quer fora dela de maneira a elevar o conceito da mesma. E no artigo 41 trata do que é vedado aos alunos, deixando claro que não são permitidas campanhas políticas e ações que possamatentar contra a fé cristã, a moral e os bons costumes, por palavras ou atos. Veda também o uso de jóias e ornatos bem como pinturas incompatíveis com a simplicidade do uniforme da escola[31].

No artigo 42 encontramos o que são os direitos dos alunos, contém da letra “a” a letra “j” salientamos: apresentar sugestões relativas a melhoramentos da vida escolar tanto aos professores como aos órgãos competentes; ser tratado com respeito e urbanidade pela direção, professores, colegas e funcionários do estabelecimento; manifestar livremente sua opinião durante os debates e discussões realizados em aulas, reuniões, respeitando, entretanto, os pontos de vista contrários e mantendo serenidade nas discussões; receber periodicamente o resultado do seu aproveitamento e a orientação necessária nos casos de insuficiência e recuperação de unidades de estudo.

No caso de haver desobediência, o regime prevê penalidades, sendo que para corpo docente: advertência, repreensão e exoneração e para o corpo discente advertência, admoestação, exclusão da sala, suspensão de oito dias, transferência e cancelamento da matrícula.

[31] Ao analisar regulamentos de instituições escolares de caráter confessional, Arriada (2010), conclui o quanto esses regulamentos reforçavam a disciplina, o controle e a imposição de um código de valores.

A documentação e requisitos exigidos para ingresso são apresentados no regimento, conforme já arrolados neste trabalho. No regimento encontramos artigos indicando que para os alunos matricularem-se precisavam freqüentar um curso, com assiduidade de 80% e prestar provas.

O currículo do curso normal será constituído por disciplinas de cultura profissional e práticas educativas, tendo atividades complementares de caráter social, utilitário e recreativo, merecem especial consideração.

O regimento prevê que os professores deverão dar maior ênfase aos trabalhos que possibilitem a iniciativa pessoal do aluno, desenvolvendo-lhe o espírito reflexivo, a capacidade criadora e de autocrítica e o senso de responsabilidade. Para alcançar estes objetivos os professores utilizarão trabalhos em equipes, estudos dirigidos, palestras, pesquisas, bibliografias, filmes, excursões e observações e práticas docentes em classes do curso primário.

Nos registros da escola podemos constar que os professores oportunizaram realmente uma variedade de atividades as alunas envolvidas com a comunidade e nos planos de aula da Professora Evony Prestes aparecem trabalhos em grupos, equipes.

A avaliação do progresso da aluna[32] será ampla, continua e cooperativa no sentido de revelar potencialidades e condições pessoais das alunas e o grau de desenvolvimento atingido pelas mesmas através do currículo.

No artigo 136 coloca que além das arguições, de trabalhos escritos ou práticos, individuais, em grupos, observações, far-se-á como parte integrante das atividades normais duas vezes no primeiro semestre e duas vezes no segundo semestre uma verificação escrita sobre a matéria lecionada no respectivo período, e mais uma verificação final do semestre.

O resultado da avaliação das práticas educativas será expresso pelo conceito SUFICIENTE ou INSUFICIENTE e para atribuição do conceito serão levadas em consideração, além da frequência, atitude, o interesse e a participação demonstrados pelos alunos.

Para ser considerado aprovado o aluno que, além da frequência mínima de 75% tiver obtido no mínimo dois ou mais conceitos suficientes durante o semestre. Quanto ao estágio, terá a duração de um semestre exigindo das professorandas tempo integral, concluído o estágio satisfatoriamente a professora receberá o Diploma de Professora Primária.

[32] Embora o curso tenha matrículas para os ambos os sexos, verificamos no regimento que quando se trata do curso normal refere-se ao sexo feminino.

Neste período histórico o Brasil enfrentava uma das situações mais difíceis para educação. Justamente neste efervescência é que o Curso Normal instala-se no município de Canguçu e, como podemos ver, o regimento escolar pincela normas para que se mantenha a ordem e o nacionalismo. Contudo podemos, ao analisar as práticas escolares, observar ações que fogem a essa premissa de não liberdade, muitas ações são empreendidas pelas alunas, propostas pelos professores do curso normal em conformidade com a direção da escola, como mostraremos no próximo capítulo.

5 Práticas Escolares

Neste capítulo faremos um apanhado das práticas escolares embasando as leituras em autores como Sacristán (1995), Moreira (1995) que se dedicam a estudar a questão do currículo escolar. As práticas estão intrínsecas ao currículo, revelando intenções pedagógicas e ações extracurriculares realizados pela primeira turma do curso normal da Escola Normal Nossa Senhora Aparecida.

> Ressaltar o valor e força do currículo extra-escolar deve servir para os educadores moderarem as expectativas de seu poder de intervenção a partir da escola, fazendo com que as perspectiva multicultural seja formulada a partir de coordenadas mais amplas que as do currículo escolar, com frentes de atuação muito diversas, e com que se proponham estratégias didáticas que vinculem o conhecimento escolar relativo ao tema que nos ocupa com as aprendizagens de origem externa à escolaridade.... devemos estar conscientes de que se pode e se deve trabalhar por sua implantação a partir de diferentes enfoques, que implicam estratégias práticas a executar em âmbitos muito diferentes (SACRISTÁN, 1995, p. 90-91).

Todo estudo sobre o currículo, deveria apontar determinadas ferramentas conceituais que permitissem compreender as suas dimensões intrínsecas. Uma distinção clássica estabelece a separação entre as dimensões explícitas (ou formais) e implícitas (ou ocultas) do currículo, para indicar que além daquilo que é explicitamente visado, todo currículo compreende, pressuposições sociais e culturais (MANGEZ; LIÉNARD, 2011).

Diversos autores, entre eles Gauthier (1998), “Por uma teoria da pedagogia”, salientam a fórmula “fazer efeito ao ensinar”. Sublinham que uma prática escolar visa, entre outros aspectos, provocar aprendizagens, sendo assim, seria possível deduzir que todo professor “digno desse nome” não cessa de aprimorar a eficácia de sua prática e, portanto, está constantemente na busca de saberes mais precisos dos processos em ação (ZANTEN: 2011; SACRISTÁN, 1996; GAUTHIER, 1998).

Podemos presenciar com esta pesquisa que não só os professores, mas também a diretora, tinham um papel fundamental na busca de práticas que oportunizassem às alunas aprendizado além do currículo. Na sequência mostraremos também que as alunas, conforme entrevistas com as professoras e diretora, buscavam além do que era dado, exigiam além do trabalhado e tinham um grande dinamismo. Como coloca o autor Sacristán (1996), o interesse concreto era a busca profissional e uma atuação que buscasse a diferença na educação qualificando a “profissão professor” em Canguçu.

> A escola em geral, ou um determinado nível educativo, assim como, certas instituições, sob qualquer modelo de educação, adota uma posição e uma orientação seletiva frente a cultura, que se concretiza, precisamente no currículo que transmite. O sistema educativo serve a interesses concretos e eles se refletem nesse currículo. Esse sistema se compõe de diversos níveis e finalidades diversas que se evidenciam em currículos diferentes (SACRISTÁN, 1996, p. 18).

A complexidade dos currículos modernos de ensino obrigatório, é um reflexo da multiplicidade de fins a que se refere à escolarização. E isso é um fato substancial a existência mesma da instituição escolar, em consequência, a análise do currículo é uma condição para que se possa conhecer e analisar o que é uma escola.

A cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre os seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das suas formas de organização e de gestão, seja na constituição dos sistemas curriculares. Viñao Frago lembra que a cultura escolar[33] tem sido entendida como uma das "caixas pretas" da historiografia educacional e, no conceito de cultura escolar vê os

> modos de pensar e atuar que proporcionam a seus componentes estratégias e pautas para desenvolver-se tanto nas aulas como fora delas – no resto do recinto escolar e no mundo acadêmico – e integrar-se na vida cotidiana das mesmas (VIÑAO FRAGO, 2000a, p. 100).

Analisar as diferentes práticas empreendidas pela turma nos mostra a cultura escolar que estava proposta naquele momento histórico. Quando falamos de currículo como seleção particular de cultura, vem à mente a imagem de uma relação de conteúdos intelectuais a aprender, pertencentes a diferentes âmbitos da ciência, das humanidades, das artes, da tecnologia, etc. Essa é uma primeira e singela aproximação do conceito, porém a função educadora e socializadora da escola não se esgota aí, ainda que se faça por meio dela. Lógico que o currículo estabelecido vai além dessas finalidades que se circunscrevem esses âmbitos culturais, introduzindo-se nas orientações, nas atividades sugeridas, diretrizes das instituições, nos discursos etc. (SACRISTÁN, 1996, p. 19).

---

[33] Ler mais sobre Cultura Escolar VIÑAO FRAGO, Antonio. Culturas escolares, reformas e innovaciones: entre la tradición y el cambio. (texto divulgado pelo autor e ainda não publicado), 2000. e El espacio y el tiempo escolares como objecto histórico. Contemporaneidade e Educação (Temas de História da Educação), Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Cultura Escolar, ano 5, n. 7, 2000 a.

> Partir do conceito de currículo como a construção social que inunda as instituições de conteúdos e orientações nos leva a analisar os contextos concretos que lhes dão forma e conteúdo antes de passar a ter alguma realidade como experiência de aprendizagem para os alunos. Nenhum fenômeno é indiferente ao contexto em que foi produzido, desse modo, o currículo se imbrica em certos contextos que se solapam e se integram uns nos outros, que são os significados das experiências curriculares que obtém os que delas participam. Isso fica evidenciado pelas práticas (SACRISTÁN, 1996, p. 22-23).

Um dos questionamentos que fomentaram a pesquisa é conhecer as práticas realizadas pelas alunas, quais atividades eram empreendidas pelas turmas? O que de significativo foi preservado como memória? Houve envolvimento com a comunidade? Quais atividades diferenciavam essa turma? Neste capítulo tentaremos, lembrando Werle (2002) presentificar este passado, tecendo nexos, conforme Magalhães (2004).

5.1 Olhando para dentro do Muro da Escola

Tendo por suporte as leituras de Justino Magalhães (2004) que nos fala que a história da educação é uma complexa malha de relações intra e extramuros, apresentaremos aqui as atividades desenvolvidas pelas normalistas nas dependências da escola, tanto na sala de aula, pátio, enfim dentro do muro da escola. As dimensões extraescolares afetam sobremaneira os processos educativos e os resultados escolares em termos de uma aprendizagem mais significativa, daí porque tais dimensões não podem ser desprezadas se queremos efetivamente resgatar o histórico educacional do curso. Por outro lado, é fundamental não perder de vista a importância, nesse processo, das dimensões que ocorrem no âmbito intra-escolar, ou seja, as dimensões intra-escolares afetam, sobremaneira, os processos educativos e os resultados escolares em termos de uma aprendizagem mais significativa na medida em que incidem diretamente nos processos de organização e gestão, nas práticas curriculares, nos processos formativos, no papel e nas expectativas sociais dos alunos, no planejamento pedagógico, nos processos de participação, na dinâmica da avaliação.

O uniforme das alunas era uma exigência dentro da escola. Elas comentam que durante a semana usavam camisa azul claro de volta-mundo, meia azul, sapato preto, saia marinho reta, colete azul, gravatinha com tope. Quando era momento

festivo, de cerimônia na escola ou participação em alguma solenidade a camisa era branca e as meias brancas, seguindo os demais normalmente.

A prática de educação física no começo era realizada com saia, depois autorizaram o uso da saia-calça, para facilitar a participação nos jogos. A camiseta continuava sendo branca. Para o estágio idealizaram um tapapó xadrez azul e branco, com uma gravatinha.

5.1.1 O Grêmio Estudantil

Foi possível verificar a participação de três normalistas já no primeiro ano de funcionamento do grêmio estudantil da escola. Sendo elas Maria Manoela Carvalho, no cargo de 2º secretária, Marlene Barbosa Coelho no Departamento Cultural e Bela Regina Silveira como 1º Bibliotecária.

Não só no Grêmio estudantil a aluna Marlene Barbosa Coelho teve uma atuação destacada, também foi organizadora, líder e atuante em diversos momentos das práticas escolares desenvolvidas. Esse papel é destacado em diversos momentos conforme entrevistas realizadas, assim como nos documentos de registros da escola.

> A Marlene ela trouxe assim, esta questão já que ela era mais velha, mais experiente, mais vivida, ela pediu demissão da ASCAR e veio para Canguçu, já tinha andado por outros municípios, ela trouxe muito esta questão da história para dentro do curso, resgate da história... Eu lembro de nossos ensaios de cantar o hino do Rio Grande do Sul, não me lembro de antes nós cantar, lembro ela coordenando os ensaios, tinha que ser uma perfeição, esta questão do civismo esteve muito presente no nosso curso (LUIZA HELENA, 06/01/12).

Figura16: Normalista Marlene Barbosa Coelho. Acervo da escola.

Na foto a aluna Marlene, normalista que idealizou o desfile em como várias atividades culturais na escola, o trabalho desta aluna, depois exercendo a profissão de professora foi muito importante no município tanto que a Casa da Cultura de Canguçu leva seu nome. Uma grande pesquisadora da história do município, organizou o museu municipal e dirigiu esta casa por anos. Nesta foto era secretária da Escola Aparecida. Muitas atividades aqui relatadas tiveram como motivadora esta normalista que se tornou figura ilustre no município.

A imagem é reveladora de uma constante da normalista Marlene Barbosa Coelho: o envolvimento com pesquisa. Mesmo não tendo na época um aparato teórico mais denso, existia uma preocupação de preservar, levantar e documentar dados sobre a memória e a história de Canguçu.

5.1.2 Aulas de Técnicas Agrícolas

A busca por conhecer a realidade e trabalhar com as alunas o conhecimento sobre as atividades municipais incluíram no currículo a disciplina de técnicas agrícolas.

Encontramos registros nos álbuns escolares que nas aulas de agricultura, em uma das práticas educativas, as normalistas formaram grupos junto com os ginasianos para construírem canteiros, nos quais plantavam legumes e flores.

Durante a entrevista com a normalista Beatriz Zanetti da Rosa ela comenta que seu pai, agricultor, prestava serviço para escola dando orientações de técnicas agrícolas, durante as aulas da escola como forma de auxiliar no pagamento da mensalidade, ajudando desta forma a reduzir custos:

> O pai até veio em uma ocasião, para me ajudar o magistério ele dava aulas de técnicas agrícolas, esta Madre Marilda ... ela inventava coisas, e ai tinha aulas técnicas agrícolas, ele dava para o ginásio e para nós também, com este dinheiro ele não recebia pra pagar, eu tinha uma bolsa também, a gente sempre complementava. Não foi fácil, bá!, Olha naquela época fazer o magistério era como fazer uma faculdade paga hoje (BEATRIZ, 13/01/12).

Figura 17: Aula de técnicas agrícolas.
Acervo: Luiza Helena Moreira

Os alimentos produzidos eram usados na alimentação das irmãs e internas da escola. Nas entrevistas realizadas ficou evidenciado que algumas alunas enfrentavam dificuldades financeiras, esse aspecto era suprido sendo concedidas bolsas para custear esses gastos. Durante a entrevista comentei como era participar da aula de sapato e meia branca, comentaram que realmente era difícil, mas percebe-se a alegria na fisionomia das estudantes. No depoimento da aluna Beatriz quando comenta o estágio diz que levou para sua sala de aula a experiência da horta escolar:

> Eu tinha a horta também, com meus alunos, Clube Agrícola, funciona das onze e quinze ao meio dia (BEATRIZ, 13/01/12).

O próprio nome “clube” reporta à ideia de uma educação mais socializadora e também reconhecendo os potenciais locais, ou seja, valorizando a cultura e potencial dos alunos, já que realizou esta experiência na zona rural.

5.1.3 Religiosidade

A missão da escola permeia os ideais franciscanos, portanto as atividades religiosas eram constantes. Várias normalistas participaram do Curso de Catequese orientado pela Irmã Dorotéia da Escola Normal São José de Pelotas. O curso de atualização cristã também é lembrado pela aluna Maria da Graça como uma das realizações significativas:

> Participação de um Curso de Atualização Cristã, ministrado por Irmã Maristela Güntel, de Santa Maria, durante quatro dias. Durante a realização deste curso visitaram as salas de aula do Normal aos Bispos Dom Ângelo Mugnol (Bispo-Auxiliar) e dom Antônio Zattera da Diocese de Pelotas (MARIA DA GRAÇA SILVEIRA, 17/01/2012).

Além disso, orações na capela, bem como no início das aulas era práticas comuns na rotina escolar.

Em março de 1967, como forma de acolher, promoveram uma recepção às novas alunas. Estavam presentes os professores e as normalistas “bixos” (termo encontrado no relatório da escola) desfilaram pela cidade até a praça onde as veteranas realizaram um “trote”.

A irmã Alícia, diretora na época, comenta na entrevista que houve a preocupação em oferecer um curso ginasial à noite, garantindo assim que houvesse clientela para permanência do curso normal.

5.1.4 Confecção de Material Didático

O material confeccionado durante as aulas de didática, que serviriam de subsídios para as aulas eram expostos na escola, mostrando a comunidade e visitantes o trabalho das normalistas.

Figura 18: Exposição da Professora Evony.
Na foto as alunas Maria Lucy Grupelli e Marlene Coelho (Ago/1967).
Acervo da escola

Esta exposição é lembrada pelas estudantes, foi uma mostra do material produzido por elas nas aulas da professora Evony Prestes dos Santos. A normalista Beatriz faz referência a um trabalho produzido pela aluna Maria Helena, companheira de viagem para as aulas:

> Material que cada uma tinha, exposição de linhas de tempo, este aqui é da Maria Helena tinha as estações do ano. Um trabalho da professora Evony, tinha um calendário, já pensando no próximo século (BEATRIZ, 13/01/12).

Na entrevista com a Maria Helena ela ressalta como o curso auxiliou para que elas tivessem material de trabalho, pois naquela época não havia à disposição livros e jogos didáticos, comenta:

> Eu não dormia antes das duas meia três horas da manhã. O material que nós fizemos, a riqueza que nós tivemos na escola normal, foi isto, estas professoras que nós tivemos, fazia estes trabalhos, joguinhos, preparava, tinha que fazer, não tinha na época, não existia, a gente não tinha acesso, não podia comprar, eu era colecionadora de vidrinho de penicilina, estas coisas, tudo era material didático, para contar, pra tudo. Fazia experiências, eu era apaixonada por isso ai (MARIA HELENA, 02/02/12).

As aulas de didáticas eram uma fonte de construção de materiais para serem utilizados em sala de aula. Em todas as disciplinas confeccionavam desde jogos, cartazes, mapas, apostilas, seja de consulta seja para colocar em sala de aula para trabalhar com os alunos. A disponibilidade de acesso era muito restrita e as alunas lembram que não existia material pronto como hoje encontramos nas livrarias.

A aluna Maria Helena nos mostra uma apostila, bastante constrangida pela mesma estar velha, acreditando que não serviria, mas trata-se de uma mostra de trabalho que apresenta elementos importantes na pesquisa, pois conhecemos desta forma um trabalho voltado à realidade municipal, seja, realidade rural, onde as anotações eram sobre frutas, hortaliças, apicultura e conservação do solo. Uma curiosidade apresentada pela aluna é quando conta que para poder enfeitar o álbum usavam as cartelas de sementes de hortaliças e compravam balas no bar próximo à escola para ter as figuras, enfeitando assim o álbum, conforme conferimos na foto abaixo:

Figura 19: Capa da apostila

Figura 20: Árvores frutíferas

Acervo: Maria Helena Campos da Silveira
Foto: Patrícia Zaneti

Outro trabalho guardado pela aluna é o trabalho sobre o Rio Grande do Sul, fonte de dados para trabalhar em sala de aula, com mapas, informações históricas, sobre o município de Canguçu a apostila possui alguns dados.

Figura 21: Capa da apostila

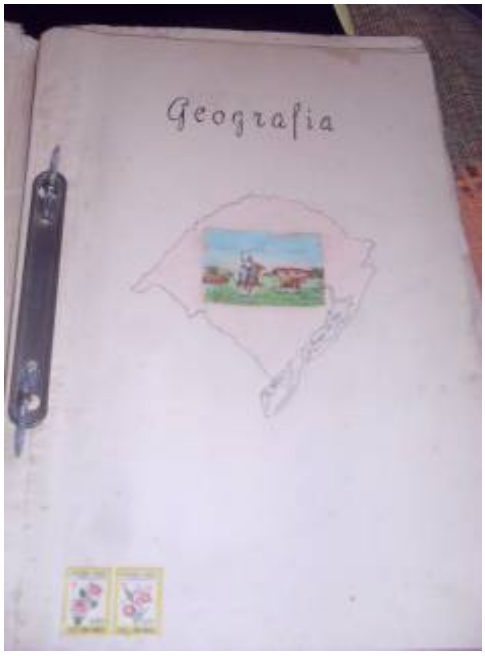


Figura 22: Geografia do Rio Grande do Sul

Acervo: Maria Helena Campos da Silveira
Foto: Patrícia Zaneti

A seguir uma foto de uma das páginas do trabalho, demonstrando o capricho justificando por que entrava as madrugadas fazendo os trabalhos da escola.

Figura 23: Cidades principais do Rio Grande do Sul
Acervo: Maria Helena Campos da Silveira
Foto: Patrícia Zaneti

O teatro também era trabalhado com as alunas buscando a aprendizagem através da arte. A seguir uma foto de uma das exposições do trabalho realizado:

Figura 24: Mostra dos fantoches confeccionados pelas normalistas.
Foto: Evony Prestes dos Santos

A aluna Maria da Graça faz referência a construção dos fantoches na entrevista e uso destes para as apresentações:

> Com incentivo do professor Franklin Silveira (também de Pelotas) as alunas, criaram durante suas aulas de artes, fantoches e ensaiaram algumas peças que foram apresentadas na escola (MARIA DA GRAÇA SILVEIRA, 17/01/2012).

A professora Evony relembra sobre o material utilizado para produção das peças de fantoches, aprendizado que teve na Escola Assis Brasil enquanto normalista. Reforça que o material era escasso, aproveitando assim materiais disponíveis:

> Para teatro de fantoches usava papel com grude, farinha, água e vinagre ia colocando jornal, moldando as peças. Usava também para fazer bolas para os jogos (EVONY PRESTES DOS SANTOS, 26/04/12).

A dificuldade de acesso a materiais não impedia a criação de recursos para dinamizar as aulas e, assim, auxiliar as alunas munindo-as para o enfretamento das aulas.

5.1.5 Aprendendo a Planejar Aula

Além do material para trabalho, o planejamento das aulas também era conteúdo nas disciplinas de didática. As alunas estudavam como realizar o planejamento, plano de unidade, passos de elaboração. Na turma B principalmente, já existiam professores que davam aula no interior e a normalista Maria Helena Campos da Silveira lembra:

> Aprendia planejar aula, tive noção ali, com a Evony mesmo, eu não sabia nada criatura, tinha vontade, eu fiz um curso em Pelotas quando comecei a trabalhar de férias, umas duas vezes eu fiz curso de férias para professora rural, depois com a escola normal era os objetivos, planejadinho, tudo, tudo, todos os dias de aula, depois que eu fiz a escola normal eu sempre preparava aula com os objetivos, o inicio da aula (MARIA HELENA, 02/02/12).

A normalista recorda que quando começou não sabia nada, tinha medo até de fazer a chamada, queria trabalhar, mas o curso normal foi a grande base para sentir-se segura para desempenhar o papel de professora.

5.1.6 Jogos NILCON

Outra atividade lembrada pelas alunas são os jogos NILCON[34], em que se destacavam nas competições. O professor João da Silva com as alunas, conforme imagem nº 25, os jogos eram disputados de saia e tênis conga. O envolvimento com este esporte é comentado pelas alunas com entusiasmo, as entrevistadas Lucia, Luiza Helena e Maria da Graça da turma A, relembraram os treinos, disputas, uniformes e torcidas.

Figura 25: Time campeão nos jogos de Nilcon em 1967.
Acervo: Luiza Helena.

5.2 Atividades Extramuros da Escola

Um acontecimento lembrado pelas alunas Luiza Helena e Maria da Graça, em que a aluna Marlene liderou as atividades, foi uma reivindicação para que não acontecesse a demolição do Cerro da Liberdade. Nessa ocasião, marcaram audiência com o Prefeito Municipal e justificaram o pedido:

[34] O Newcomb (nilcon) tem regras simples. A quadra se assemelha a de Voleibol, tendo uma zona neutra mais ou menos correspondente a zona de ataque. Enquanto no Vôlei a linha da zona de ataque fica à 3 metros da linha que divide a quadra, no Newcomb esta distância será entre 1,5m a 2m.

> Outra coisa muito interessante, foi justamente naquela época que nós estávamos no curso, não sei te dizer se foi no primeiro, no segundo ano que começaram a tirar terra do Cerro da Liberdade, toda minha juventude a gente ia para o Cruzeiro e assistia os jogos de futebol em cima do Cerro da Liberdade, ele era muito lindo, ele era gramado e tinha eucaliptos e a gente subia pra cima do Cerro e aquilo ali era uma arquibancada natural para assistir os jogos, ai começaram a vender o cascalho para a estrada da produção que foi feita naquela época e nós fomos ao interventor, que ele foi colocado no lugar do Prefeito cassado, doutor Emir, e fomos até lá, ele era tio da Marlene, Waldemar Fonseca, nós fomos em comissão lá, do curso normal para pedir que ele desse um basta naquilo e a Marlene argumentando que ali tinha sido libertada aquelas meninas escravas antes da abolição da escravatura. A resposta dele foi fria pra nós, ele disse assim: "Este Cerro é de propriedade particular, a Prefeitura nada pode fazer." O cerro era de propriedade da família Telesca. Pra nós aquilo foi uma derrota (LUIZA HELENA, 06/01/12).

Podemos confirmar pelos depoimentos[35] o envolvimento das normalistas com a vida social e política do município. Essas mobilizações eram lideradas, principalmente, pela Professora Evony e pela aluna Marlene. Um debate com os candidatos a prefeito foi realizado pela turma, aberto à comunidade. Na ocasião, as normalistas organizaram o debate, fizeram o chamamento à comunidade e durante sua realização coletavam perguntas do público presente aos candidatos:

> Outra atividade que a gente fez, que depois nunca mais no curso normal aconteceu, que é organizar um debate entre os candidatos a prefeito onde estava o doutor Emir Scheff, que foi vencedor, o Waldemar Fonseca que depois assume por que o Prefeito foi cassado e outro, eram três candidatos, era o Hermandino Borges. Nós organizamos, talvez com a Evony, não lembro, por que ela era a nossa grande líder, ai nós colhemos perguntas, curiosidades que nós tínhamos e nós fazíamos a sabatina aos candidatos (LUIZA HELENA, 06/01/12).

A própria aluna Luiza afirma que nunca mais houve este tipo de ação dentro da escola. Esse tipo de atividade demonstra uma preocupação com os rumos da administração e a intenção dos candidatos para com o município. Durante as entrevistas é possível perceber a satisfação das alunas terão poderem compartilhar esta vivência de envolvimento no curso, elas se sentiam responsáveis pela comunidade, a inserção nos movimentos sociais. A professora Evony enfoca este debate como uma ação significativa realizada pela turma:

> Neste período de nossa história vivíamos em plena ditadura militar no Brasil e então começo citando uma atividade promovida por estas normalistas, que representou realmente um marco na história de Canguçu: foi uma entrevista com os candidatos a prefeito do município naquela ocasião, onde compareceu o candidato pelo MDB e o candidato pela ARENA.

[35] Conforme entrevistas realizadas com as ex-alunas e professores bem como escritos no relatório da escola que se encontra na biblioteca.

> Creio que não somente as alunas decidiram ali o seu voto, mas também muitos outros cidadãos canguçuenses. O fato é que o candidato do MDB venceu por uma grande maioria de votos. Contudo, como era comum naquele regime, pouco depois o candidato eleito foi cassado e o candidato derrotado assumiu como interventor federal. Quando agora, ouvia a fita cassete com a gravação do ato de formatura desta turma, que tenho em meu poder, no momento da formação da mesa, ouve-se a voz de Madre Alícia, então diretora do Aparecida, convidando para presidir a mesa o Dr. Valdemar Fonseca, interventor federal do município de Canguçu (EVONY PRESTES DOS SANTOS, 26/04/12).

Na fala da professora fica visível sua vivência do regime militar. Apesar da comunidade ter escolhido o Prefeito em seguida foi destituído e substituído pela vontade dos ditadores. No entanto, o que interessa a esta pesquisa é o movimento das alunas em realizar um evento político, com nome da escola, pensando nos rumos da política, mostrando preocupação com o desenvolvimento do município.

A professora Evony comenta na entrevista sobre a interação das normalistas com a comunidade:

> Serenas e laboriosas elas conquistaram o povo de Canguçu e todo o/a aluno/a, que teve a ventura de passar pelo Aparecida sempre foi solicitado à realizar atividades de integração com a comunidade. Não foi diferente com esta primeira turma de normalistas. Elas, ainda como alunas, tiveram atuação marcante no desenvolvimento da comunidade participando em inúmeras atividades como: algumas delas deram aulas para professores do interior do município, que precisavam prestar provas para o exercício do magistério; auxiliavam na alfabetização de adultos; participavam em programas das rádios locais; participavam de festivais; desfiles da Semana da Pátria; inseriam-se nas programações de evangelização promovidas pela Igreja Católica (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

As atividades realmente eram bastante diversificadas e as alunas atuantes na vida da comunidade. Também pactuavam com as diretrizes religiosas da instituição participando de festivais, das programações de evangelização. Outro exemplo é a Semana da Pátria de 1966, em que a turma foi responsável pela Hora Cívica com programas nas duas emissoras locais de rádio: Rádio Liberdade e Cultura. Junto com a Rádio Liberdade houve um programa em que as normalistas levavam informações aos ouvintes e desta forma percebe-se uma visibilidade da turma na comunidade.

> Junto com a Rádio Liberdade, a Escola criou um programa denominado “Escola e Comunidade”. No horário da programação, as normalistas apresentavam entrevistas, poesias, notícias e dados históricos da escola (MARIA DA GRAÇA SILVEIRA, 17/01/2012).

Para o desfile a aluna Martha Elisa Moreira Hauber do 1º ano A, confeccionou-se uma bandeira do Curso Normal. Esta bandeira existe na escola, a normalista Maria da Graça foi na escola onde pode confirmar que é a mesma confeccionada na época, comentou a aluna que esta bandeira era utilizada em todos os desfiles da turma nos eventos municipais e escolares, representando o curso normal, dando identidade e distinção ao grupo.

Figura 26: Bandeira do Curso Normal.
Acervo da escola.
Foto: Darci Ceron

Na escola também encontramos uma toalha de mesa bordada pela aluna com o mapa de Canguçu e nomes de pessoas importantes para a história de Canguçu.

Entre os dias 10 e 15 de outubro do ano de 1966, realizou-se a Semana do Professor. O evento foi organizado pelas normalistas: Maria Terezinha Casarin, Cleusa Porto, Maria Clara Duarte Ribeiro, Laci Campos, Luiza Helena Moreira e Maria da Graça Valente da Silveira.

Foram realizadas as mais variadas atividades cívico-pedagógicas. Percebemos o forte papel desempenhado pela instituição ao valorizar o civismo, impor comportamentos considerados pertinentes dentro dessa postura de nacionalismo, religiosidade, engrandecimento da profissão professor. A programação foi a seguinte:

Dia 10 na Rádio Liberdade, a cargo das alunas do Curso Normal, palestra “Exaltação do Professor” por Maria Terezinha Casarin; poesia com Ceci Silveira e música por Bela Regina Silveira.

Dia 11 na Escola realizaram a Fundação do Museu Histórico da Escola Normal a cargo do Sr. Colmar Prestes Sampaio, Patrão do CTG Sentinela da Liberdade, doação de objetos pela normalista Marlene Barbosa Coelho e palestra pela normalista Maria de Lurdes Borges com o assunto: “As tradições da terra gaúcha e a importância de um Museu Histórico”, a aluna Maria Lúcia Campos agradeceu aos colaboradores.

Dia 12 no Salão Nobre do Ginásio Nossa Senhora Aparecida houve a hora da arte com poesias, jogral, bailado, dramatização, teatro de fantoches.

Dia 13 na Rádio Cultura palestra sobre “Missão do Mestre” pela normalista Luiza Helena Moreira.

Dia 14 na escola, chá de confraternização oferecido aos professores, círculo de pais e mestres e dos alunos do curso normal, ginasial e primário, acontecendo apresentações de alunos.

Dia 15 missa na Igreja Matriz nas intenções de todos os professores do município e jogos inter-séries.

Chama a atenção que as alunas, além de participar dos eventos como expectadoras, atuavam principalmente como organizadoras sendo este um fator de aprendizado extraclasse para as futuras professoras. Nesse mesmo ano de 1966, as alunas, no mês de novembro, tiveram oportunidade de assistir à conferência sobre Educação Sexual com o Sr. Dr. José Luís Nova da Cruz, professor da Faculdade de Odontologia de Pelotas.

As atividades que trabalhavam com civismo era variadas. Registram-se, por exemplo concursos de redação, conforme encontramos nos álbuns escolares, em que uma das vencedoras foi a aluna Maria Cecília Sedrez Pinto com o título: Exaltação à Independência. Na Semana Farroupilha participaram com danças, redações, jogral e poesias, através da foto podemos perceber a ordem, disciplina na apresentação, bem como a referência às bandeiras, participação da irmã na mesa com as autoridades.

Figura 27: Jogral sobre a Revolução Farroupilha no CTG Sinuelo (20/09/1967).
Acervo da escola.

Através dos relatos podemos perceber uma intensa movimentação das normalistas nas várias atividades realizadas. Um desses eventos movimentou a comunidade, unindo história, religião e criatividade das alunas. Salientamos que a ideia surgiu com a aluna Marlene Barbosa Coelho, foi o desfile alusivo a história de Canguçu em 03 de dezembro de 1967, com carros alegóricos, quando da reinauguração da igreja católica:

Figura 28: Desfile na reinauguração da Igreja Matriz
Acervo: Álbum da escola.
Foto: Patrícia Zaneti

Primeiro carro: Alunos conduzindo o Brasão do Município. 1780-1799 – Rincão do Tamanduá

Segundo carro: Fundação: 1º de janeiro de 1800. Nasce Canguçu, Curato em 1808. Freguesia em 31/01/1812. Vila em 28/01/1857. Município em 27/06/1857. Apareceram figuras que iniciaram a comunidade: índio, português açoriano e o negro escravo.

Terceiro carro: Eu sou a Padroeira desde 1804 – Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Matriz da cidade.

Quarto carro: Cidade em 2/3/1938 – Colonização alemã 1906, colonização italiana em 1900.

> A Escola participou da organização de um desfile alegórico narrando a história de Canguçu, da Igreja Matriz e da Padroeira Nossa Senhora da Conceição por ocasião da reinauguração do templo, no dia 03 de dezembro de 1967, foi quando a igreja matriz foi reinaugurada, depois que ela foi demolida e reconstruída, no dia da inauguração houve um desfile, de carros alegóricos, tudo foi organizado pela Marlene, a história toda de Canguçu, vinha 1799 que era Rincão do Tamanduá, então desfilaram alunos que foram convidados do ginásio do Aparecida, foi dia 3 de dezembro de 1967 (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

As normalistas Luiza Helena Moreira, Martha Elisa Moreira Hauber e Sidérea Camargo orientaram neste ano um curso de alfabetização de adultos, em parceria com a Assistência Social do município.

> Tava iniciando a organização das Damas de Caridade, a Igreja tava em construção, ali onde hoje é a Prefeitura ali tinha um casarão antigo que tinha sido um hotel e durante o tempo em que a igreja foi desmanchada, pois ficou só as torres penduradas lá em cima, a gente ajudou a demolir, nós os alunos dos Irmãos Andradas, do Aparecida, ajudaram a demolir, empilhar tijolos, e na época da construção, funcionou no casarão, na frente do clube Harmonia, eu lembro de ir para lá dar aula, de ter me envolvido com a alfabetização de idosos, senhoras, a gente usava um pouco do material do MOBRAL que depois muito mais a adiante, quando eu comecei a estudar Paulo Freire fui descobrir como o MOBRAL se apropriou das ideias dele, tiraram toda conotação política e ai se apropriaram das palavras geradoras dele, me lembro de ter a palavra tijolo, mas não havia nenhuma referencia a ele, que estava no exterior. Eu lembro que eu trabalhei alguns meses, não lembro de ter conduído, a gente ficou muito solta, acho que era um trabalho extracurricular, trabalho voluntário (LUIZA HELENA, 06/01/12).

Em parceria com o Conselho de Desenvolvimento de Canguçu – CODECAN as alunas promoveram uma conferência “Você e sua comunidade” com palestras ministradas por profissionais da ASCAR, havendo possibilidade de participação da comunidade trazendo os problemas vivenciados no município. Participaram: Archiminio

Teixeira – Secretário Executivo da ASCAR, Guilhermina Petzold – Chefe da Divisão da Economia Doméstica – falou sobre Desenvolvimento da Comunidade e Rubens Medeiros Perelló e Elza Avencine Ramires – Supervisores da Região de Pelotas.

No convite do evento, assinado pela normalista Marlene Barbosa Coelho, encontra-se a seguinte frase:

> É muito melhor lançar-se a luta, alcançar triunfo e glória, mesmo expondo-se ao insucesso, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofrem muito, por que viveram nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota (FRANKLIN D. ROOSEVALT).

Em maio a escola promoveu a I Jornada Cultural com a coordenação do professor Luis Geraldo Telesca Mota. Foram oferecidos os seguintes cursos: Áudio Visuais com o prof. Mario Puhl da PUC Porto Alegre e Cultura Religiosa com a profª. Irmã Maristela da Universidade de Santa Maria; palestras: Vocação e relação entre pais e filhos com o prof. Dr. Luiz Sacco da Nova Opuz da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, A integração da Amazônia com Dr. Paulo Dubal da Silva, Liderança Estudantil com Prof. Juarez Molinari; homenagem as mães; projeção de slides sobre países europeus; baile com eleição da Rainha dos Estudantes de Canguçu, em que foi eleita a Srtª. Elusa Barbosa Fonseca como Rainha dos Estudantes de Canguçu e Zeni Alves como Rainha da Cultura; paralelamente ocorreram competições esportivas no ginásio da escola.

Essa foi a primeira jornada cultural de Canguçu, percebe-se uma programação extensa com pessoas trazidas de universidades para as palestras, um evento bem organizado, em que alguns dos encontros foram realizados no Cine Glória e o baile no Clube Harmonia.

No mês de maio, dias 22 e 26 de maio um grupo de normalistas participou do III Encontro de Normalistas da Região Sul, na cidade de São Lourenço do Sul. A professora responsável foi Evony Prestes dos Santos. Estiveram presentes os municípios de Pelotas, Tapes, Camaquã, Porto Alegre, Rio Grande e Canguçu. Os organizadores do evento, o Grêmio Estudantil Padre Aurélio, salientam que os temas que mereceram destaque, as palestras e debates sobre: “Escola, Sociedade em Miniatura” e “As causas de reprovação nas classes de primeiras séries”, objetivando que as normalistas se entrosassem no intercâmbio cultural, projetassem as ações na região sul e incentivassem a aquisição de novos conhecimentos, buscando o aprimoramento do trabalho futuro.

Figura 29: Normalistas no encontro em São Lourenço, visitando um parque de diversões.
Acervo: Evony dos Santos Prestes

Uma das atividades citada pelas alunas e de acordo com a figura 30 foi o passeio que fizeram ao interior do município para conhecer o Cerro da Cavalhada, lugar de destaque bela beleza, altitude e visibilidade. Este passeio foi promovido pela professora Marlene que trabalhava com ciências:

> Como atividades extraclasse realizamos excursões. Lembro de duas: um grupo, coordenado pela Marlene Coelho e a Irmã Normélia, de ônibus, foram visitar a histórica cidade de Piratini. Outra ocasião, nossa turma, coordenada pela professora Marlene (vinha de Pelotas) e mais a entusiasta Irmã Normélia fomos de caminhão pelo interior de Canguçu até o local denominado "Cerro da Cavalhada" do qual, pode-se apreciar belíssima paisagem. O caminhão era da Prefeitura e sua função era de coletar o lixo da cidade (MARIA DA GRAÇA SILVEIRA, 17/01/2012).

A aluna Luiza Helena enquanto mostrava as fotos, comenta sobre o passeio, da importância da professora, que dava aulas de forma diferente, eram aulas dinâmicas, e que este passeio foi muito bom e salienta o transporte usado, ou seja, o caminhão do lixo, que foi lavado e preparado para levar as normalistas para esta aula no quarto distrito de Canguçu:

> Cerro da Boneca, com a professora Marlene de Ciências, da Universidade Católica, um passeio no caminhão da Prefeitura, botaram uns bancos, e fomos. Lá tinha umas grutas, era uma mistura de história com ciências, por que nestas grutas teve combates da revolução Farroupilha. A irmã Normélia foi junto. Era um transporte de luxo, era o caminhão do lixo, seu Mauricio, motorista lavou bem para nos transportar (LUIZA HELENA, 06/01/12).

> Professora Marlene, esta professora foi uma cabeça bem moderna pra nós na época, ótima professora, ela gostava dessas coisas, de sair um pouco daquela coisa de quatro paredes, ela dava aula no pátio, foi muito bom o trabalho dela (MARIA DA GRAÇA SILVEIRA, 17/01/2012).

As fotos das alunas nos permitem perceber a desconcentração neste passeio:

Figura 30: Caminhão que transportou as normalistas para aula-passeio.
Acervo: Aluna Luiza Helena

Figura 31: Turma no Cerro da Cavalhada - Boneca - 4° Distrito de Canguçu
Acervo: Aluna Luiza Helena

No mês de agosto aconteceu em Canguçu o I Encontro Regional dos Clubes 4s[36]. As normalistas, por solicitação da comissão organizadora da ASCAR de Canguçu, participaram auxiliando desde a recepção, ornamentação e apresentações de teatro sendo que nos relatos dos álbuns escolares encontramos a seguinte

[36] Clubes 4S reuniam rapazes e moças do meio rural, organizados em grupos e com a orientação de extensionistas, desenvolviam várias atividades educativas. Esses clubes pretendiam desenvolver atividades como a "lavoura demonstrativa", a organização da horta, campanhas voltadas à higiene pessoal e também da propriedade, seminários e encontros com atividades recreativas, voltadas a demonstrar os benefícios e as vantagens que a modernização da agricultura poderiam proporcionar.

colocação: “O público visitante aplaudiu-as muitíssimo, agradecendo-os por tão belo gesto. Aliás, todo nosso trabalho foi elogiadíssimo”.

Na semana Farroupilha um grupo de alunos visitou Piratini. A turma do primeiro ano normal foi organizada pela professora de Ciências Sociais Evony Santos, com o objetivo principal de conhecer o museu. Também o grupo de danças do C.T.G. Sentinela da Liberdade (grupo da escola) esteve na Capital Farroupilha e participou do baile de encerramento das comemorações da Semana Farroupilha.

5.3 A Elaboração da Pesquisa

Uma das práticas propostas às alunas da primeira turma normal foi elaborar um livro com dados sobre Canguçu. As alunas foram divididas em grupos e trouxeram informações de forma sistematizada em dois livros, um de cada turma, um desses exemplares encontra-se na biblioteca da escola. A seguir, apresentaremos detalhes desta prática que segundo a Irmã Alícia, diretora na época, foi um dos grandes legados deixados para a comunidade canguçuense em sua administração da escola:

> Fiz aquele livro para conhecer mais a realidade. A pesquisa foi fundamental (DIRETORA IRMÃ ALICIA, 18/04/12).

O autor Sacristán(1995) coloca que a proximidade do currículo com a realidade auxilia os alunos a valorizar a cultura local, reconhecendo-se enquanto sujeito do processo histórico. A prática da produção deste livro promoveu resgate histórico, contextualizando e aproximando o currículo da realidade.

> As organizações e instituições que existem em uma cultura (educação, cultura, economia, governo, religião e família) interagem com os aspectos que se encontram nestes âmbitos sociais(linguagem, valores, atitudes, costumes e hábitos, papéis sociais conhecimentos, tecnologias e formas de expressão artística), numa perspectiva temporal e histórica, para formar uma complexa grade cultural. É evidente que um currículo planejado a partir de todos os invariantes, admitindo e refletindo as variações culturais dentro de cada uma delas oferecerá aos alunos conteúdos nos quais podem encontrar conexões com seu capital cultural pessoal de origem. A escola se aproxima do meio que aproxima do meio que rodeia o aluno: será um ambiente de aprendizagem menos estranho para o estudante (SACRISTÁN, 1995, p. 111).

No trabalho efetuado em 1968 elaborou-se um levantamento sobre a realidade municipal de Canguçu, incluindo a zona rural e urbana, nos aspectos sociais, políticos e econômicos. Esta escrita representou um marco em termos de registro, sistematizado

as informações sobre a situação do município no referido ano bem como mostra a preocupação da formação destes professores em conhecer a realidade em que vivem.

Esta investigação torna-se relevante, pois dada a dimensão geográfica do município[37] e as condições de acesso às informações constituiu-se um trabalho bastante extenso e complexo. Essa complexidade fica mais evidente ao reportar-nos ao ano de 1968, época em que não tínhamos disponibilizadas as linhas de ônibus, os automóveis eram poucos, máquinas fotográficas eram relativamente raras. Essa pesquisa em nossa concepção torna-se importante na História da Educação, seja a nível municipal ou regional, por que nos mostra além dos dados também a proposta de formação das alunas, que estavam imbuídas de conhecer a realidade e desta forma saber quem eram estes alunos? Qual é a história de algumas entidades?

A aluna Maria da Graça recorda que:

> Foi um trabalho dividido em grupos que ficou cada distrito com um, e foi entregue para a direção da escola. Era um trabalho para a própria normalista conhecer a realidade do município, a realidade escolar do município, saber conhecer sobre sua própria terra, saber o que tinha em cada distrito, saber Canguçu como um todo. Cada uma pegava uma coisa, tinha que fazer um mapa, lembro que isso ai ajudei a fazer do nosso grupo, os desenhos do mapa, cada uma pegava uma coisa. Saia a pesquisar quantas escolas tinham, até a questão religiosa, foi bem longo este trabalho, para os mapas pegaram na prefeitura o mapa pronto, marcaram com o auxilio do pessoal da Prefeitura (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

Pelo depoimento da aluna acredita-se que a turma A tenha anexado ao livro mapas, na confecção da turma B não abrange este recurso ou este material.

A professora Laedi ressalta este trabalho como um importante marco no que se refere ao registro da realidade, bem como a importância deste para a comunidade de Canguçu:

> Uma atividade desenvolvida foi a busca, a pesquisa sobre Canguçu até então quase desconhecida: suas origens, sua colonização, suas atividades econômicas (agricultura, pecuária...), suas atividades culturais e sociais. Este foi um trabalho pioneiro e fundamental para o povo Canguçu. A partir daí a busca foi incessante. Pode-se dizer que esta primeira turma do Curso de Magistério foi um marco na história de Canguçu (LAEDI BOSEMBECKER).

Dois livros foram produzidos, cada turma elaborou um, mas na biblioteca somente foi possível localizar um. Neste, fica evidente a preocupação com o visual: capa dura, em vermelho com letras impressas em dourado, realça a beleza do trabalho.

[37] O município de Canguçu possui uma área territorial de3520,6 km², o 5º subdistrito por exemplo fica distante 75 km da sede do município, hoje em 2011 existe em torno de 8.000 km de estradas vicinais.

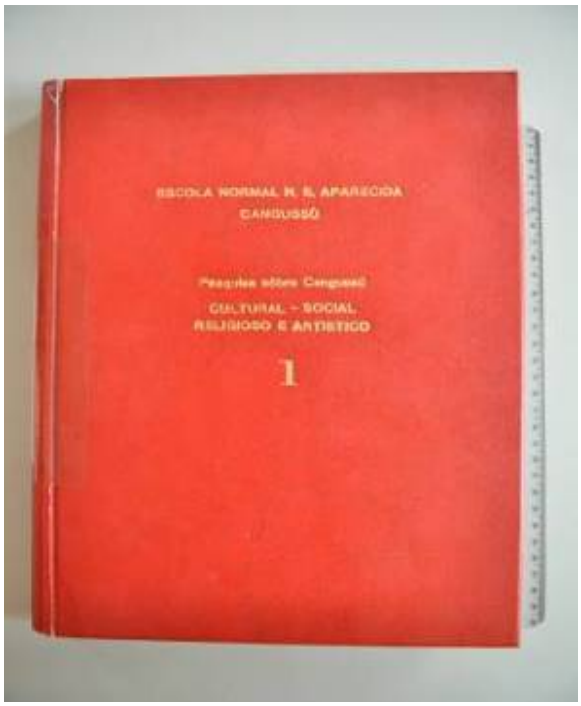
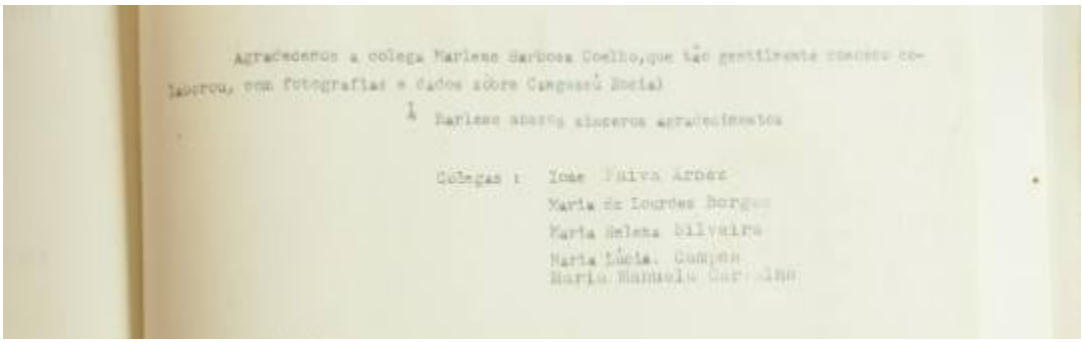


Figura 32: Livro da pesquisa sobre Canguçu
Arcevo: Biblioteca da escola. Foto: Darci Ceron

Salientamos que o livro, desconhecido por muitas pessoas da comunidade e próprios alunos da escola é um referencial dos anos 60 do município. Este é mais um material que fica guardado em estantes, armários que poderiam auxiliar pesquisadores bem como motivar a pesquisa com estudantes.

Em vários momentos percebemos a participação da aluna Marlene Barbosa Coelho no envolvimento da pesquisa Um exemplo desta gratidão[38] a seguir:


Agradecemos a colega Marlene Barbosa Coelho, que tão gentilmente conosco co-
laborou, com fotografias e dados sobre Cangussú Social.

À Marlene nossos sinceros agradecimentos

Colegas : Ione Paiva Arnez
Maria de Lourdes Borges
Maria Helena Silveira
Maria Lúcia Campos
Maria Manuela Carvalho

Figura 33: Página do livro agradecimento à Marlene Coelho
Acervo: biblioteca da escola
Foto: Darci Ceron

[38] Agradecemos a colega Marlene Barbosa Coelho, que tão gentilmente conosco colaborou, com fotografias e dados sobre Cangussú Social. À Marlene nossos sinceros agradecimentos. Colegas: Ione Paiva Arnez, Maria de Lourdes Borges, Maria Helena Silveira, Maria Lúcia Campos e Maria Manuela Carvalho.

O texto produzido “Escola Normal Nossa Senhora Aparecida”: Canguçu, para além da sua condição e estrutura estética, elabora um amplo panorama da realidade canguçuense. Em seus capítulos, denominados por setores: educação, artes, religioso e social, abordam questões pertinentes, tais como: educação, clubes sociais, comunidades religiosas, comércios locais entre outros.

Ao total são 60 páginas, cada seção ocupa um número de páginas variável, em que a educação ocupa maior proporção, sendo constituído de 24 páginas, todos com diversas ilustrações. O material foi elaborado no ano de 1968, pelas seguintes alunas da turma B: Maria Cirlei Ribeiro, Bela Regina Silveira, Laci Mota Campos, Érica Elert, Ione Paiva Arnez, Maria de Lurdes Borges, Maria Helena Silveira, Maria Lucia Campos, Maria Manuela Carvalho, Maria Ione Goularte Duarte, Helena Ester Pereira Medeiros, Jaci Duarte Goularte, Maria Adolfina Pereira, Mariluz de Campos.

A preocupação primordial era elaborar um quase “dossiê” de Canguçu, no setor educação começa mostrando uma foto de 1938, de uma das alunas no jardim da escola e 1939 com uma foto dos alunos da escola cantando o hino nacional em frente à Prefeitura Municipal. A escrita começa em 1932 contando os principais fatos e algumas fotos.

Falam em matrículas, internos, formaturas da escola com nome dos alunos. Em 1966 comentam a escola pronta, fotos de desfiles e foto da Escola Irmãos Andradas. Também mostram uma foto da formatura do Grupo Escolar da Coxilha dos Campos[39] de 1943, esta também é lembrada em 1938. São apresentados dados gerais do município colocando, por exemplo, que em 1950 existiam 101 unidades escolares.

A preocupação da diretora em aproximar as alunas da realidade torna-se concreta quando vemos essa pesquisa trazer dados das escolas, trazendo a historicidade da educação no município.

A vida social de Canguçu também foi alvo de pesquisam contando com doze páginas que apresentam a sociedade primitiva[40] – atual, bem como Instituições existentes, antigas e beneficentes – comerciais, industriais e rurais. Este setor enfoca também as tradições e costumes, rádios locais, e tipos de construções. Os homens influentes também são citados, aqui chama a atenção que nenhuma mulher foi citada como influência na comunidade.

---

[39] Uma das possibilidades da localidade da Coxilha dos Campos ser mencionada no livro é que as alunas: Bela Regina Silveira e Laci Mota Campos serem moradoras desta localidade.

[40] Terminologia usada pelas alunas.

As escolas, bancos, política, comércios, igrejas, tradições e costumes (Centro de Tradição Gaúcha) também são comentados pelas alunas. Trata-se, portanto, de um levantamento que pela ótica das normalistas nos reporta à vida dos anos 60 no município.

O setor religioso começa obviamente com a Igreja Católica Apostólica Romana, trazendo dados coletados no "Livro Tombo da Paróquia de Canguçu", os 10 mandamentos, nomes de padres, reverendos. Relata a história da igreja matriz ano a ano. Relatam algumas informações sobre a Igreja Assembléia de Deus, Igreja Evangélica Batista Independente e Igreja Episcopal, relatam comunidades do município com datas de fundação e algumas capelas.

As artes também são pesquisadas onde começa abordando sobre a arquitetura da Igreja Católica e os mármores que se encontram na mesma. A tipografia também é lembrada pela aluna, onde cita que 1856 havia na localidade do Canguçu Velho, a "Tipografia do Camponez" sendo dirigida por Maximiano José Lopez. Aborda as organizações da comunidade em relação às artes, relatando que 1860 em Canguçu existia um "grupo Dramático" e em 1879 – Primeira Sociedade Recreativa depois em 1890 – Organização da Sociedade Musical. Comenta a criação do Clube Harmonia[41] em 1897 e, no ano seguinte, a fundação do Cine-Ideal.

Faz comentários também sobre o Grêmio das Violentas e o Grêmio Recreio Familiar, clubes freqüentados somente por mulheres. Além dos clubes políticos por homens. Uma curiosidade apresentada pela aluna é sobre embarcações, em que cita que 1865 tinha um lanchão e em 1868 um hiate no Estaleiro da Várzea Grande no Rio Camaquã.

Coloca ainda que Canguçu possui poucos monumentos fazendo referência a uma escultura em homenagem a Getúlio Vargas.

Este trabalho das alunas encontra-se guardado na biblioteca da escola e não é divulgada sua existência, como normalista nunca foi apresentado a nossa turma, embora seja um documento de época que poderia servir de análise da conjuntura. Na memória das alunas não se encontra muito presente as lembranças e o entusiasmo deste trabalho, foi percebido no brilho dos olhos da diretora que incentivou e que acredita na importância deste, a professora Laedi, como historiadora de Canguçu faz referência à importância dessa tarefa, conforme já citamos. Talvez as alunas não tenham ideia da dimensão da pesquisa para época e quanto que isso representa na história de Canguçu.

[41] Clube que veio a sediar a formatura das normalistas.

5.4 O Momento do Estágio

Um dos momentos decisivos na vida das normalistas era o estágio. O mesmo era uma das etapas decisivas da formação. Desempenhando papel crucial ao final do curso. Antes do estágio havia o mini estágio no terceiro ano, onde durante uma semana as alunas ministraram aulas, houve também durante o curso uma experiência ministrando aulas de religião em escolas da zona urbana e rural. Uma escola foi fundada para receber as normalistas para estágio, chamavam de Anexo Santo Antonio[42].

Partindo do pressuposto de que a atividade docente precisa ser cientificamente estudada, o micro ensino cria situações experimentais para que o futuro professor desenvolva as habilidades docentes consideradas eficientes, em situações controladas de ensino (PIMENTA, 2006, p.53). O micro ensino era entendido como um instrumento que preparava o futuro professor para ser dinâmico e interativo e auxiliava a reduzir os problemas na realização da prática de ensino. A autora destaca que "[...] o entendimento da prática presente nas experiências de micro ensino é o de desenvolvimento de habilidades instrumentais necessárias ao desempenho da ação docente" (PIMENTA, 2006, p.55). Dessa perspectiva, quanto mais treinamentos e atividades experimentais em determinadas habilidades, consideradas essenciais a um professor, mais o curso normal estaria atendendo ao seu objetivo.

Popularmente, entende-se estágio como a "parte prática" de um determinado curso. No dicionário Aurélio; o termo "praticar" tem como sinônimo fazer, realizar algo ou ação; "prática" está relacionada à experiência, ao uso, à rotina. Sabe-se que, para realizar qualquer coisa, é preciso conhecer e ter em mãos os instrumentos necessários e adequados. De acordo com Pimenta:

> O exercício de qualquer profissão é prático nesse sentido, na medida em que se trata de fazer "algo" ou "ação". A profissão de professor é também prática. E se o curso tem por função preparar o futuro profissional para praticar, é adequado que tenha a preocupação com prática. Como não é possível que o curso assuma o lugar da prática profissional (que o aluno exercerá quando for profissional), o seu alcance será tão-somente possibilitar uma noção da prática, tomando a como preocupação sistemática no currículo do curso (PIMENTA, 2006, p.28).

[42] Esta escola manteve funcionamento na rede municipal até o ano de 2009.

Assim, a prática, propriamente dita, se efetivará no exercício profissional. A função do estágio, nesta ótica, é proporcionar ao discente uma noção das ações na futura profissão.

Na formação do professor, o aluno deveria se aproximar da realidade da sala de aula e da escola para que, a partir das observações realizadas e das vivências nesse contexto, fosse possível fazer uma reflexão sobre a prática pedagógica que aí se efetiva. Essa reflexão proporcionaria a (re)construção de conhecimentos e de saberes essenciais a sua formação.

A discussão da questão do estágio ocorre sempre no bojo da complexa relação teoria-prática. Cury (2003, p.113-122) refere-se ao Estágio Curricular Supervisionado como a oportunidade de articulação entre o momento do saber e o momento do fazer, ao afirmar que: “O momento do saber não está separado do momento do fazer, e vice-versa, mas cada qual guarda sua própria dimensão epistemológica”. O aprender a ser professor, dessa forma, é reconhecido como um “saber profissional intencionado a uma ação docente nos sistemas de ensino”. Assim, pensar o estágio supervisionado envolve pensar as questões de ensino-aprendizagem, como também as questões próprias do meio onde ele ocorre, pois se trata de uma prática social.

Segundo Andrade e Resende (2010) o Parecer CFE 292/62, que estabelecia a carga das matérias pedagógicas (1/8 da duração dos cursos), determinava que o estágio devesse ocorrer nas escolas da rede de ensino. Nesse espaço, o futuro professor seria assistido por educadores especialmente designados para orientá-lo, trazendo para a discussão os êxitos e erros cometidos pelo aluno estagiário. Definia, ainda, que o estágio tivesse um período de duração de um semestre letivo. Ao realizar o estágio, em escolas da rede de ensino, os futuros professores teriam a oportunidade de “aplicar” os conhecimentos adquiridos ao longo do seu curso, dentro das possibilidades e limitações de uma escola “real”.

O conceito de prática era visto como o desenvolvimento de habilidades instrumentais necessárias ao desempenho docente, ou seja, o treinamento em situações experimentais, a utilização de técnicas de ensino era considerado a priori como necessário ao bom desempenho docente. A formação é, assim, uma via de mão única: do curso para a escola. Para o professor desempenhar sua função, é suficiente saber lançar mão adequadamente das técnicas de ensino (CAIMI, 2002, p.87-88).

Pela análise das diversas entrevistas podemos observar que para muitas delas era o momento de enfrentar uma turma de alunos, a hora decisiva do curso, com muitos

desafios e medos da supervisão conforme as entrevistas apontam. Como foi esta realização? Quais eram os passos de planejamento? Como se dava a interação com os alunos? O que ficou na memória das entrevistadas?

Figura 34: Estágio da normalista Beatriz Zaneti da Rosa
Acervo: Normalista Beatriz

A foto acima apresenta um dos momentos de estágio da aluna Beatriz que possibilita fazer relação com as aulas e autores trabalhados na turma como Amaral Fontoura[43]. Noata-se a disposição das classes, proximidade da aluna com os alunos, trabalhos em grupo, sala de aula com estrutura de materiais para auxiliar na aprendizagem dos alunos. A aluna Luiza Helena comenta:

> Na nossa sala de aula tinha umas mesinhas que eram uns triângulos que ai juntava quatro, formava grupo, nós trabalhava muito, muito em grupo, nós sentávamos em duplas, em cada sala de aula tinha uma biblioteca, livros básicos, de psicologia, filosofia, a gente tinha alguns livros para cada grupo, a gente não comprava os livros. O trabalho em grupo era muita influência da escola nova, os livros traziam muito isto de aprender com o outro, por isso sentar junto com o outro, tem que discutir junto com o outro, apresentar trabalhos em grupo, então a nossa formação toda já foi muito marcada por isso, era uma proposta para combater o ensino tradicional, e isto foi muito forte naquela década de 70, a proposta era mudar a escola (LUIZA HELENA, 06/01/12).

Quanto à forma das mesas da sala de aula não foi possível localizar nenhuma foto que mostrasse a sala de aula, a Irmã Alícia comentou que o formato das mesas

[43] Na contracapa do livro do autor citado no capítulo anterior, encontramos uma figura com a disposição das classes semelhantes, ou seja, trabalhos em grupo, baseado na escola nova, saberes trabalhados na turma.

facilitava a ocupação do espaço, que era pequeno. Não fez referência aos autores e tendências da escola nova. Mas diante dos livros utilizados e da fala da normalista podemos perceber que o escolanovismo estava presente na formação dessas futuras professoras.

Para a autora Ana Maria Villela Cavaliere (2002) as novas ideias em educação questionavam o enfoque pedagógico até então centrado na tradição, na cultura intelectual e abstrata, na autoridade, na obediência, no esforço e na concorrência. Para os reformistas, a educação deveria assumir-se como fator constituinte de um mundo moderno e democrático, em torno do progresso, da liberdade, da iniciativa, da autodisciplina, do interesse e da cooperação. As reformas nas instituições escolares visavam à retomada da unidade entre aprendizagem e educação, rompida a partir do início da era moderna, pela própria escolarização, e buscavam religar a educação à "vida".

Com esta tentativa de desformalizar parcialmente a educação escolar, o movimento escolanovista pretendia que a escola interviesse de maneira ao mesmo tempo mais profunda e mais abrangente na educação dos indivíduos.

Do ponto de vista político-social, as novas ideias eram uma resposta à generalização e laicização da educação escolar alcançada, na Europa e nos Estados Unidos, em fins do século XIX. O ideal da educação para todos ganhou concretude, e esta concretude pôs em xeque as tradições escolares. Já do ponto de vista do conhecimento científico, as novas ideias eram uma consequência dos avanços da biologia e da psicologia, que embasavam uma nova visão da criança, da aprendizagem, da educação em geral e da educação escolar.

O escolanovismo brasileiro está ligado às concepções de John Dewey, que acredita ser a educação o único meio realmente efetivo para a construção de uma sociedade democrática, que respeite as características individuais de cada pessoa, inserindo-o em seu grupo social com respeito à sua unicidade, mas, como parte integrante e participativa de um todo. Anísio Teixeira, o mais importante seguidor das ideias deweyanas no Brasil, vê a sociedade em constante transformação, tanto social como econômica e politicamente. A escola, por sua vez, deveria formar indivíduos aptos a refletir sobre e inserir-se nessa sociedade, considerando sua liberdade individual e sua responsabilidade diante do coletivo. Logo, o resultado da educação escolarizada deveria ser o indivíduo integrado à democracia, ou seja, o cidadão democrático.

A aluna Beatriz guarda e nos oportunizou a leitura do seu diário de estágio, que nos confirma as tendências da escola nova, marcado com questões patrióticas e práticas participativas com os alunos. Ela nos apresenta, explica que a escrita era com caneta com tinta, não esferográfica, não podia ter erros:

> Fiz estagio na 4ª série, como eu nunca tinha sido professora, não tido esta experiência a não ser estas poucas aulas de religião, na hora tu treme né, por que tu não tem certeza se tu vai dominar bem aquele assunto e quando chega a supervisão então, aí meu Deus! Não tirei uma nota alta, mas acho que foi uma nota boa, a supervisão era feita pela Evony em Estudos Sociais e Matemática, Dona Laedi fazia linguagem que não se chamava português, ela deu didática de linguagem, ciências acho que era uma que vinha de Pelotas. Cada professora observava a matéria que tinha dado no magistério (BEATRIZ, 13/01/12).

A mesma aluna, ainda recorda que a supervisão era o momento em que a escola tinha a oportunidade de conferir se os ensinamentos estavam sendo aplicados e de que forma para que a aluna saísse com titulação de professora. A normalista Maria da Graça recorda que o diário tinha que estar sempre em dia e que tudo deveria estar registrado.

> Nós estagiárias tínhamos que estar sempre preparadas por que elas chegavam inesperadamente e elas estava dentro da nossa sala de aula, ai, entravam, sentavam lá no fundo e ficavam e agente tinha que continuar a aula, além da Evony, tinha a fiscal que era da 5ª DE a professora Maria Helena Hermadorena e fora a madre que de vez em quando fazia uma visitinha. Para o estágio tinha 42 e uma não se formou, não conseguiu. O estágio era bem exigido, nós tínhamos que ter aquele diário em dia, tudo, tudo organizado, bem planejada a aula, e aula tinha que ser de acordo com que tava registrado no diário (MARIA DA GRAÇA,12/01/12).

Ao analisarmos o diário da aluna Beatriz, entre outros aspectos percebemos: na primeira folha consta o “Plano Geral da Escola”, logo após frases isoladas, com cunho de incentivo, procuram salientar o papel da pátria, do livro, da religião, e da vida cristã. Num claro exemplo da formação cultural que era ministrada dentro da Escola Nossa Senhora Aparecida. Como exemplo, arrolamos algumas delas:

- Não perguntes o que a Pátria pode fazer por ti, mas o que tu podes fazer por ela.
- “Bom livro, bom amigo”.
- “Religião é vida”
- “Incentivar no aluno uma vivência cristã, com base no amor e na caridade”.
- “O homem não vive só”.

São algumas das dez frases, deste plano geral que encontramos no diário, que demonstram a valorização, a nacionalidade e a a vida cristã. Na segunda folha temos três frases da aluna como um incentivo próprio ao trabalho que se iniciava:

- "O bom Pastor dá a vida por suas ovelhas, e eu como mestra quero seguir este princípio dando a minha vida para a formação integral de meus alunos".

- "**Senhor!**[44] Dai-me forças para bem cumprir a jornada que hora vou iniciar."

- "Espalhar luz e amor nas trevas escuras de outras vidas".

Na terceira folha do diário uma mensagem provavelmente distribuída as normalistas pela escola intitulado "Ato de Fé" que juntam a esta duas frases:

- Professora, Deus não espera o fruto do teu trabalho, mas o trabalho do teu coração.

- O segredo da vida não consiste em fazer o que se ama, mas amar o que se faz (CHURCHILL).

Constata-se pelas frases o quanto que a profissão professor permeava o ato de amor, o compromisso com os alunos e aluna quando escreve "Espalhar luz e amor nas trevas escuras de outras vidas". Trabalhava-se com a ideia de levar novos rumos à vida do aluno, acreditamos que permeados pela religiosidade, ou seja, levando os ensinamentos cristãos seguindo a ótica franciscana.

Uma folha de enfeitada com flores anuncia o mês de agosto com o Dia dos Pais, Dia do Soldado em homenagem ao Duque de Caxias.

O plano de unidade tem como titulo: O amor paternal, com justificativa, objetivos, subdivididos em generalizações; hábitos, atitudes e habilidades; atividades iniciais; conteúdo programático; atividade culminante, avaliação, recursos audiovisuais, bibliografia e observações.

Plano de unidade[45] 7 dias

2° plano - 12 de agosto a 7 de setembro – Bom soldado bom patriota

3° plano - 12 de setembro a 30 de setembro – Uma comunidade unida para um Brasil melhor

4° plano - De 06 de outubro a 30 de outubro – Criança, de ti esperamos um Brasil melhor!

---

[44] Grifo da aluna.

[45] Em anexo será colocado um plano de unidade na integra.

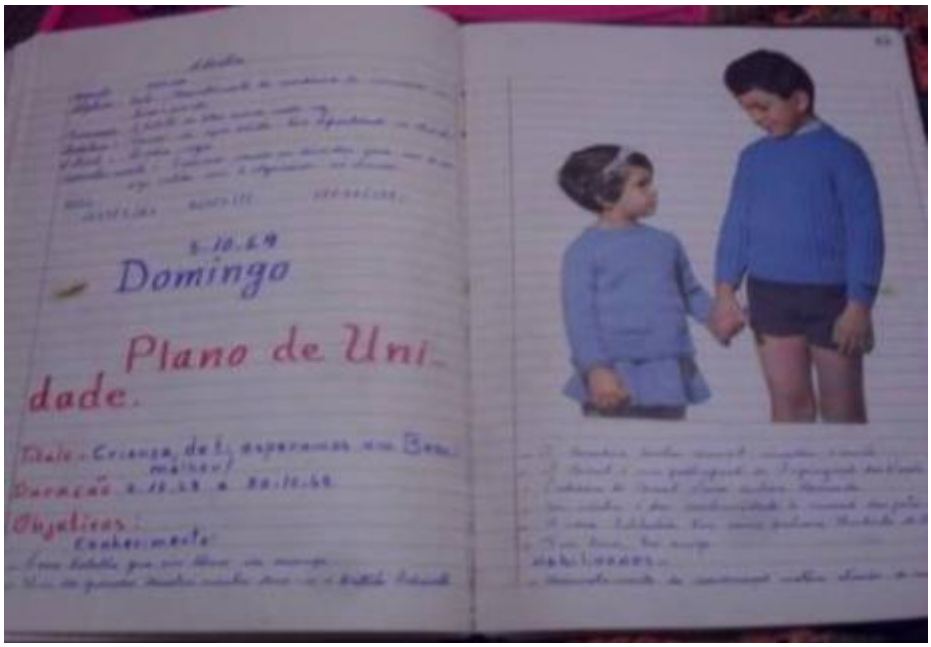


Figura 35: Página do diário de planejamento de unidade
Acervo: Beatriz Zaneti da Rosa. Foto: Patrícia Zaneti

5°plano - 5 de novembro a sem data – Bandeira tu és a imagem de nossa Pátria enquanto que a Proclamação da República lembra um fato glorioso de nossa Pátria.

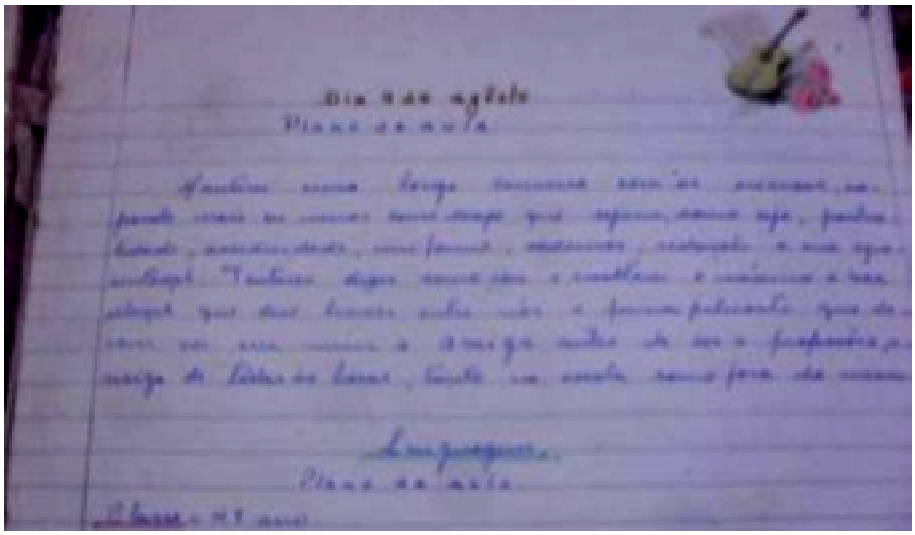


Figura 36: Plano de aula
Acervo: Beatriz Zaneti Rosa. Foto: Patrícia Zaneti

Dia 04 de agosto inicia-se então o estágio da aluna com o plano de aula[46],que a estrutura de planejamento baseava-se nos seguintes passos:

[46] Será anexado um plano de aula para dar a noção de planejamento realizado pelas normalistas.

As disciplinas eram separadas, sendo dadas numa média de duas disciplinas por dia:

1. Matéria: Matemática, estudos sociais (geografia ou estudos sociais), linguagem ou ciências.
2. Assunto: o conteúdo a ser trabalhado na aula.
3. Material: recursos utilizados para dar a aula (por exemplo: jogos, cartaz).
4. Objetivos: Dividido em duas partes:
   - Formação: um objetivo em relação à afetividade, respeito, postura;
   - Conhecimento: especifico para o conteúdo abordado.
5. Incentivo: conversa motivacional sobre o assunto relacionando a ser trabalhado.
6. Desenvolvimento: atividades a serem desenvolvidas para explicar, mapas, textos entre outros.
7. Exercícios: atividades para serem aplicadas com os alunos.

As aulas de educação física tinham outro roteiro de elaboração de aula:

1. Matéria: Educação física
2. Assunto: jogos
3. Objetivo: em relação atitudes, postura, ritmo, evolução.
4. Parte inicial: aquecimento, exercícios de braços e pernas.
5. Parte central: jogos, brincadeiras.
6. Parte final: é colocado só término da aula sem especificar o que era feito.

Dia 25 de novembro é o último registro de plano de aula.

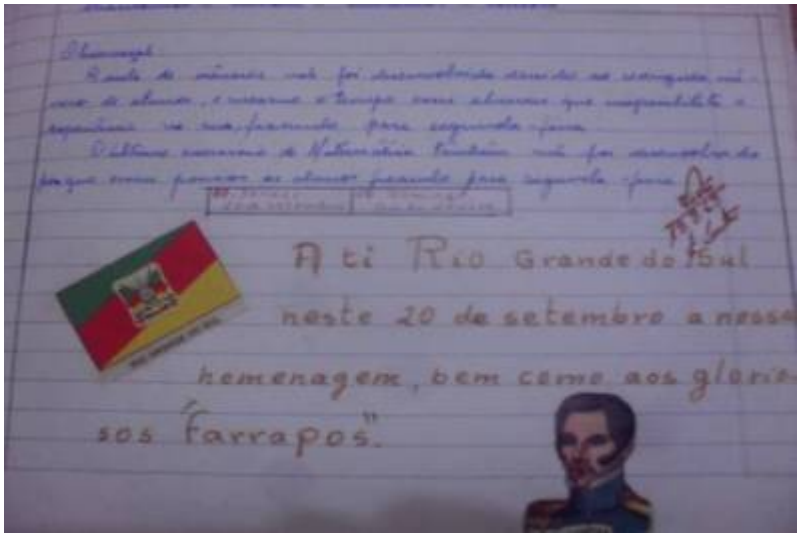


Figura 37: Assinatura de supervisão de estágio.
Acervo: Beatriz Zaneti da Rosa. Foto: Patrícia Zaneti

O ambiente da sala de aula da normalista, assim como pela análise da fotografia e dos comentários realizados podemos averiguar que eram utilizados materiais preparados nas aulas de didática.

> Na sala de aula tinha uma linha do tempo de história, na época estudava o Brasil né? É do Brasil por que ali ta o mapa do Brasil das regiões, era no tempo do Figueiredo eu acho. As plantinhas que a gente cuidava, experiência que a gente fazia. No magistério já tinha aberto um pouco mais o ensino, já buscava mais material concreto, para ensinar a tabuada já não ensinava a decorar, a parte de unidade, dezena e centena fazia eles manusear, a parte decimal a Evony tinha dado bastante opções para gente trabalhar e usava bem (BEATRIZ, 13/01/12).

A aluna, enquanto folheava as páginas de seu diário salientou uma das atividades, que foi a criação do “Dia da Novidade”. A proposta foi construída junto com os alunos no dia 20 de agosto de 1967, sendo um dia destinado para contar as novidades, o dia foi fixado por eles conforme informação do diário, sendo nas segundas e sextas. Também elaborou junto aos alunos itens de avaliação mensais, sendo os seguintes além da nota da sabatina:

- Comportamento perante os colegas na aula e escola;
- Capricho com os cadernos, uniforme, aparência pessoal;
- Tarefas e cadernos em dia;
- Interesse para com as necessidades da classe, para os pedidos da professora, diretora, enfim todo o interesse demonstrado.

> Foi criado junto com os alunos o “dia da novidade”, um dia destinado as novidades, foi fixado por eles mesmos as segundas e sextas que ficariam para tais assuntos, também foi elaborado um item de avaliação dos alunos no fim do mês, além da nota da sabatina comportamento perante os colegas na escola, capricho com os cadernos, uniforme, aparência pessoal (BEATRIZ, 13/01/12).

Na escola da Coxilha dos Campos, onde foi realizado o estágio, a aluna Beatriz juntamente com outra colega desenvolveu um projeto extraclasse, que foi a montagem de uma sala dos primeiros socorros. Em um armário organizaram medicamentos necessários na escola, comenta a aluna que pediram aos alunos para trazerem de casa e elas próprias levaram medicamentos, comenta ainda que hoje nem se pode mais ter este tipo de atendimento aos alunos, mas na época não tinha problema:

Figura 38: Estagiárias na sala de primeiros socorros
Acervo: Beatriz Zaneti. Foto: Patrícia Zaneti

> Sala dos primeiros socorros, tinha um armário que era dos primeiros socorros, ai a gente fazia campanha e recolhia, naquele tempo ainda podia ter remédio, tinha esparadrapo, foi um trabalho extra que a gente desenvolveu, era meu e da Maria Lucia, as outras desenvolveram outra coisa. Era usado por toda escola (BEATRIZ, 13/01/12).

Ao folhar as páginas do diário a normalista tece comentários que reportam à realidade vivenciada pelos profissionais da educação, ou seja, a falta de material disponível bem como reaproveitamento:

> Para o planejamento usava material das aulas do magistério e livros da biblioteca do colégio. Para fazer um soldadinho que montava, usava aquelas coisas que vinha no meio das placas de raio x, a Maria Helena que tinha muito, como era difícil material né? ... (sobre uma matriz) Olha só agente ia aproveitando, aproveitando, até ficar transparente, hoje tem tudo nas escolas, material, hoje o governo dá muita coisa (BEATRIZ, 13/01/12).

Relembra que os exercícios matemáticos usavam nomes das crianças nos enunciados, no intuito de chamar sua atenção e aproximá-los da realidade dos conteúdos trabalhados, outra admiração é em relação ao nível de exigência:

> Olha aqui: Qual é o principio que Rui Barbosa defendeu na Conferencia de... que horror... o que quer dizer ONU? Que tipo de leis temos? Onde são encontradas todas as leis que regem o país? É capaz das crianças não saberem hoje. Como era puxado né? A coisa em vez de ir para frente vai pra trás. Se as crianças aprendiam é por que tinham capacidade, por que hoje eles não tem? (BEATRIZ, 13/01/12).

O material para aprendizagem dos alunos é comentado novamente. A depoente explica que na sala dispunha de vários elementos para trabalhar de forma concreta, lembra ainda que em uma das visitas de supervisão de estágio ficou tão nervosa que errou na colocação de fichas e que a professora Evony fez uma mudança sem que os alunos percebessem:

> A gente tinha o quadro de pregas, tinha o quadro de valor do lugar, quadro de equivalência, de frações, um quadro de madeira que dava para enfiar uma tira de cartolina e ai tu bota fração de meios, depois de terços, quartos, oitavos, a criança vê que a equivalência, quer dizer que o bolo é o mesmo, que dois meios equivale a quatro quartos, eu me lembro que um dia a Evony foi me ver e eu fiquei tão nervosa que eu tava dando uma coisa destas e eu me atrapalhei e ela discretamente trocou, mas ninguém viu nada (BEATRIZ, 13/01/12).

Nestas colocações da aluna podemos perceber que a supervisão no estágio era um momento de angústia, pois seria o momento de mostrar as aprendizagens durante o curso bem como demonstrar a capacidade de assumir uma sala de aula como professora.

A supervisão era realizada pelas professoras de didática, diretora da escola onde se realizava o estágio, diretora da escola Normal e inspetora de ensino. Foi possível verificar essa afirmação, pois no diário por nós consultado, consta a assinatura das professoras de didática e da diretora da escola. No diário analisado não encontramos a assinatura da diretora da Escola Normal e inspetora, embora tenha sido relatado pela aluna Maria da Graça de que estas também realizavam visitas de supervisão. Uma possibilidade pode ser que a normalista Maria da Graça realizou estágio na cidade, favorecendo o acesso a este acompanhamento, enquanto que o diário analisado é de um estagio realizado no interior do município.

> Elas assinavam o diário, coisas que eu aprendi com a dona Laedi, que eu ensinei toda esta minha vida para as crianças, também o tempo dos verbos, tinha umas regrinhas (BEATRIZ, 13/01/12).

A normalista Maria da Graça comenta da exigência do plano de aula em dia bem como seguir o roteiro planejado:

> Nós, estagiárias tínhamos que estar sempre preparadas por que elas chegavam inesperadamente e elas estavam dentro da nossa sala de aula, ai, entravam, sentavam lá no fundo e ficavam e a gente tinha que continuar a aula, além da Evony, tinha a fiscal que era da 5ª DE a professora Maria Helena Hermadorena e fora a madre que de vez em quando fazia uma visitinha. Para o estágio tinha 42 e uma não se formou, não conseguiu. O estágio era bem exigido, nós tínhamos que ter aquele diário em dia, tudo, tudo organizado, bem planejada a aula, e aula tinha que ser de acordo com que tava registrado no diário (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

A professora Evony recorda que não se sentia a vontade para fazer a avaliação de estágio, realizando o julgamento, pois poderia errar quanto ao perfil da profissional:

> Não gostava de fazer avaliação de estágio, às vezes quem vai bem no estágio depois não se mostrou boa profissional e vice-versa. Não gosto de julgar (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

A exigência era umas das características apontadas na professora Evony, ela mesma reconhece-se como exigente e que as alunas alertavam sobre isto, sendo que ela foi buscando melhorar, revendo sua forma de atuação, mas esta exigência foi reconhecida pelas normalistas visto que a professora foi convidada para paraninfa da turma:

> Evony era super exigente, não fazia elogios, ela dizia que o professor era exigido pela comunidade e poucas vezes elogiado (LUCIA,14/03/12).

Este fato é reconhecido pela professora, tanto que na entrevista ressalta:

> Primeiro eu enxergava o erro, considero um defeito. E principalmente a turma das mais velhas corrigia muito (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

A professora comenta da exigência que tinha consigo mesma. Sempre buscou qualificar-se para poder realizar o trabalho de forma eficiente, participando de cursos e que não assumindo cargos que não tivesse habilitação para desempenhar, usava com frequência as dependências da biblioteca escolar, recebendo premiação por ser a professora mais assídua neste setor:

> Nunca aceitei que me desse um cargo que eu não fosse habilitada. Buscava nos jornais eventos, cursos. Sempre fui muito tímida e ai ficava apavorada de não ter competência, os cursos me davam sustentação (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

Figura 39: Professora Evony Prestes dos Santos nas dependências da biblioteca da escola.
Acervo: Evony Prestes dos Santos

As aulas de religião eram ministradas pelas normalistas no estágio, salienta-se que no terceiro ano as alunas já tinham dado aulas de religião como uma iniciação ou preparação para o estágio, a normalista Maria da Graça recorda:

> Como normalista a gente aprendeu que a primeira coisa era fazer a oração, normal isto ai, a gente chegava as crianças já ficavam e a gente meia distraída, e as crianças diziam : E a oração professora? Então todos ficavam de pé, a gente fazia a oração, isto acontecia enquanto estagiária e enquanto aluna, sempre, sempre. E ai tinha os dias que o padre ia lá na escola a gente se reunia na capela, e ai aquelas que queriam se confessar coisa assim aproveitavam (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

A irmã Alícia comenta na entrevista que as alunas aprenderam a ser boas catequistas:

> Fica boas catequistas e boas professoras, logo que se formaram, conseguiram se colocar no estado. Hoje não é tão necessário (curso normal), mas naquela época sim (DIRETORA IRMÃ ALÍCIA, 18/04/12).

A aluna Lucia Moreira mostra durante a entrevista uma recordação do estágio, realizado no Grupo Escolar Maria Moraes Medeiros, na Coxilha dos Campos, comentou sobre as idas de ônibus, espera pelo horário de retorno, bem como os cafés que tomava na casa de uma amiga da família para esperar o horário do transporte, a senhora Outublina Pôssas da Silveira[47].

[47] Neste entrelaçamento da história ficamos sabendo desta acolhida da moradora Outublina Pôssas da Silveira, lembrado com carinho pela aluna, salienta-se que esta moradora é avó materna da pesquisadora.

Figura 40: Estagiária Lucia Moreira com a turma na calçada do Grupo Escolar Maria Moraes Medeiros.
Acervo: Lucia Moreira

Para Pimenta e Lima (2008), o estágio tem como objetivo preparar o futuro professor para a realização de atividades nas escolas, bem como para o exercício de análise, avaliação e critica dos desafios que a realidade escolar revela. Portanto, entender o estágio como um tempo destinado a um processo de ensino e de aprendizagem é reconhecer que, apesar da formação oferecida em sala de aula ser fundamental, só ela não é suficiente para preparar os alunos para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se necessária a inserção na realidade do cotidiano escolar, o que é proporcionado pelo estágio. É possível, evidenciar resultados significativos no que diz respeito ao desempenho e responsabilidade dos alunos. Suas falas, registros e atitudes explicitam e evidenciam a sua importância para a formação profissional.

5.5 Despedida da Turma

Para a despedida da turma de normalistas foi organizado um momento, onde receberam o Bispo Dom Antonio Zattera da Diocese de Pelotas que falou sobre o ideal, perseverança, abnegação e dedicação da futura professora como educadora e guia espiritual de tantas almas. Seguindo, no mesmo dia 10, as alunas do 2º ano normal fizeram uma homenagem de despedida às “terceranistas”, no quadro negro a seguinte frase: **“Ser professôra é ser luz na cegueira da ignorância”.** Cada aluna

recebeu um lencinho branco com o nome bordado e um cartãozinho a frase que constava no quadro-negro. Conforme solicitação da professora Evony, apresentaram um canto e a Valsa do Adeus. Nos relatos a frase: **“Foi uma homenagem linda e deveras emocionante.”** As alunas também fizeram uma despedida entre elas no mesmo dia.

Figura 41: Confraternização de encerramento de ano, da turma A.
Acervo: Luiza Helena Silveira

Em 1970 a escola, de acordo com o Relatório de atividades que se encontra na biblioteca, contava com 107 alunas matriculadas no curso normal, incluindo as estagiárias, em função do grande número de alunos a escola realizou algumas modificações nas salas, leia-se nos registros:

> Com o grande número de alunos existentes na escola houve modificações em certas dependências. Onde se encontrava a Capela da escola passou a ser a Biblioteca, que esta muito bem organizada e agora conta com livros maravilhosos sobre qualquer assunto. A capela ficou mais ampla e com melhor apresentação. A sala onde ficava a biblioteca é agora uma nova aula. As outras dependências continuam como antes (RELATÓRIO DA ESCOLA).

5.6 Formatura

A formatura é uma festa que extravasa sentimentos, comunica conquistas e anuncia futuros profissionais. É neste ritual que o jovem se despede da vida de estudante para encarar a de profissional. O dia da formatura é um grande acontecimento tanto para os jovens quanto para os familiares, para a Escola Normal

e sociedade canguçuense foi um dia de festa, que marcou um novo tempo na educação do município e região. Este momento foi marcado com uma missa na Igreja Matriz e solenidade de entrega de certificados no Clube Harmonia, o mais tradicional da cidade, demonstrando o valor destas jovens para comunidade. Além disto, as participações, cartas e cerimônia reforçam a grandiosidade do evento para a sociedade. Participaram prefeito, deputado estadual, diretores de escolas, inspetora de ensino, ex-professores e sociedade como um todo. Houve transmissão ao vivo pela Rádio Liberdade na voz do radialista Ciro Irribarem, um dos mais conceitos radialistas da época. A professora Evony disponibilizou uma fita de áudio com a gravação da transmissão da rádio Liberdade, sendo possível desta forma acompanhar este momento histórico traduzindo as emoções e vivências da noite do dia 10 de janeiro de 1970.

A missa de formatura foi realizada na Igreja Matriz Nossa senhora da Conceição, em que o padre Afonso Bandeira em seu discurso utiliza o lema das formandas para realizar o encerramento:

> Eis o que o mundo atual espera de vós.
> Aliás, o lema, que escolhestes, vos compromete: é um sério compromisso que assumis com o mundo.
> - Amar muito – Amar!
> Vosso lema nega o egoísmo, o individualismo, o isolacionismo...
> Pede generosidade, solidariedade, dedicação...
> - Exigir muito – Exigir!
> Vosso lema recusa a mediocridade, o comodismo, o desleixo...
> Ele significa uma certa insatisfação, uma certa angústia, uma certa inquietação de alma, que não aceita estagnação e busca os objetivos mais altos, mais pobres, mais perfeitos, pelos meios mais perfeitos...
> Por isso, ele pede, sobretudo, que exijais muito, muito mesmo, de vós próprias, para que tenhais autoridade moral para o exigirdes dos demais...
> -Dar tudo! – Doação! Dar!
> Vosso lema supõe um enriquecimento pleno; supõe que estejais naquele nível intelectual, moral, espiritual, como pessoas humanas e cristãs integrais, que possais então dar realmente tudo de vós mesmas a esse mundo que tanto, ou mesmo tudo, espera de vós...
> Eis a coerência de pessoas humanas bem formadas.
> Mas, sede também coerentes com pessoas cristãs bem formadas. Sintonizai o decálogo com o Credo, a Moral com as verdades Reveladas... que vossa vida prática seja um fiel retrato de vossa vida teórica (ou filosofia de vida)... que nada façais, penseis ou digais, que não seja rigorosamente pautado ou ditado por vossas consciências, inspiradas nas normas e princípios evangélicos!
> Que estas palavras, pois, soem como um estímulo e um convite, para que assinaleis vossas presenças neste nosso mundo moderno, dando-lhe o melhor e irrespondível argumento: a coerência e a fidelidade às vossas sagradas convicções humanas e cristãs!

Percebe-se na fala do padre um discurso que lembra à normalista o quanto deve primar pelos valores religiosos pautados na filosofia de São Francisco de Assis, bem como enfatiza a modernidade que vivenciam, novos momentos na educação do município e do mundo. A solenidade seguiu relembrando a importância do papel dessas professorandas para a comunidade, mostramos a seguir trechos pronunciados durante o evento.

A solenidade no clube marcou o dia da entrega dos certificados a estas futuras professoras, pela audição do material do áudio, parece-nos que o locutor também é o mestre de cerimônia, pois o mesmo chama a professora Evony, como paraninfa, para conduzir as formandas até o salão, é possível ouvir as palmas e uma música ao vivo de fundo, tocada em piano.

Figura 42: Chegada das alunas ao salão nobre do Clube Harmonia para início da cerimônia da formatura.
Acervo: Evony Prestes dos Santos

O locutor usa as seguintes palavras:

> Temos a satisfação de convidar as senhoritas formandas para cantar o hino nacional. A pátria este imenso Brasil que se agiganta no âmbito das nações é motivo de orgulho para todos nós, mas ainda acima do orgulho sentimos mais do que nunca a responsabilidade que temos em formar as gerações futuras um povo que dará ao mundo demonstração de poderio econômico aliado a fraternidade e bondade, bases essenciais que mantém o espírito pacífico brasileiro. Ao som do hino nacional volveremos nossos pensamentos para nossa pátria como se fosse uma prece depositaremos no altar de nosso país os nossos sentimentos de amor pátrio (LOCUTOR, 10/01/70).

É possível na audição da fita perceber que as alunas estavam afinadas ao cantar o hino nacional, reforça o quanto eram fortes e presentes as ideias de pátria, nação, em

que o regime militar manipulava os contextos para intrometer a sua ideologia. Houve aplausos no final, em seguida passaram à leitura das felicitações enviadas, uma delas vem do governador do estado: Walter Perack de Barcelos, Padre Zomar Garcia, Tereza Maria Badia Fiscal do Ensino Particular, Gema dos Santos pelo Círculo de Pais e Mestres, Reverendo Joaquim e família, professora Laedi, Reverendo Gilberto Bierhals e esposa.

Após a secretária Maria Schneider para leitura da ata. O comentarista fala o seguinte neste momento:

> Com a leitura da ata que se fará logo a seguir Canguçu viverá um de seus momentos históricos, pois se fará registro da primeira turma de normalistas que recebem seus diplomas demonstrando que a comunidade volta-se aos problemas do ensino elevando desta forma, o nível cultural do magistério no município (LOCUTOR, 10/01/70).

Houve homenagens das crianças e colegas de curso a estas futuras professorandas. A música da homenagem das crianças era “Se eu fosse um peixinho e soubesse nadar”, tocada em vitrola, crianças dedicaram palavras de incentivo, entregando uma rosa para cada uma das normalistas em sinal de gratidão ao trabalho ao qual iriam se dedicar. Dando continuidade à formatura, as alunas foram convidadas para cantar o hino da normalista, sendo precedido pelo comentário do locutor:

> O trabalho das letras e da glória contas a ação que espalha no mundo (sic) se há trabalho fecundo o de ensinar será o mais fecundo, é dele que depende os demais. Ensinar é trazer luz na escuridão, é levar esperança na desesperança, é condicionar oportunidades de conhecer. É abrir as portas do futuro à criança do presente, e na cultura viver a glória do Brasil, astro que espalhará no mundo esplendentes eternos clarões (LOCUTOR, 10/01/70).

Figura 43: Formandas cantando o hino nacional brasileiro, pode-se ver a professora paraninfa junto com as alunas e a Irmã Alícia, diretora, na mesa das autoridades
Acervo: Beatriz Zaneti da Rosa

Antecedendo a entrega dos certificados a fala, ao som de um violino que dá certa nostalgia ao ouvir, sugere realmente uma despedida, conforme podemos conferir a fala do comentarista, que segue:

> Pedaços da alma sem vida, se vão nas asas da nostalgia, é aventura ferida ao se partir da dor neste dia. Adeus Escola Normal, redio de calma, paz e amor, fostes o nosso ideal, pois formastes a nossa alma em flor, quando do outono dourados do viver fizeram nosso passado fenecer ornaremos de ilusão a cruel realidade só o perfume da saudade do coração, vamos sonhar, aos colegas e a escola lembrar, vem... vem recordação faz esquecer as mágoas do viver vem embalar na cantiga do meigo ninar o sonho a ilusão, sonha pois coração... (LOCUTOR, 10/01/70).

Ao som do violino, as alunas iam sendo chamadas, conforme a ordem alfabética. Como já foi dito, 42 duas alunas receberam nesta noite de glamour seus certificados.

Figura 44: Aluna Beatriz Joana da Rosa recebendo da mãos da Professora Evony o certificado de professora.
Acervo: Beatriz Joana da Rosa

Após passaram a fazer o juramento das professorandas, jurando fidelidade a sua missão de educadoras, uma das alunas falava um trecho e todas repetiam:

> Ao receber meu diploma de mestra, eu livre, conscientemente, juro Senhor, por vós e por minha pátria, hei de lutar sem esmorecimento, até o fim dos meus dias, para que os educandos que me foram confiados possam desempenhar o papel que lhe cabe na vida, dentro dos princípios da dignidade humana do bem e da educação cristã.

Feito o juramento a palavra foi passada à oradora da turma, professora Luiza Helena Moreira. O discurso faz uma referência às conquistas tecnológicas, diante da necessidade de ajudar, da missão do educador, que a solenidade servisse de motivação, na busca da luz espiritual, com nova esperança, com luz da fé, da união,

do amor. Tendo crianças para amar, homens para formar. Salientou que eram os primeiros enviados da escola normal, sendo a exuberante primavera da comunidade canguçuense, porta vozes que revelavam verdadeiro amor ao mundo.

> Mas em toda em nossa missão de mensageira não esqueçamos a característica marcante da personalidade feminina tão bem interpretada no hino que há pouco cantamos, a mulher sobre um trono se eleva quando cumpre a sagrada missão. Eduquemos e acima de tudo amemos a criança que não será preciso castigar o homem. E será nossa aquela promessa: Sereis astro, vossos nomes brilharam nos céus como luzeiros nos arcanos eternos na existência....Neste momento colegas unamo-nos, por que minha inspiração é pobre e minhas palavras insuficientes para dizer o que nossa missão enterra: amar muito, exigir muito, dar tudo (LUIZA HELENA, 10/01/70).

Esta última frase é entoada por todas as alunas, como se reforçando este lema do cartão. A aluna faz referência aos pais, professores, agradecendo de forma especial à paraninfa, Madre Alícia Braun. A diretora recebe palmas durante o discurso da oradora. Após o discurso é feita uma cerimônia de entrega da beca para segunda turma de normalistas. Dando prosseguimento, a paraninfa Professora Evony Prestes dos Santos, fez uso da palavra[48]. Na foto da professora é possível ver a bandeira do curso normal, já citada neste trabalho. Outro detalhe a enfatizar é a roupa que usou, ela mandou confeccionar um vestido no mesmo tom que usavam as alunas, ou seja, um bordado em azul. Uma das alunas comentou que a paraninfa estava muito bonita e que usava a roupa de acordo com a cor da roupa das alunas.

> A roupa da formatura ta baseado no Assis Brasil de Pelotas, era toga e beca tradicional, lá era preta, mas como era padrão só a gente fez azulão por que era a cor do colégio, a gente não quis marinho, a gente fez um azulão que era bem bonito, e a Evony comprou vestido bem do tom, era lindo o vestido dela (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

Figura 45: Professora Evony dos Santos Prestes no discurso enquanto paraninfa da primeira turma do curso normal.
Acervo: Evony Prestes dos Santos

[48] Será anexado o discurso na integra da paraninfa.

Quando questionada sobre o que significou ser professora desta primeira turma a paraninfa recorda parte do discurso utilizado na cerimônia de formatura:

> Retomo o que expressei naquele memorável dia 10 de janeiro de 1970 dirigindo-me as minhas afilhadas e à comunidade canguçuense que lotava as dependências do Clube Harmonia: "Prezadas conterrâneas, somos felizes por ter renunciado a uma carreira quiçá mais brilhante, em outra cidade (morei e estudei oito anos na cidade de Pelotas, onde fui professora municipal e também professora no Instituto Assis Brasil, onde havia cursado o Magistério) e poder encontrar-me hoje, entre vocês na afirmação de que a felicidade pessoal é inseparável do bem-estar coletivo." Ser professora desta primeira turma do curso Normal foi também um grande desafio, pois como muito bem expressou o lema que escolheram para sua formatura, elas amavam muito, mas também exigiam muito... Nunca poderíamos dizer que eram apenas mais umas estudantes, que passavam pelos bancos escolares, mas eram sim jovens, que vivendo o tempo das grandes conquistas técnicas e científicas da humanidade e também a conquista do espaço, elas desejavam também conquistar seu espaço! A palavra "mediocridade" realmente não constava no dicionário vivencial destas jovens. Hoje revendo toda minha caminhada como educadora sinto o quanto foi fundamental o incentivo que recebi ao ser premiada com o convite tão sincero e amigo, para acompanha-las de um modo especial naquele dia em que o Colégio Aparecida oferecia a comunidade canguçuense, quarenta e duas novas educadoras. Para expressar a alegria de ter sido professora destas normalistas, utilizo-me das palavras da própria oradora da turma: "não existe maior felicidade do que ver produzir aquilo que se plantou..." (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

Uma das perguntas da pesquisa questionava sobre a importância da primeira turma para o município de Canguçu e região, as respostas foram unânimes quanto à comunidade, a educação ganhou com o curso e com o nível das formandas. Uma das coisas que as professoras comentam é que as alunas sempre buscavam mais, conhecer mais do que era proposto. A própria paraninfa, coloca:

> Para responder esta questão iniciarei com as palavras que utilizei em minha fala, como paraninfa por ocasião do grande evento de formatura desta primeira turma: "Ontem trevas... Hoje luz... Ontem escuro, vazio de sol, de alegria e sorrisos... Hoje banhado em luz..." Na realidade o Curso Normal tão esperado e desejado por toda a comunidade canguçuense, acendeu no coração das quarenta e duas jovens formandas, a chama que passou a iluminar a trajetória de vida de cada uma delas. Sem sombra de dúvida podemos afirmar que estas educadoras foram protagonistas de uma verdadeira REVOLUÇÃO em Canguçu e também em outros municípios da região. A maioria destas normalistas não só assumiram o magistério, mas tiveram a garra, mesmo enfrentando inúmeras dificuldades, de continuar seus estudos na vizinha cidade de Pelotas, graduando-se em Cursos Superiores. Deste modo, através do esforço e da competência, foram assumindo cargos de relevância como educadoras, especialmente em escolas estaduais e municipais. Ainda hoje muitas delas, através de diversos engajamentos, na vida política, cultural, eclesial e social, servem de referência a todos aqueles que, em solidariedade, lutam por uma outra sociedade onde a justiça e a liberdade sejam a garantia de uma Vida em abundância para todos (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

A professora segue comentando sobre exemplos de alunas que se destacaram e relembra com tristeza a morte da normalista Marlene Barbosa Coelho:

> Arrolamos alguns exemplos de ação de algumas alunas egressas desta primeira turma de formandas do Curso Normal do Colégio Aparecida: Marlene Barbosa Coelho, licenciada em Estudos Sociais pela Universidade Católica de Pelotas onde também concluiu o curso de História. Professora de História, diretora de diversas escolas municipais e estaduais, museóloga, micro historiadora, pesquisadora incessante. Fundou o Museu Municipal de Canguçu e contribuiu para a criação da Casa da Cultural de Canguçu, que hoje leva seu nome. Participou da equipe que criou a Academia de História de Canguçu, sendo uma das acadêmicas. "Em 12 de maio de 1999, quarta-feira, às vinte horas e trinta minutos, no Hospital de Caridade de Canguçu tombou a grande guerreira, mas o que tinha de essencial, seu amor e dedicação à terra e as coisas de seu Rio Grande está vivo no coração de seus familiares e amigos. Viverá sempre..." (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

Outra aluna citada por ela é Luiza Helena Moreira, que desempenhou por anos o trabalho como professora[49] da Escola Normal de Canguçu:

> Luiza Helena Moreira da Silveira (eleita pelas colegas desta turma como oradora oficial no evento da formatura) Licenciada em Pedagogia pela Fundação Universitária de Bagé, com o Curso de Especialização em Fenomenologia da Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Iniciou sua vida profissional no Colégio Aparecida em que prestou relevantes serviços à causa da educação, lecionou diversas disciplinas no Curso Normal. Assumiu a Coordenação Pedagógica também sendo Supervisora de Estágios. Também, como professora estadual trabalhou na Escola Estadual de 2º Grau de Canguçu onde foi coordenadora pedagógica. Há alguns anos trabalha como professora na Universidade Católica de Pelotas, iniciando com a disciplina Ciência e Fé – ligada ao ensino Religioso e mais tarde assumiu diversas outras disciplinas relacionadas à Filosofia e Didática. Coordena os Cursos de Formação pedagógica para Docentes de Cursos Profissionalizantes e também coordenou em 2011 o Encontro Regional de Educadoras Infantis. Luiza Helena participa também do Movimento das Equipes Docentes onde esteve presente em vários Encontros Regionais e Nacionais. Também na organização do laicato católico do Brasil (CNLB), tem a sua atuação. Atualmente exerce a função de secretária do Conselho Regional de Leigos. Inúmeras contribuições no campo da educação e cultura têm prestado também a comunidade canguçuense, entre elas poderei citar sua participação na criação Educacional Canguçuense onde atualmente é vice-presidente (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

Outras alunas são citadas com trabalho de destaque:

[49] Quando fizemos o curso normal em na década de 80, ministrou aulas e realizou a supervisão de estágio.

> Também não poderia deixar de lembrar o nome de algumas destas formandas, que após sua aposentadoria como professoras dedicam-se às artes: Jussara Valente, reside em Bagé. Cursou Belas Artes e sendo artista plástica suas obras são admiradas até mesmo fora do Rio Grande do Sul. Maria da Graça Valente da Silveira também se dedica às artes sendo exímia pintora. Vera Regina Foster e Beatriz Zanetti dedicando-se ao artesanato e participam da Cooperativa de Artesãos da Zona Sul. Poderia ainda citar vários nomes de educadoras egressas desta primeira turma, cujo idealismo faz com que continuem servindo à comunidade em trabalhos voluntários como catequeses, pastorais sociais (PROFª. EVONY PRESTES DOS SANTOS, 10/04/12).

A professora Laedi enfatiza o quanto foi importante para o desenvolvimento do município a primeira turma bem como a dedicação das alunas:

> Eu diria que, com a formatura da primeira turma de professorandas de Canguçu, aconteceu como que um despertar na educação no município. Até então, só aprimoraram seus estudos, jovens de famílias abastadas e que se dispunham morar em outras cidades em busca de melhores condições culturais. Com a implantação do Curso de Magistério em Canguçu, estavam abertas as portas para um maior desenvolvimento cultural no município. E, esta primeira turma de professorandas foi a guardiã deste desenvolvimento. Eram jovens que se dedicaram com afã na busca das condições necessárias para ser "mestre", ser "professor". Além dos conhecimentos necessários que buscavam, participavam da comunidade, mantinham contato com professores estaduais que atuavam na sede, buscando experiências para o seu currículo. Esta turma pesquisou muito sobre o município para melhor conhecê-lo e assim poderem transmitir estes conhecimentos aos futuros canguçuenses, pois "só se ama o que se conhece". Com a formação da primeira turma de magistério esta aberto o caminho para um maior desenvolvimento e como conseqüência um maior progresso desta querida terra de Canguçu (PROFª. LAEDI BOSEMBECKER, 09/01/12).

As alunas reconhecem a importância e descrevem como coloca a normalista Lucia Moreira o quanto representou para comunidade esta formação bem como a ocupação de cargos a nível municipal e estadual:

> A comunidade canguçuense e região, no ano de 1970, receberam uma leva de normalistas, recém formadas, cheias de ideal e entusiasmo. Prontas para ocupar os cargos disponíveis. Muitas foram para o interior, escolas municipais, outras conseguiram cargos na cidade. Outras tantas foram para municípios vizinhos. Todas bem preparadas e com o vigor da juventude. Acredito que, principalmente, as escolas do interior lucraram muito: contaram com pessoas qualificadas para o cargo, pois a maioria das escolas municipais não tinham, no seu quadro, professores formados. A maioria do professorado municipal era quando muito ginasianos (1º grau). No ano de 1971, houve concurso público para quadro do Magistério Estadual. A grande maioria da turma foi aprovada, e assumiam nos municípios da 5ª região – Canguçu – Pelotas – Piratini (LUCIA MOREIRA, 14/03/12).

A aluna enquanto normalista salienta ainda o enfoque humanístico do curso, na época ela fazia outro curso técnico e optou pela carreira do magistério:

> Foi um privilégio, pela importância na comunidade canguçuense. Na época eu cursava Contabilidade na Escola Técnica de Comércio José Bonifácio – criada em 1964 – justamente, quando terminei o ginásio. Nesse curso tratava-se apenas de "coisas e capital". Só material. Cursei o 3º ano de Contabilidade junto com o 1º ano de Normal, em 1966. O que me encantou no Curso Normal foi o principal enfoque "o ser humano" – a criança. Tanto que eu estava inscrita para o concurso da Exatoria e não fiz, porque meu interesse mudou. Percebi que seria mais gratificante, tentar colaborar na formação de seres em desenvolvimento, em amadurecimento. Desta forma, contribuir na sua evolução social (LUCIA MOREIRA, 14/03/12).

O curso foi, conforme depoimento das alunas, uma oportunidade de trabalho já que muitas prestaram concurso e foram aprovadas no magistério estadual, além de ter sido importante como espaço de aprendizagem e de convivência com a comunidade.

> No passado e no presente da minha vida estudantil e profissional, tenho o maior orgulho de pertencer a esta primeira turma de formandas da Escola Normal Nossa Senhora Aparecida. Na época, para as circunstâncias familiares que atravessávamos, sua implantação foi de relevante importância. Concluído o curso, imediatamente, surgiu a oportunidade de inscrição ao Concurso Público Estadual que oferecia vagas nas inúmeras escolas do Estado coordenadas pela 5ª Delegacia de Educação da Região. Era uma ocasião ímpar de preparar "o futuro". Feita a inscrição e munida de apostila e com todo o curso "fresquinho" na cabeça, eu e a maioria das colegas, confiantes, entusiasmadas e esperançosas realizamos as provas. A publicação com nossos nomes de aprovadas foi emocionante. Em 1974, muitas da turma, já nomeadas, tomavam posse junto à direção da escola para qual, a 5ª Delegacia de Educação designava. E, ao desempenhar as atividades de professora foi possível, na prática, reconhecer o quanto nossos mestres souberam transmitir seus conhecimentos e desenvolver com coerência os conteúdos curriculares os quais, nos deram firmeza e compromisso com a educação e a formação dos educando (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

A turma, no sonho de guardar a recordação dos colegas que marcaram não só vida particular de cada uma, mas como já foi citado nesta pesquisa fizeram história na educação de Canguçu e região, mandou confeccionar o quadro de formatura. Porém houve um problema e encontrá-lo só foi possível graças a professora Evony, que tem lembranças de suas caminhadas enquanto educadora. O que era para ser exposto teve que ser escondido, houve troca dos nomes das formandas e, portanto, o constrangimento que levou o quadro a ser guardado.

Figura 46: Quadro de formatura, mas com os nomes trocados das normalistas.
Acervo: Evony Prestes dos Santos

A Irmã Alícia, diretora da escola desde a implantação, até a formatura, recebendo homenagem. Em julho de 1970 deixou a escola e foi realizada uma missa de despedida que marcou tanto a escola como a comunidade canguçuense por sua dedicação e realizações, um exemplo é a conquista da escola normal. A seguir uma foto do dia da entrevista, com a professora Evony Prestes dos Santos e esta irmã que marcou a história da educação em Canguçu. Salientamos a satisfação de poder estar com estas duas personalidades juntas, conversando sobre o curso, relembrando fatos marcantes. Reiteramos que a Irmã Alícia salienta a importância da pesquisa sobre o município, na montagem do livro, na biblioteca constatamos a existência de novos trabalhos, com a segunda turma de normalistas.

Figura 47: Irmã Alícia Brun e Professora Evony Prestes dos Santos
Acervo particular de Patrícia Zaneti.

As alunas após a formatura procuraram manter encontros, conforme comenta a Luiza Helena:

> Quando é criado são duas turmas, a primeira turma, tenho todas as fotos, sou eu que guardo a memória, é eu que organizo as festas, nós nos reunimos desde os cinco anos, dez, quinze, vinte anos, depois começamos amiudar... mais, agora nos reunimos em 10 de janeiro que era os 40 anos da formatura (LUIZA HELENA, 06/01/12).

Maria da Graça comenta que nem todas as alunas freqüentam estes encontros, e que algumas moram inclusive em Canguçu, mas não participam:

> Depois que a gente se formou a gente fez novos encontros, normalmente nós conseguimos dia 10 ou sempre próximo. Não conseguimos reunir todo mundo, é uma tristeza, a amizade continua num grupo grande, da turma da A e da B que a gente se entrosa, e são estas mesmas que até hoje se encontram, a maioria mora aqui, a gente convida e elas não vão. Então estas que a gente formou vínculo elas vem, vem de Pelotas, de Piratini (MARIA DA GRAÇA, 12/01/12).

Segundo as alunas ao longo dos anos já conseguiram realizar alguns encontros, aos 25, 28, 30, 33 e 40 anos de formatura.

Na conversa coma Luiza Helena, Lucia e Maria da Graça elas relembram que estes encontros são divertidos e mostram um questionário aplicado no encontro do dia 10 de janeiro de 2003, quando fazia 33 anos, com perguntas sobre a época do curso. Segundo elas, foi um momento muito engraçado, em que todas davam risada. O questionário busca que a aluna recorde alguns fatos, momentos e até moda. Em anexo colocaremos na integra o questionário e salientamos o empenho da normalista Maria da Graça em responder este questionário, em que realizou uma pesquisa para que trouxesse as informações fidedignas ao acontecido.

> As gurias se reuniram e para turma se divertir e lembrar as coisas que existiam na cidade e lembrar das coisas pitorescas e outras que a gente freqüentava, olha foi uma risada. Em cada ENCONTRO da turma Comissão organizadora e/ou alguém preparou algo para ser partilhado com as colegas, como por exemplo, mensagens, lembranças de fotos, álbuns didáticos, relatos dos fotos importantes, significativos e/ou engraçados vivenciados durante o curso e no estágio com os alunos. Para este momento de recordações as irmãs Lúcia Maria Moreira Coelho e Luiza Helena Moreira da Silveira prepararam 37 questões que transportaram todas colegas ao passado, a juventude vivida em nossa querida Canguçu. As memórias foram amplamente testadas e, as respostas, proporcionaram as mais diferentes emoções de risco, choro, saudades e o despertar de mais e mais lembranças. O texto, denominado de "questionário" gerou interesse de ser mais esclarecedor para quem venha lê-lo nos dias atuais. Então, eu, com auxílio da Lúcia realizamos a pesquisa e a registramos nestas páginas. Originalmente, o texto continha apenas as perguntas. Agora, será transcrito com as perguntas e as respostas (MARIA DA GRAÇA, 12/05/2012).

Ao ler este levantamento, acreditamos que retrata muitas características da vivência das normalistas, suas diversões, portanto será anexado à pesquisa a fim de registrar essas vivências e garantir a memória destas histórias. Esta pesquisa para complementar as respostas exigiu da normalista uma pesquisa e tempo de elaboração, a pesquisa[50] acabou fazendo outras pessoas recordarem fatos significativos, pessoas da comunidade.

Neste capítulo podemos acompanhar algumas práticas educativas que foram realizadas pela primeira turma do curso normal, tanto intra quanto extramuros. Essas práticas, apesar dos poucos recursos da escola e disponibilidade de materiais, demonstram a diversidade das atividades que envolveram as normalistas, desde confecção de materiais didáticos, desfiles, participações em eventos sociais, políticos e educacionais. Os depoimentos das alunas e professoras reforçam a importância deste curso no município e a importância da formação destas jovens canguçuenses.

[50] Em anexo o questionário com todas as perguntas e respostas.

Considerações Finais

Ao encerrar esta pesquisa reafirma-se que a primeira turma do curso normal da Escola Franciscana Nossa Senhora Aparecida marca uma nova fase na educação no município. Antes os professores locais eram profissionais sem qualificação, a partir daquele momento Canguçu passava a dispor de um curso que preparava jovens para o ofício de mestre.

Aos fazer as considerações finais é preciso retomar algumas questões que foram importantes no processo de pesquisa como nos diz Magalhães (2004):

> Educação, instituição, história da educação são [...] instâncias epistêmicas, substantivas, metodológicas e de investigação-ação, cuja representação, nos planos material e simbólico, e abordagem científica desafiam a uma multidimensionalidade e a uma multifatorialidade, nos quadros sincrônico e diacrônico. [...] Na sua evolução, como na sua conservação e consolidação, a dinâmica institucional traduz-se num constructo em que se entretecem a educação (como atualização científica, axiológica, tecnológica, de cidadania, de humanidade e subjetivação), a história (como discurso pleno, integrativo, evolutivo) e a instituição (como enquadramento, referente, metaeducação, estrutura de ação e de institucionalização). Tecer nexos entre essas instâncias é torná-las inteligíveis, racionais, significativas, projetivas (MAGALHÃES, 2004, p.168-9).

Ao tecer os nexos precisamos conhecer como estava a educação no município. O município possuía muitas escolas rurais, com profissionais desqualificados, havendo então a necessidade de implantação do curso. Além disso, havia também a reivindicação dos pais e moças por um local que ofertasse o ensino a estas jovens que já tinham concluído o curso ginasial. A igreja soma-se nesta empreitada na busca de difundir os ideais do catolicismo. Encontramos na diretora da época uma das grandes responsáveis pela instalação, juntamente com pais, políticos. Conhecendo-a através de nossas conversa, foi possível presenciar o quanto é dinâmica e ativa e principalmente entusiasta.

Refazendo o caminho desde a implantação do curso e práticas vivenciadas pelas alunas verifica-se que a escola manteve seu objetivo inicial que era principalmente a evangelização, onde estava entranhado o espírito de religiosidade proposto pelas Irmãs Franciscanas, tendo as práticas e valores religiosos como cerne dos ensinamentos diários.

No artigo de Luis Fernando Conde Sangenis (2004) sobre “Franciscanos na Educação Brasileira” o autor observa que nenhuma outra Ordem deu origem a uma plêiade tão numerosa e original de sábios e filósofos como a franciscana, contribuindo decisivamente na formação de nossa cultura. O autor salienta ainda que a presença dos franciscanos na educação brasileira é um tema quase intocado. Para vir a lume, há que se juntar pedaços, reconstituir fragmentos identificar e valorizar indícios considerados secundários.

> A ação educacional e missionária dos franciscanos, resistindo a tantas intempéries, permeou quinhentos anos de história ininterrupta. Seu esforço de educar os filhos da terra e os que aqui chegaram, através da catequese, da criação de escolas nos seus diversos níveis, bem como sua dedicação às ciências e às letras, foram marcados por uma forte empatia com o povo, cujos interesses e aspirações comungaram. Indissociavelmente vinculado a formação das nossas gentes, o franciscanismo é parte da alma do Brasil (SANGENIS, 2004, p.105).

Percebe-se que o Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida não só marcou a educação em Canguçu, mas os trabalhos realizados pelas alunas com a comunidade canguçuense foram de grande valia para a cultura local, constatamos isto após manusear amplamente as fontes orais, escritas e iconográficas.

O envolvimento com a comunidade marca a turma pesquisada. Em vários momentos percebemos o engajamento com ações que apontavam a preocupação com vida social e política do município, a maioria das entrevistas refere-se ao debate político entre os candidatos a prefeito, luta pela não demolição do Cerro da Liberdade, apresentações em desfiles, alfabetização de adultos entre outros. O trabalho de pesquisa que resultou na construção do livro sobre Canguçu não foi destacado com muita ênfase pelas entrevistadas, este foi lembrado com muito carinho pela diretora da época. Acreditamos que, mesmo não tendo o reconhecimento das normalistas, trata-se de um importante registro para a história do município. Lamentamos não ter localizado o segundo exemplar, mas ao folhear o livro ao qual tivemos acesso podemos verificar que trata-se de um documento de valiosas informações em forma sistematizada.

Uma das pessoas que teve grande contribuição neste trabalho foi a normalista Marlene Barbosa Coelho. Essa aluna foi um dos destaques da comunidade canguçuense, sendo que empresta seu nome à Casa da Cultura devido a sua preocupação com a história e cultura de Canguçu. Muitas ações desenvolvidas nesta primeira turma tem na sua organização esta pessoa. Infelizmente não foi possível contarmos com a sua participação, pois infelizmente já havia falecido.

Embora não tenhamos evidências concretas da utilização de Freire no processo pedagógico da escola, encontramos vários indícios tanto neste trabalho de pesquisa, quanto em outras atividades desenvolvidas na escola normal, de que as ideias freirianas faziam parte do contexto de aprendizagem da escola, ou seja, o educando participativo, crítico, valorizando sua realidade e seu conhecimento.

A reflexão aqui permeia os ideais da Escola Nova, em que Johw Dewey é o nome que fundamenta a corrente filosófica que ficou conhecida como pragmatismo, embora ele preferisse o nome instrumentalismo – uma vez que, para essa escola de pensamento, as ideias só têm importância desde que sirvam de instrumento para a resolução de problemas reais. No campo específico da pedagogia, a teoria de Dewey se inscreve na chamada educação progressiva. Um de seus principais objetivos é educar a criança como um todo. O que importa é o crescimento – físico, emocional e intelectual.

Neste princípio os alunos aprendem melhor realizando tarefas associadas aos conteúdos ensinados. Atividades manuais e criativas ganharam destaque no currículo e as crianças passaram a ser estimuladas a experimentar e pensar por si mesmas. Nesse contexto, a democracia ganha peso, por ser a ordem política que permite o maior desenvolvimento dos indivíduos, no papel de decidir em conjunto o destino do grupo a que pertencem. Dewey defendia a democracia não só no campo institucional, mas também no interior das escolas. Seguidores deste autor como Amaral Fontoura e Theobaldo Miranda dos Santos nortearam a trajetória teórica das normalistas e presenciamos ao ler o diário de estágio perspectivas deste modo de educar.

Aqui cabe salientar uma grata surpresa na pesquisa: a primeira turma, nos anos 60, buscava a participação dos alunos, o diálogo, a construção coletiva e o conhecimento da realidade dos alunos e da comunidade. O que parecia ser uma questão atual na educação, observamos nas propostas desenvolvidas neste período.

Ao questionar o porquê isso acontecia, nos deparamos com a forma com que a Escola Nova veio trazer um novo viés de visão do aluno. Nesse sentido, convém salientar o nível de abordagem das professoras que trabalhavam com a turma, desconfia-se da influência da Escola Assis Brasil de Pelotas, pois as duas professoras entrevistadas tiveram sua formação nesta escola e foram apontadas pelas normalistas como profissionais que deixaram seu legado, seja de compromisso com o educando seja com a seriedade da formação.

A professora Evony Prestes dos Santos mostra que, mesmo com a distância e dificuldade de acesso, percorria cursos no Brasil e trazia para os alunos experiências colhidas. Dessa forma, fazia com que as alunas participassem de forma indireta dessas qualificações. A mesma professora salienta que se via como uma profissional alienada nesta época. No entanto não a enxergamos desta forma, vemos uma profissional preocupada com a qualidade do trabalho, esmerando-se em leituras e atividades diversas com esta turma de normalistas, tanto que foi convidada a ser a paraninfa na formatura. Para realização desta pesquisa muitos materiais foram fornecidos por esta professora que guarda com muito carinho várias memórias desta época de trabalho e que nos foram de grande importância para auxiliar a tecer os nossos nexos.

As entrevistas mostram que as práticas educativas realizadas pelas turmas, digo assim, por que temos duas no mesmo ano de ingresso, ajudavam as alunas tanto no planejamento das aulas, como na construção dos materiais necessários para realização do planejamento, desde apostilas, fantoches, jogos didáticos; em que a falta de acesso ao material era suprida pela criatividade dos professores e alunas. Como lembra a normalista Maria Helena Silveira, que comprava balas para utilizar as figuras da embalagem, bem como juntavam vidros de penicilina utilizados para realizar experiências em sala de aula.

Os relatos são unanimes sobre a importância desta turma para Canguçu e do grande dinamismo da primeira turma, o quanto buscavam e queriam ser “professoras”. Depois da formatura a maioria prestou concurso público estadual sendo aprovadas em sua maioria. Hoje aposentadas, algumas em atividade, realizam encontros para relembrar e manter os vínculos estabelecidos lá em 1966 e que tiveram na noite de 10 de janeiro de 1970 a festa glamorosa de formatura, em que a sociedade canguçuense recebeu as 42 primeiras professoras formadas no município de Canguçu.

Antes de começar a pesquisa tínhamos a ideia, pelo período de vigência da turma, que encontraríamos relatos de uma escola fechada, triste, repressora mas nada disso se configurou. Nas entrevistas e relatos encontrados na escola o contrário disto, a escola era aberta, ativa, alegre. Claro que, conforme informamos no regimento, existiam regras, mas nada castrador. Diferente de quando realizamos o curso em 1985 e hoje em 2012, em que a escola fica de portas fechadas.

Nesta “trama institucional” não poderiam faltar os protagonistas desta história. Como já elencamos alguns nomes nesta conclusão, mas no decorrer da pesquisa evidenciamos os corpos dirigentes, docentes e discentes que deram suas marcas para

a construção do memorial desta primeira turma, onde a mulher considerada frágil, mantenedora do lar e de princípios familiares, passou a ser vista pela sociedade da época como a pessoa certa para assumir o magistério do ensino primário e da educação das crianças. Vale ressaltar que a matrícula era aberta também ao sexo masculino, mas no período pesquisado nenhuma matrícula foi realizada por homens.

A diretora Alícia Braun, nos recebeu e, mesmo brevemente, nos relatou com entusiasmo as recordações sobre este grande desafio de instalação do curso normal sem condições humanas e materiais para tal. E nos contou, inclusive, que tiveram que promover um curso de ginásio à noite para garantir clientela para as demais turmas do curso normal. Por intermédio da professora Evony Prestes foi possível realizar a conversa com esta pessoa que foi uma referência para implantação do curso normal no município. Ao realizar um primeiro contato, no inicio de 2011, a conversa foi breve e a irmã nos pediu que procurássemos as memórias junto aos alunos e professores da época, acreditando que não tinha condições de acrescentar informações, mas sem dúvida esta irmã tem memórias importantes que foram acrescentadas na pesquisa.

Apesar da dificuldade de acesso a determinados documentos, para os quais a escola alega uma ordem legal superior, acreditamos que conseguimos levantar fontes que nos auxiliaram a tecer a história desta primeira turma. As entrevistas e materiais fornecidos pelas professoras e normalistas nos deixaram mais próximos da turma e das vivências ocorridas pelas mesmas, desta forma podendo responder aos nossos questionamentos iniciais que fomentaram a pesquisa. O regimento da escola é um exemplo da não liberação de documentação, conseguimos copiar alguns artigos que vinham de encontro ao tema pesquisado, contudo não conseguiremos anexá-lo na íntegra. Na secretaria da escola podemos ter acesso às pastas das alunas, contudo não fomos autorizados a fazer cópia dos documentos requeridos para matrícula, com a autorização da aluna Maria da Graça Valente da Silveira será possível anexar estes documentos comprobatórios. Tivemos também manifestações de satisfação com a pesquisa dentro da escola, se com a documentação os tramites foram um tanto complicados, o acesso à biblioteca e ao acervo desta nos foi liberado, contando com apoio do bibliotecário de forma muito prestativa.

Na realização das entrevistas presenciamos uma grata receptividade. As alunas comentam com entusiasmo do significado deste curso em suas vidas, seja pessoal, seja profissional. A apresentação das fotos, os comentários realizados, a mostra de materiais, fizeram reviver aqueles momentos de normalistas. Esta

pesquisa envolveu além das entrevistas, pois quando questionado o significado das perguntas de um dos encontros promovidos pela turma na comemoração dos 33 anos de formatura, fomentou outra pequena pesquisa, envolvendo outros atores a fim de trazer os significados das perguntas, este trabalho será anexado, pois se trata de parte da vivência das alunas no período da pesquisa.

Portanto a pesquisa apresentada constitui-se num importante marco na educação de Canguçu. Esta primeira turma descortina a mudança na profissionalização do professor, elevando a qualidade do trabalho nas escolas. Esperamos, de estar colaborando com a história da educação do município e região, lembrando o autor Barin, é possível verificar que as imãs franciscanas são a congregação feminina pioneira em educação no Rio Grande do Sul. Barin coloca que “sem dúvida as escolas escreveram páginas de intenso significado para a cultura e desenvolvimento da sociedade”. O principio de PAZ e BEM valoriza os ensinamentos de São Francisco de Assis (BARIN, 2006, p.16).

Há ainda neste trabalho o desejo de que outros pesquisadores lancem olhares sobre esta pesquisa, dando continuidade a este estudo, por considerar que este é um primeiro e inédito trabalho acadêmico sobre esta história do curso normal de Canguçu e, como foi escrito de alguém que faz parte deste processo, há traços de subjetividade. No entanto, ressaltamos que houve a tentativa de se distanciar desta inserção para se fazer uma análise de forma objetiva dos fatos.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Editora Contexto, 2005.

_____. Fontes Orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Editora Contexto, 2010.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A Escola Normal Rural de Osório. Uma Escola Estadual nos campos de cima da Serra: escola Normal João XXIII. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul.** V. 2. Pelotas: Editora da Universidade/ UFPEL, 2008 a.

ALMEIDA FILHO, Orlando José de. **A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos:** (1945-1971). 368f. 2008 b. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7517>. Acesso em: 15/06/2012.

ANDRADE, Rosana Cássia Rodrigues; RESENDE, Marilene Ribeiro. Aspectos legais do estágio na formaçãode professores: uma retrospectiva histórica. **Revista Educação em Perspectiva**, V. 1, n. 2, 2010.

ARAÚJO, J.C.S.; GATTI JR, D. (orgs.). **Novos Temas em História da Educação Brasileira:** Instituições Escolares e Educação na Imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

ARAUJO, José Carlos S.; GONÇALVES NETO, Wenceslau; INÁCIO FILHO, Geraldo; GATTI JUNIOR, Décio. Educação, Imprensa e Sociedade no Triângulo Mineiro: A Revista A Escola, 1920-1921. **História da Educação**, Pelotas (RS), 2 (3): 59-93, abr. 1998.

ARRIADA, Eduardo; COSTA, Camila Gamino da. Desnudando o século XIX: escola normal, feminização e sexualidade [31-57]. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul.** V. 3. Pelotas: UFPEL/ Publicações Seivas, 2009.

ARRIADA, Eduardo. O olhar de Deus: a educação de meninas no Colégio São José de Pelotas. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul.** V. 2. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL, 2008.

BANDEIRA, Silvana de Mattos; SOUTO, Simone Lessa Silveira; VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Formação da cidade de Canguçu:** acaso ou conveniência? Pelotas: Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, ICH/UFPEL, s/d.

BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. (org.). **SCALIFRA ZN:** conquistas e perspectivas na educação. Santa Maria: UNIFRA, 2006.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais. Uso e mal-uso dos arquivos**.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas**.** São Paulo: Contexto, 2006.

BELLO, José Luiz de Paiva. Educação no Brasil: a História das rupturas. **Pedagogia em Foco**, Rio de Janeiro, 2001.

BENTO, Claudio Moreira. **Canguçu:** reencontro com a história (um exemplo de reconstituição de memória comunitária). 2. ed. Barra Mansa: ACANDHIS/ Gráfica e Editor Irmãos Drumond Ltda, 2007.

BRASIL. **Lei nº 4024/61**. Disponível em: Site da Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (org.). **Novos temas em história da educação brasileira.** Instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002. (Coleção memória da educação).

CAIMI, F. E. Os percursos da prática de ensino na formação de professores. In: BENINCÁ, E.; CAIMI, F. E. **Formação de professores:** um diálogo entre a teoria e a prática. Passo Fundo: Editora Universitária - UPF, 2002. p.83-96.

CAMARGO, Ieda de (Org.). **Currículo escolar:** propósitos e práticas. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

CANGUÇU ON LINE. **O jornal Diário de Canguçu:** A história de uma Princesa dos Tapes. Disponível em: <www.canguçuonline.com.br>. Responsável: Diego Vilela.

CARRICONDE, Clodomiro. **Porto Alegre em Revista.** Porto Alegre: s/ed, 1926.

CAVALIEREE, Ana Maria Villela. **Educação Integral:** Uma Nova Identidade Para A Escola Brasileira? Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15/06/2012.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CURY, C. R. J. Estágio Supervisionado na formação docente. In: LISITA, V. M.; SOUSA, L. F. (orgs.). **Políticas Educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.113-122.

FLESCH, Benícia. **Seguindo passo a passo uma caminhada.** Porto Alegre, RS: Metrópole. V.1.s/d.

FRANCO, Augusto de. **Pobreza & Desenvolvimento Local**. Brasília. AEDE 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da indignação:** carta pedagógica e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____.**Educação e Mudança.** 12. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

GARCIA, Letícia Cortellazzi. Sobre Mulheres distintas e disciplinadas: práticas escolares e relações de gênero no ginásio feminino do Colégio Coração de Jesus (1935-1945) In: DALLABRIDA, Norberto; CARMINATI, Celso João (orgs). **O tempo dos ginásios:** ensino secundário em Santa Catarina; final do século XIX, meados de século XX. Campinas: Mercado das Letras; Florianópolis: Udesa, 2007.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (org.). **Novos temas em historia da educação brasileira:** instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/MG: EDUFU, 2002. p. 3-24.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da Pedagogia:** pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. Uma Escola Estadual nos campos de cima da Serra: escola Normal João XXIII. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul.** V. 2. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL, 2008.

GOFF, Jacques Le. **São Francisco de Assis.** Rio de Janeiro: Record, 2010 (original: 1999; tradução; Marcos de Castro)

JOÃO, Wilson. **O Francisco que esta em você.** Visão de São Francisco de Assis narrada para o homem de hoje. São Paulo: Edições Paulinas,1978.

JORNAL O IMPARCIAL. Diretor responsável André Tribuno Montagna; edições 1,2,3,4,5,6,7,8 e 9. 1961.

JORNAL NOVAS IDÉIAS. Diretores Responsáveis: Lindomar Aranha de Azevedo e Luiz Geraldo Telesca Mota; edição 1. 1965.

JORNAL O CANGUÇU. Edição Especial 50 anos do Colégio Nossa Senhora Aparecida. Sócio Gerente: Luiz Carlos Valente da Silveira, jornalista responsável Cyro Irribarrem.1984.

JORNAL SCALIFRA, edição especial. 175 anos Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Santa Maria. 2010.

JORNAL SCALIFRA. Irmãs Franciscanas comemoram 100 anos de atividades no Brasil. Iara Schilling. s/d.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOPES NETO, João Simões. O município de Cangussú: bosquejo histórico (51-64). **Revista do Iº Centenário de Pelotas.** Pelotas. n. 4. Janeiro de 1912.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil.** 9.ed. São Paulo: Editora Contexto,2007.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos:** história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

_____. **Contributo para a História das Instituições Educativas:** entre a Memória e o Arquivo. Braga: Universidade do MInho, 1996.

_____. Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do antigo regime. **Educação, Sociedade & Cultura**, Lisboa, 1996.

MANGEZ, Éric; LIÉNARD, Georges. **Currículo** (Sociologia do). Verbete: In: ZANTEN, Agnès van (Coordenadora). Dicionário de Educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

MORAES, Sincler Nei (org.). **Conhecendo Canguçu:** um novo olhar. Participação GOULART, Adriana Barcelos; RIBEIRO, Aliette Martins; BOSENBECKER, Laedi Bachini. Gráfica e Editora Hofstatter, 2007.

MUNIZ, Paulo Ricardo; BARCELLOS, Jorge Alberto Soares; SANTI, Rita. **Lugar de Mulher:** pequena história da educação feminina em Porto Alegre (1820-1940). Porto Alegre: Unidade Editoral, 1993.

NASCIMENTO, Eloah Moreira do. **Era uma vez em Canguçu:** quando as crianças faziam arte. 2. ed. Pelotas: Gráfica Princesa, 2007.

NEVES, Ilka. **Canguçu-RS:** primitivos moradores; primeiros batismos. Pelotas. Editora Universitária/UFPEL. 1998.

OCSO, Armand Veilleux. As Origens do Monaquismo Cristão (Uma versão ligeiramente modificada deste estudo foi publicada na **Revista Louvain**, n. 97, de abril de 1999). Tradução: Cecilia Fridman, Rio Negro, PR, Brasil, para o Mosteiro Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo, em 5/7/1999.

PALMA FILHO, J. C. (org.). A Educação Brasileira no Período de 1930 a 1960: a Era Vargas Pedagogia Cidadã. **Cadernos de Formação.** História da Educação. 3. ed. São Paulo: PROGRAD/UNESP- Santa Clara Editora, 2005 – p.61-74.

PERRENOUD, Ph. **Os ciclos de aprendizagem.** Um caminho para combater o fracasso escolar. Porto Alegre : Artmed Editora. (2004).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESSANHA, Eurize Caldas; GATTI JÚNIOR, Décio. Universidade Federal de Uberlândia. **Currículos, práticas e cotidiano escolar:** a importância dos arquivos escolares para a produção de conhecimento em história da educação. V. 14, n. 31, mai./ago. 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores:** unidade teoria e prática? 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **O Estágio na Formação de Professores:** Unidade Teoria e Prática? 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas***.** São Paulo: Contexto, 2006.

POLIANTÉIA comemorativa do 75º aniversário da chegada das irmãs franciscanas ao Rio Grande do Sul (1872-1947). Porto Alegre: Impressão: Gress, Trein & Cia. Ltda. 1947.

RELATÓRIO do Prefeito Major Conrado Ernani Bento (exercício de 1933) apresentado ao Interventor Federal José Antonio Flores da Cunha.

RELATÓRIO Social 2009, SCALIFRA-ZN.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** 23. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1991.

_____. **História da educação no Brasil.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

RUPOLO, Iraní. **Revista Vidya.** Edição Especial. Santa Maria, RS: Pallotti. 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **El curriculum:** una reflexión sobre La práctica. 6. ed. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

_____. **Territórios contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Tomaz Tadeu da Silva, Antonio Flávio Moreira (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. Franciscanos na Educação Brasileira. In: STEPHANON, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Vol. I. séc. XVI-XVII. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

SAVIANI, D. (2006) in: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs.). (2006). **História e História da Educação**: O Debate Teórico-Metodológico Atual. 3. ed. SP, Autores Associados: HISTEDB.

SILVA, Tomaz Tadeu da e MOREIRA, Antonio Flavio. (orgs.). **Territórios contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Claiton Marcio da. Discursos sobre a juventude rural participante de Clubes 4S. **Esboços:** Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Chapecó: UFSC, 2002.

SILVEIRA NETO, Consuelo. **Na terra da Medianeira na terra de Imembuy**. Santa Maria, RS: Pallotti. 1987.

TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (orgs.). **Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul.** Pelotas: UFPel, 2008.

TEIVE, Gladya Mary Ghizoni. **Uma vez normalista, sempre normalista**: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico. (Escola Normal Catarinense-1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008.

VIEIRA, Renata de Almeida; SOUZA, Fátima Cristina Lucas de; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. Leitura para Professores: Manuais Pedagógicos em Circulação na Escola Normal Amaral. **17º Congresso de Leitura do Brasil** – COLE. 2009, UNICAMP- Campinas/SP.

WIKIPÉDIA - História de São Francisco de Assis.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das Instituições Escolares: de que se fala? **I Jornada do HISTEDBR**. Região Sul: História, Sociedade e Educação no Brasil, 2002, Ponta Grossa, p.1-16.

_____. Colégios Femininos: Identidade, História Institucional e Gênero. **Revista de Educação.** PUC- Campinas, n. 10, p.116-125, junho de 2001a.

_____. Identidade Institucional: Papel dos gestores na preservação da História Institucional. **VII Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, ASPHE, Pelotas-RS, p.301-317, 2001b.

_____. História das Instituições Escolares. Responsabilidade do Gestor Escolar. **Cadernos da História da Educação**, n.3, jan, dez. 2004.

ZANETI, Patrícia; ARRIADA, Eduardo. O colégio das irmãs: a Escola Normal Nossa Senhora Aparecida em Canguçu. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul.** V. 4. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL, 2010.

ZANTEN, Agnès van (Coordenadora). **Dicionário de Educação.** Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil:** dos jesuítas aos anos de 1980. 2004.

Entrevistas:

Alicia Braun – 18 de abril de 2012.

Beatriz Joana Zanetti da Rosa – 13 de janeiro de 2012.

Evony dos Santos Prestes – vários encontros entre janeiro e fevereiro de 2012.

Laedi Bachini Bosembecker – 09 de janeiro de 2012.

Lucia Moreira – 14 de março de 2012.

Luiza Helena Moreira – 06 de janeiro de 2012.

Maria da Graça Valente da Silveira – 12 de janeiro de 2012.

Maria Helena Campos da Silveira – 02 de fevereiro de 2012.

Anexos

Anexo 1 – As atividades das Irmãs Franciscanas no Rio Grande do Sul

Ordem	Ano de fundação	Localidade	Estabelecimento
1	1872	São Leopoldo	Ginásio São José
2	1874	Santa Cruz	Ginásio Sagrado Coração de Jesus
3	1881	Porto Alegre	Escola Nossa Senhora dos Anjos
4	1888	Porto Alegre	Orfato Nossa Senhora da Piedade
5	1889	Pelotas	Asilo de Orfãos Nossa Senhora da Conceição
6	1893	Porto Alegre	Santa Casa de Misericórdia
7	1898	Estrela	Escola Santo Antonio
8	1900	Pelotas	Santa Casa
9	1903	Rio Grande	Santa Casa
10	1903	Santa Maria	Hospital de Caridade
11	1903	São Leopoldo	Sanatório Santa Elisabeth
12	1905	Porto Alegre	Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho
13	1905	Santa Maria	Colégio Sant'Ana
14	1905	Bagé	Escola Normal Espirito Santo
15	1906	Bagé	Hospital de Caridade
16	1906	Pelotas	Asilo de Mendigos
17	1908	Jaguarão	Santa Casa
18	1908	Santa Cruz	Hospital de Santa Cruz
19	1911	Porto Alegre	Hospital Militar (Cristal)
20	1914	Porto Alegre	Instituto Nossa Senhora da Medianeira (Escola)
21	1914	Cruz Alta	Escola Normal Santissima Trindade
22	1915	Tupandi	Escola São Francisco de Assis
23	1922	Santa Maria	Orfanato São Vicente de Paula
24	1924	Porto Alegre	Pia Instituto Pedro Chaves Barcelos
25	1925	Porto Alegre	Escola Santa Família
26	1929	Estrela	Casa de Saúde Estrelense
27	1929	Porto Alegre	Escola Santa Clara
28	1931	São Leopoldo	Hospital Centenário
29	1932	Jaguarão	Escola Imaculada Conceição
30	1932	Santa Maria	Casa de Saúde da Cooperativa
31	**1934**	**Canguçu**	**Escola Nossa Senhora Aparecida**
32	1939	Jaguarão	Orfanato D. Felisbina Leivas
33	1940	Porto Alegre	Asilo- colonia- Leprosário
34	1940	Porto Alegre	Amparo Santa Cruz (Belem Novo)
35	1943	Cruz Alta	Hospital Santa Lucia
36	1943	Santa Rosa	Ginásio Santa Rosa
37	1944	São Leopoldo	Creche Nossa Senhora Medianeira
38	1945	Santa Rosa	Hospital de Caridade
39	1945	Porto Alegre	Ginásio Santa Teresinha
40	1947	Apar. Da Serra	Hospital

Fonte: Poliantéia (1947, p. 65-66)

Anexo 2 – Trechos do Regimento Escolar

O regimento que embasou o trabalho da escola, é dividido em títulos, capítulos e parágrafos, registrado na SEC com no número 36572/68 e no CEE número 600/69, foi assinado pela fiscal da escola Maria Alma Silva Hermandrena em 20/09/1968. A portaria de funcionamento é número 18934 de 16/12/1965 da Secretaria de Educação e Cultura.

No titulo I, capitulo II “Dos fins”, trata: A Escola Normal Nossa Senhora Aparecida tem por finalidade proporcionar à mocidade a devida formação intelectual, profissional, moral, cívica e religiosa de conformidade com a Lei Federal Número 4024 de 20/12/61, inspirando-se nos princípios da Igreja Católica e Apostólica. Para esta pesquisa serão relacionados os artigos que interessam ao tema da pesquisa.

De acordo com o capitulo II, “Dos objetivos” no artigo 6º as Finalidades: O curso Normal, com duração de sete períodos semestrais, tem por finalidade especifica a formação de professores primários, proporcionando-lhes os meios indispensáveis ao exercício eficiente do magistério, tendo em vista a educação integral do educando.

Observa-se no regimento uma busca pela educação integral do aluno, mas a vigilância, conforme vimos que a realidade brasileira vivencia, fazia parte, como constatamos no artigo 30- “Os serviços de vigilância estarão a cargo dos auxiliares de Disciplina e de um zelador” onde competia:

a) Observar os alunos à entrada e saída das aulas e em suas atividades do recreio;
b) Acompanhar os alunos durante as festividades, excursões e outras atividades da escola, quando a direção assim determinar;
c) Levar ao conhecimento da direção ou do assistente as irregularidades verificadas, no fim, que diz respeito o procedimento dos alunos;
d) Executar outras tarefas correlatas, recebendo ordens da direção, dos assistentes ou do secretário.

Não só para os alunos era pensada a disciplina, mas também o corpo docente tinha previsto os direitos e deveres, onde nos direitos lê-se: “Credenciamento a legislação, remuneração de acordo com a legislação e estabelecida entre os mesmos e a direção.”

Quanto aos deveres percebemos que são contemplados da letra “a” a “o”, ressaltamos alguns que consideramos relevantes:

> d) Imprimir a ação docente cunho educativo, dentro de um ambiente de respeito à personalidade do educando e de atendimento às suas tendências pessoais;
>
> i) ter comportamento digno com as funções que exerce;
>
> j) tratar com urbanidade os alunos, colegas, os funcionários da casa e os pais dos alunos;
>
> k) Apresentar-se no estabelecimento discreta e decentemente trajado;
>
> n) Procurar aperfeiçoar-se e atualizar-se, evitando a rotina e o verbalismo na educação;

Podemos verificar neste ultimo que os docentes deveriam buscar o aperfeiçoamento, qualificando suas aulas. Por sua vez o cosigna: artigo 36 - “É vedado ao professor:” encontramos da letra “a” a letra “h”, neste item salientamos as seguintes alíneas que confirmam a manutenção da ordem política nacional, da ordem, bem como a segurança da ordem religiosa:

a) Contrariar a orientação confessional do estabelecimento;
b) Servir-se da cátedra para pregar ideologias contrárias aos interesses da Pátria ou para insuflar aos alunos clara ou veladamente, atitude de indisciplina ou de agitação;

g) Ferir a susceptibilidade dos alunos relativamente as suas convicções religiosas e políticas ou a sua nacionalidade ou raça.

Aparece a questão da religiosidade, onde não poderiam contrariar a religião católica, evitar manifestações e respeito aos alunos. Mas o regimento prevê os direitos destes docentes, no artigo 38 citamos:

a) Participar do conselho dos professores, quando eleito.
b) Ter liberdade na formulação de questões para avaliação de aproveitamento escolar do aluno e autoridade de julgamento;
c) Elaborar o planejamento de suas disciplinas;
d) Ter remuneração condigna;
e) Ter autoridade respeitada e prestigiada no desempenho de sua missão.

Quanto ao corpo discente no artigo 40 encontramos os deveres dos alunos: trata do uso do uniforme, respeito, pontualidade, conservação do prédio e ressalta ainda que os alunos devem portar-se, quer dentro, quer fora dela de maneira a elevar

o conceito da mesma. E no artigo 41 trata do que é vedado aos alunos, deixando claro que não é permitido campanhas políticas, atentar contra a fé cristã, a moral e os bons costumes por palavras ou atos. Veda também o uso de jóias e ornatos bem como pinturas incompatíveis com a simplicidade do uniforme da escola.[51]

No artigo 42 encontramos o que são os direitos dos alunos, contém da letra "a" a letra "j" salientamos:

f) Apresentar sugestões relativas a melhoramentos da vida escolar tanto aos professores como aos órgãos competentes
g) Ser tratado com respeito e urbanidade pela direção, professores, colegas e funcionários do estabelecimento;
h) Manifestar livremente sua opinião durante os debates e discussões realizados em aulas, reuniões, respeitando, entretanto, os pontos de vista contrários e mantendo serenidade nas discussões.
i) Receber periodicamente o resultado do seu aproveitamento e a orientação necessária nos casos de insuficiência e recuperação de unidades de estudo.

No caso de haver desobediência, o regime prevê penalidades, sendo que o corpo docente: advertência, repreensão e exoneração e para o corpo discente advertência, admoestação, exclusão da sala, suspensão de oito dias, transferência e cancelamento da matricula.

Outro item do regime que chama a atenção nesta pesquisa é a documentação exigida para ingresso, ou seja, os documentos que os alunos deveriam apresentar:

a) Registro de nascimento ou casamento se for o caso;
b) Atestado de sanidade e mental e de ausência de defeitos físicos notórios ou de distúrbios funcionais que contra indiquem o exercício da função docente, fornecido pelo médico da escola ou posto de saúde;
c) Atestado de bom comportamento moral e social, fornecido pelo diretor do estabelecimento que expediu o certificado de conclusão do curso e no caso de o candidato ter concluído o curso há mais tempo por dois professores residentes na localidade;
d) Certificado de conclusão do curso ginasial e ficha 18;
e) Comprovante de contribuição de taxa estabelecida;

[51] Estes artigos reforçam a disciplina, o regramento e um sistema de valores, conforme escreve Arriada, 2010..

f) Prova de quitação eleitoral quando se tratar de candidato maior de 18 anos, de acordo com o artigo 38, parágrafo primeiro, alínea “e”, da lei nº2550 de 25/07/1950;

No artigo 64 trata-se dos alunos a serem admitidos à primeira série do Curso Normal Colegial tendo que preencher os seguintes requisitos:

a) Matricularem-se no Curso de Preparação ao Exame de Admissão e alcançarem uma freqüência de 80% as aulas do referido curso;
b) Após o Curso, submeterem-se ao Exame de Admissão que constará de provas de português, matemática e conhecimentos gerais (história, geografia e ciências naturais).

Artigo 65 - Serão considerados aprovados os candidatos que obtiverem nota igual ou superiora (60) sessenta em português, nota igual ou superior a (50) cinqüenta em matemática e alcançarem média global (60) sessenta.

Artigo 66 - A época da realização do Curso de Preparação ao Exame de Admissão, bem como as provas, ficará a critério da direção.

Artigo 67 - O curso de preparação terá duração de três semanas, no mínimo.

Artigo 68 - A critério da direção poderá haver exames de admissão no mês de julho.

Estes artigos mostram que para os alunos matricular-se precisavam freqüentar um curso, com assiduidade de 80% e prestar provas.

O currículo do curso normal será constituído por disciplinas de cultura profissional e práticas educativas, tendo atividades complementares de caráter social, utilitário e recreativo, merecem especial consideração.

O regimento prevê que os professores deverão dar maior ênfase aos trabalhos que possibilitem a iniciativa pessoal do aluno, desenvolvendo-lhe o espírito reflexivo, a capacidade criadora e de autocrítica e o senso de responsabilidade. Para alcançar estes objetivos os professores utilizarão trabalhos em equipes, estudos dirigidos, palestras, pesquisas, bibliografias, filmes, excursões e observações e práticas docentes em classes do curso primário.

Nos registros da escola podemos constar que os professores oportunizaram realmente uma variedade de atividades as alunas envolvidas com a comunidade e nos planos de aula da Professora Evony Prestes aparecem trabalhos em grupos, equipes.

A avaliação do progresso da aluna[52] será ampla, continua e cooperativa no sentido de revelar potencialidades e condições pessoais das alunas e o grau de desenvolvimento atingido pelas mesmas através do currículo.

No artigo 136 coloca que além das argüições, de trabalhos escritos ou práticos, individuais, em grupos, observações, etc, far-se-á como parte integrante das atividades normais duas vezes no primeiro semestre e duas vezes no segundo semestre uma verificação escrita sobre a matéria lecionada no respectivo período, e mais uma verificação final do semestre.

O resultado da avaliação das praticas educativas será expresso pelo conceito SUFICIENTE ou INSUFICIENTE e para atribuição do conceito serão levadas em consideração, além da freqüência, atitude, o interesse e a participação demonstrados pelos alunos.

Para ser considerado aprovado o aluno que além da freqüência mínima de 75% tiver obtido no mínimo dois ou mais conceitos suficientes durante o semestre.

Quanto ao estágio, terá a duração de um semestre exigindo das professorandas tempo integral, distribuído entre:

a) Elaboração e planejamento do relatório de trabalho;
b) Regência de classe;
c) Presença às reuniões de orientação e supervisão;
d) Participação de atividades curriculares;
e) Assistência a hora pedagógica.

Pelo estágio a aluna recebia o conceito:

Excelente

Ótimo

Muito bom

Bom

Regular

Insatisfatório

Concluído o estágio satisfatoriamente a professora receberá o Diploma de Professora Primária.

Esta foi uma exposição dos artigos que julgamos importantes para análise do objeto de estudo.

[52] Embora o curso tenha matrículas para os ambos os sexos, verificamos no regimento que quando trata-se do curso normal refere-se ao sexo feminino.

Anexo 3 – Atestado de Imunização

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SAÚDE

UNIDADE SANITÁRIA Posto de Saúde Nº 11

ATESTADO DE IMUNIZAÇÃO

Declaro que Maria da Graça V. da Silveira
de 18 anos de idade, côr B., natural de Canguçu
residente à Cidade, n.º
foi imunizado no C. S., contra Varíola
, no dia 31 de Janeiro de 1966

Médico

S. S. - 26

I. O. - 33267

Anexo 4 – Atestado de Saúde

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SAÚDE

Unidade Sanitária [illegible]

ATESTADO DE SAÚDE

Atesto que Maria da Graça [illegible]
[illegible] de côr [illegible] com 18
anos de idade, filho de Carlos S. da [illegible]
residente à [illegible] cidade, foi por mim
examinado, para o fim especial de [illegible]
[illegible]

tendo sido encontrado em condições de boa
saúde [illegible]

[illegible], [illegible] de [illegible] de 19[illegible]

[illegible]
Médico

S.S. - 71 — 21/11/62 - 50.000 I. O. - 31653

Anexo 5 – Atestado de Idoneidade Moral

ATESTADO DE IDONEIDADE MORAL

Atestamos, para os devidos fins, que MARIA DA GRAÇA VALENTE DA SILVEIRA, filha de CARLOS SOARES DA SILVEIRA e de LIDIA VALENTE DA SILVEIRA, natural de Canguçu, nascida aos vinte e cinco (25) de dezembro de mil novecentos e quarenta e sete(1947), e pessoa de comprovada idoneidade moral, nada constando em desabono de sua conduta.-

Canguçu, 10 de fevereiro de 1966.

Zomar de Souza Garcia

Zomar de Souza Garcia- Professor registrado sob n. D- 27599

Alicia Braun

Alicia Braun- Professora registrada sob n. D- 17580

Reconheço verdadeiras as firmas supra de ZOMAR DE SOUZA GARCIA e ALICIA BRAUN ====

=====================================

========================== por dou fé.

Em test° R.S.S. da verdade.

Canguçu, 18 de fevereiro de 966

O Tabelião

Pagamento de selos valedusta Lei 3881, de 28.12.59

ESCOLA NORMAL N. SRA. APARECIDA
Canguçu/RS - Sistema Estadual
Reconhecimento Port. 22158/10-12-69
Sociedade Caritativa e Literária
S. Francisco de Assis, Zona Norte

Arquivo

Escola Normal
Nossa Senhora Aparecida

CANGUÇU - RS.

CURSO NORMAL - COLEGIAL

Nome da Aluna MARIA DA GRAÇA VALENTE DA SILVEIRA

Nome do Pai Carlos Soares da Silveira

Nome da Mãe Lidia Valente da Silveira

Data de Nascimento 25 de dezembro de 1947

Natural de Canguçu Estado RS

INGRESSO NO CURSO
PROVA SELETIVA

Português 65 Conhecimentos Gerais 82

Matemática 61 Média 70

Anexo 6 – Notas das Provas Seletivas

Anexo 7– Plano de Unidade de Estágio

"Plano de Unidade"

Título –
"O Amor Paternal"

Justificativa –
Próximo está o "Dia do Papai" data que justifica a unidade de trabalho escolhida. Achamos necessário evidenciar e valorizar, perante à criança, a autoridade paterna no lar.

Objetivos –

Generalizações –

a) O amor paterno é essencial no lar

b) A colaboração dos filhos na vida familiar se faz necessária

c) Para adquirirmos novas experiências precisamos fixar as anteriores

Hábitos, Atitudes e Habilidades.

a) Desenvolver no aluno o senso de capacidade moral do homem perante a sociedade em que vive.

b) Auxiliar seu pai em suas incumbências profissionais, lembrando o aluno do proveito que vai ter na formação de seu caráter.

c) Através de estórias e conversas informais proporcionar exemplos de bons pais e de filhos obedientes e gratos.

d) Confecção das lembrancinhas para os pais.

e) Uso do dicionário e recortes.

Atividades Iniciais –

Palestra informal a respeito da figura do pai no lar e sociedade.

Conteúdo programático –

Recordar a matéria através de testes, diagnósticos.

Atividade Culminante –

Exposição dos trabalhos feitos sôbre a data.

Avaliação –

Observação direta das reações dos alunos, pontualidade, assiduidade. Aplicação de exercícios e testes.

Recursos audio-visuais –

Quadro negro, cartaz, flanelógrafo, cartolina

Bibliografia – O canto do brasileiro - Recreação Infantil, provas da 4ª Helena para recapitulação da matéria.

Observações –

Anexo 8 – Plano de Aula

Linguagem Dia 6-8-69

Classe - 4º ano

Assunto - Leitura silenciosa e oral.

Objetivo - Desenvolver a capacidade de leitura silenciosa e oral.

Incentivo - Com uma gravura característica da leitura perguntar se conhecem o que significa a mesma.

Desenvolvimento -

Leitura silenciosa

Negrinho do Pastoreiro (lenda gaúcha)

Negrinho era escravo de um estancieiro muito rico e. varentão. Seus pais, vendidos para outro dono de estância, tinham sido levados para longe. Por isso, êle crescera só, sem o carinho de ninguém. Sua vida era trabalhar o dia todo no pastoreio.

Um dia, fugiu um cavalo que estava sob seus cuidados. Negrinho procurou-o durante todo o dia. Quando chegou a noite, êle acendeu uma vela, continuando a procurar. Só depois de muito tempo é que o cavalo foi achado.

Mas, de manhã quando Negrinho voltava, o filho do estancieiro, um menino muito mau, espantou o cavalo, que tornou a fugir. Desta vez não foi possível achá-lo.

Negrinho foi, então, açoitado até morrer.

O que se conta, entretanto, é que êle não morreu, mas que, exausto dos açoites recebidos, desmaiou. E que, tendo voltado a si, fugiu para o mato onde, afinal, encontrou o cavalo. Mas, Negrinho nunca mais voltou à estância.

Surgiu então o costume de acender uma vela ao Negrinho do Pastoreio, sempre que se precise de ajuda para achar coisas perdidas.

1- Sublinha o predicado, passa uma linha em volta do sujeito, com uma cruz marca os adnúcleos e abaixo coloca os objetos dizendo se é direto ou indireto, das orações abaixo:

a) Negrinho era escravo de um estancieiro
objeto -

b) Ele trabalhava no pastoreio

c) O filho do estancieiro espantou o cavalo
objeto -

d) O cavalo fugiu e nunca mais foi achado.

2- Completa com um pronome:
oblíquo
Não esqueça de fazer o que ... pedi
possessivo
O Negrinho era ..... empregado
pessoais
..... soltou o cavalo.
demonstrativo
..... é minha

3- Dá o antônimo de:
feio
negrinho -
rico -
mau -

4- Dá o sinônimo de:
estância -
pastoreio -
encanto
aparento
costume -
apaixão

MATEMÁTICA

Assuntos – múltiplos, números primos, aritmética, divisor comum.

Objetivos – Desenvolver no aluno a capacidade de conjunto estudar a matéria dada em aula.
É preciso que se recorde o que aprendemos para aprendermos coisas novas.

Material – Jôgo, cartaz com conjuntos.

Incentivo – Com o material pedir que identifique o seu significado.

Desenvolvimento – Usarei um joguinho que auxiliará na recapitulação, e continuarei explicando no que houver dificuldade por parte da criança em esquecimento.

Exercícios de fixação:

Observações – ainda será dado exercícios sôbre números romanos.

Regras:
1. Risca os múltiplos de 2 e de 3
2. Passa uma linha em 6 números primos
3. Faz um conjunto de números.

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 - 11
12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20 - 21
22 - 23 - 24 - 25 - 26 - 27 - 28 - 29 - 30
31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40 -
41 - 42 - 43 - 44 - 45 - 46 - 47 - 48 - 49 - 50

2- Escreve números primos entre si com os que se encontram na coluna abaixo:

24	35
14	8
21	22

3. Escreve os divisores comuns a estes números:

12 e 24	7 e 9
20 e 15	3 e 7

4- Sublinha o numeral romano correspondente a 54

$\overline{XIU}$ - $\overline{Xx}$ $\overline{L}$ - LIX LV LIV LXXX

Passa para romano esta data

1950.

5. Problemas.

Comprei 2 dúzias de rosas para oferecer ao meu filho a Ncr$ 5,52. Quanto saiu cada rosa?

Um estudante comprou um cento de mangas por Ncr$ 4,00. A quanto deve revender cada fruta para ter um lucro total de Ncr$ 1.00?

6- Escreve a palavra sim nos conjuntos que estão em correspondência biunívoca e os que não estão escreve não.

Observações: Não passei os exercícios 4, 5, 6, por motivo da falta de tempo ficando para amanhã. como tema para casa, com exceção do 6.

Dia 7 de agôsto de 1969.

MATEMÁTICA.

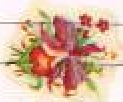
Assunto – Frações e multiplicação e divisão com prova real, problemas que envolvam adição de frações e divisão em as 4 operações com inteiro. Números primos.

Objetivos – Formar no aluno a capacidade de interpretar os problemas.

Mostrar o valor que tem em nossa vida diária as operações e frações.

Material – Os discos e gramas relacionados com as operações.

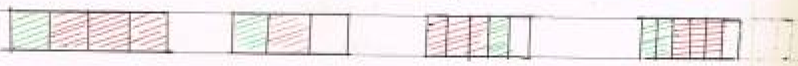
Desenvolvimento – Embora seja uma recapitulação da matéria sempre há pontos que as crianças esqueceram ou não firmaram bem, por isso darei uma explicação e logo será aplicado os testes. Incluí números primos por motivo dos alunos não estarem bem firmes, havendo muita dificuldade por parte dêles.



Exercícios –

1- Soma as seguintes frações.

1/4 + 3/4 ; 1/3 + 1/3 ; 3/5 + 1/5 ; 2/6 + 3/6



2- Problemas:

Marcelo cortou um galho para fazer um arco em 2 pedaços iguais. Cada pedaço representa .... do inteiro

Depois êle resolveu cortar em 4 pedaços iguais cada pedaço de galho representa .... do inteiro.

Histórico Escolar

		DISCIPLINAS																														
																DIDÁTICA						PRÁTICAS EDUCATIVAS										
		Português e Literatura	Português	Matemática	Estudos Sociais	Ciências Físicas e Biológicas	Filosofia Geral	Psicologia Geral	Filosofia e História da Educação	Psicologia da Educação	Sociologia da Educação	Biologia Aplicada à Educação	Higiene Escolar	Administração de Classes e Escolas		Geral	Linguagem	Matemática	Estudos Sociais	Ciências Naturais		Educação Religiosa	Educação para o Lar	Educação Física	Educação Agrícola	Educação Artística: Música	Desenho e Artes Plásticas	Cinema	Outro			
1.ª Série	1.º Período	65	-	74	89	81	66	73	-	-	-	-	-	-		-	-	-	-	-		-	-	-	-	-	-	-	-			
	2.º Período	74	-	67	78	70	69	74	-	-	-	-	-	-		-	-	-	-	-		-	-	-	-	-	-	-	-			
2.ª Série	3.º Período	-	75	83	-	-	-	-	97	90	67	68	-	-		88	-	-	86	-		-	-	-	-	-	-	-	-			
	4.º Período	-	81	80	-	-	-	-	94	91	79	78	-	-		92	-	85	86	-		-	-	-	-	-	-	-	-			
3.ª Série	5.º Período	-	80	-	-	-	-	-	85	94	90	-	86	96		-	79	78	-	89		-	-	-	-	-	-	-	-			
	6.º Período	-	81	-	-	-	-	-	84	87	80	-	82	94		-	85	76	-	85		-	-	-	-	82	-	-	-			

Média de Português e Literatura 79

Média de Didática geral e especial 84

Média Geral do Curso 80

Avaliação do Estágio BOM.

Canguçu, 10 de janeiro de 1970

Diretora Alícia Braun

Maria Helena Silva Hernandorena

Anexo 9 – Histórico Escolar

Anexo 10 – Comprovante de Matrícula

Escola Normal Nossa Senhora Aparecida – Cangucú

Nome da aluna Maria da Graça Valente da Silveira Nº mat. 12

Solicita matrícula na 1ª série do Curso Normal e declara que aceita as disposições do Regimento Interno dêste educandário. Cangucú, 18 / 2 / 1966 Maria da Graça Valente da Silveira Requerente	Observações: Deferido / 25/2/66 Alicia Braun Diretora
Solicita matrícula na 2ª série do Curso Normal e declara que aceita as disposições do Regimento Interno dêste educandário. Cangucú, 21 / 7 / 1966 Maria da Graça Valente da Silveira Requerente	Observações: Deferido / 25/7/66 Alicia Braun Diretora
Solicita matrícula na 3ª série do Curso Normal e declara que aceita as disposições do Regimento Interno dêste educandário. Cangucú, 22 / 3 / 1967 Maria da Graça Valente da Silveira Requerente	Observações: Deferido / 22/3/67 Diretora
Solicita matrícula na 4ª série do Curso Normal e declara que aceita as disposições do Regimento Interno dêste educandário. Cangucú, 21 / 7 / 1967 Maria da Graça Valente da Silveira Requerente	Observações: Deferido / 25/7/67 Alicia Braun Diretora
Solicita matrícula na 5ª série do Curso Normal e declara que aceita as disposições do Regimento Interno dêste educandário. Cangucú, 13 / 12 / 1967 Maria da Graça Valente da Silveira Requerente	Observações: Deferido / 28/12/67 Alicia Braun Diretora
Solicita matrícula na 6ª série do Curso Normal e declara que aceita as disposições do Regimento Interno dêste educandário. Cangucú, 23 / 2 / 1968 Maria da Graça Valente da Silveira Requerente	Observações: Deferido / 28/7/68 Alicia Braun Diretora
Solicita matrícula na 7ª série do Curso Normal e declara que aceita as disposições do Regimento Interno dêste educandário. Cangucú, 9 / 12 / 1968 Maria da Graça Valente da Silveira Requerente	Observações: Deferido / 20/12/68 Alicia Braun Diretora

DADOS SÔBRE A ALUNA

NOME Maria da Graça Valente da Silveira

nascido a 25 / 12 / 1947 Natural de (localidade e estado) Canguçu - Rio G. do Sul

Nacionalidade brasileira Religião católica

Estado Civil solteira Residência Júlio de Castilhos nº 1090

a Canguçu n.º Telefone

Fêz o Curso Primário nas seguintes escolas 1º ao 5º ano no Grupo Escolar Irmãos Andrades

DADOS SÔBRE O PAI

NOME Carlos Soares da Silveira

Nacionalidade brasileiro Religião católico Grau de instrução primário

Profissão criador Telefone

Outras notas

DADOS SÔBRE A MÃE

NOME Lydia Valente da Silveira

Nacionalidade brasileira Religião católica Grau de instrução primário

Ocupação doméstica

Outras notas

outras informações

Ginásio Nossa Senhora Aparecida (4 séries) - Canguçu

EVENTUAIS ALTERAÇÕES NOS DADOS ACIMA

Anexo 11– Disciplinas Ministradas

Escola Normal Nossa Senhora Aparecida – Canguçú

CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSÔRES PRIMÁRIOS — II ciclo

Nome da aluna .... Maria da Graça Valente da Silveira .... Nº mat. 12

Data e local do nascimento ... 25 de dezembro de 1947 – Canguçu ...

Nome do Pai .... Carlos Soares da Silveira

Nome da Mãe .... Lidia Valente da Silveira

PROVA SELETIVA

Português ... 65 ... Conhec. Gerais 82 .... Matemática ... 61 .... Média 70

~~Conhecimentos Gerais~~ Admitida conf. art. 97 Regimento da Escola .... ~~Média~~ Concluiu o 1º ano Técnico

1.ª série

MÊS	Português	Matemática	Ciências Sociais	Ciências F. Biol.	Filosofia	Psicologia da Educ.	Educ. Religiosa	Educ. para o Lar	Educ. Física	E.A. Plást.	Teatro	Dança F.	Total de faltas		
Março												Atividade Extra-classe			
Abril	75	60	90	80	70	70	S	S	S	S	S		2		
Maio	75	80	90	75	70	80	S	S	S	S	S		2		
Média	75	70	90	78	70	75	S	S	S	S	S				
	4	1		2	2	5	3								
Prova	60	80	87	85	60	70									
M. Final	65	74	89	81	66	73									

Média .... Data 9/7/66

2.ª série

MÊS	Português	Matemática	Ciências Sociais	Ciências F. Biol.	Filosofia	Psicologia da Educ.	Educ. Religiosa	Educ. para o Lar	Educ. Física	E.A. Plást.	Teatro	Dança F.		Atividade	
1ª Nota	75^{3}	80	75^{2}	46^{2}	70^{2}	80^{1}	S^{1}	S	S^{2}	S	S		15		
2ª Nota	95^{4}	60	60	60^{2}	75	70^{2}	S	S	S	S	S		8		
Média m.	80	70	68	53	73	75	S	S	S	S	S				
Prova	85	45	66	65	70	75									
Média s.	82	60	67	58	72	75									
Média 1ª série	65	74	89	81	66	73									
M. Final a.	74	67	78	70	69	74	S	S	S	S	S			S	

Média ... (432) 72 Promovida .... Data Canguçu 10 de dezembro de 1966

3.ª série

MÊS	Português	Matemática	Psicologia da Educ.	Filosofia Hist. Ed.	Sociol. Educ.	Biolog. Aplicada	Didática Geral	Did. Esp. Est. Soc.	Didática Religiosa	Educ. Física	Educ. Agrícola	Cinema	Ativid. Ex. classe		
1ª Nota	70	80	80	100	60	80	100	90	S	S	S	S			
2ª Nota	80	90	100	90	70	80	80	90	S	S	S	S			
Média	75	85	90	95	65	80	90	90	S	S	S	S			
Faltas	3		1	2	1	2	1		1						
Prova	75	80	90	100	70	50	85	80	S	S	S	S			
M. Final	75	83	90	97	67	68	88	86	S	S	S	S	S		

Média .... Data ....

4.ª série

MÊS	Português	Matemática	Fiscal. Educ.	Filos. Educ.	Sociol. Educ.	Did. Educ.	Did. Geral	Did. Esp. Soc.	Did. Matem.	Educ. Relig.	Educ. Física	Educ. Doméstica	Cinema		
1ª Nota	80 2	90 1	85	90 1	80	90 1	100	85 3	80 5	S 1	S 2	S	S		
2ª Nota	85	85	95	95	95	95	100	80	95	S	S	S	S		
Média	83	88	90	93	88	93	100	83	88	S	S	S	S		
Prova	90	60	95	85	95	80	90	90	80						
Médias	86	77	92	90	91	88	96	86	85						
Média 1º Sem.	75	83	90	97	67	68	88	86							
M. Final	81	85	91	94	79	78	92	86	86	S	S	S	S		

Média (766) 85 Data 9 de dezembro de 1967

5.ª série

MÊS	Português	Psicolog. Rel. Hum.	Filosof. Hist. Ed.	Sociol. Educ.	Did. Ling.	Did. Matem.	Did. C. Nat.	Higiene Escolar	Admin. Escolar	Did. Ed. Rel.	Did. Ed. Fís.	Atividade			
Falhas		2	1	3	4	6				1					
1ª nota	60	100	85	90	90	95	90	90	100	S	S				
2ª nota	80	80	90	75	80	50	85	90	100	S	S				
média	70	90	88	83	85	73	88	90	100	S	S				
Prova	95	100	80	100	70	85	90	80	90	S	S				
M. Final	80	94	85	90	79	78	89	86	96	S	S	S			

Média Data Canguçu, 15 de julho de 1968

6.ª série

MÊS	Português	Psicolog. Rel. Hum.	Filosof. Hist. Educ.	Sociolog. Educ.	Did. Ling.	Did. Matem.	Did. Ciênc. Nat.	Higiene e Puericult.	Admin. Escolar	Did. Relig.	Did. Ed. Fís.	Did. Ciênc. Nat.	Atividade		
1ª nota	90	90	90	70	80	90	70	70	70	S	S	70			
2ª nota	80	90	65	80	90	65	75	90	100	S	S	95			
média	85	90	78	75	85	78	73	80	85	S	S	83			
prova	75	65	100	60	100	65	90	75	100	S	S	80			
médias	81	80	87	69	91	73	80	78	91	S	S	82			
Prova 1º S.	80	94	81	90	79	78	89	86	96	S	S				
M. Final	81	87	84	80	85	76	85	82	94	S	S	82	S		

Média (836) 84 Data Canguçu, 18 de dezembro de 1968

Média de Português e Literatura 79

Média de didática geral e especial 84

Média geral do Curso 80

Estágio Bom

CÁLCULO DAS MÉDIAS

Média notas mensais x 3

Prova x 2

Total ÷ 5

Data Canguçu, 10 de janeiro de 1970

Maria Brígida Kuenzer Schneid
Secretária

Alicia Braun
Diretora

Anexo 12 – Mensagem às Formandas Normalistas

Padre Afonso Bandeira

Local: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição

Alocação às Formandas Normalistas

Introdução

Cumprindo um imperativo de minha condição de amigo e de sacerdote, presentemente aqui exercendo meu ministério, devo em primeiro lugar, saudar-vos e congratular-me convosco, em razão... e, em segundo lugar, dirigir-vos uma mensagem que quer um estímulo e também um convite as vossas capacidades de amor, de generosidade, de doação...

O conteúdo desta mensagem versa sobre: O Papel do Cristão no Mundo!

O Papel do Cristão no Mundo

1. O homem e o mundo moderno

Não podemos conceber o individuo senão dentro das molduras de seu tempo, de sua época.

Somo filhos de nosso tempo e sofremos-lhe as influencias.

As mais poderosas influencias hodiernas, a que não nos podemos subtrair tantas vezes, serão talvez: a fome dos bens terrenos, a ambição desmedida... a embriaguez dos prazeres... as vertiginosidades da cultura e do progresso científico... e, por que não dize-lo, as chamadas neuroses dos tempos de guerra, de lutas exteriores, que, afinal, são a expressão das lutas interiores dos indivíduos...

De tal forma vivem os homens, na sua quase generalidade, assoberbados pelos problemas humanos de ordem político-econômico-social, procurando-lhes soluções que não passam de soluções provisórias...

Assim sendo, não é para estranhar que os homens venham necessariamente a esquecer problemas dos mais transcendentes, os negócios da eternidade... não é para admirar-nos de que eles, na expressão original de Cherton, “tenham perdido o endereço”, isto é, Cristo Jesus!

Eis os primeiros protagonistas do drama da humanidade; infelizmente, são muito numerosos...

2. O Cristão e o mundo Moderno

Entra também em cena outro protagonista: o Homem-cristão, o cristão-moderno, que, como criatura eminentemente social, vem desempenhar no mundo o seu papel, porque sua consciência de ser-social e de ser-cristão não lhe permite mostrar-se indiferente aos problemas que angustiam seu tempo e seus semelhantes... Ele é também criatura de seu tempo...

O Cristão de hoje deve ir ao mundo; deve falar ao mundo; deve estar no mundo: não só para dar testemunho de Deus e da vida eterna, mas também para realizar seu "métier" de homem no mundo.

E, no mundo, deve manter intacta uma dupla independência:

a) primeiramente, a da sua fé, da palavra de Deus, das virtudes cristãs dirigidas para a vida eterna...

b) depois, a independência de sua atividade temporal de cristão, ou seja, a independência daquilo que se pode chamar – as virtudes políticas cristãmente dirigidas para a vida temporal e o bem comum da sociedade.

Eis o papel do cristão integral no mundo moderno.

3. Como há de ser e de agir

Mas, para sua realização, é preciso que o cristão-moderno, neste mundo moderno, seja:

- a criatura do dever profissional, familiar e social
- a criatura da virtude, da honradez ainda profissional, familiar e social
- a criatura da verdade, honestidade, sinceridade... contraste vivo e perfeito com a falsidade que corre mundo hoje

Tudo isto, a par das virtudes cristãs fielmente exercidas.

Este é o tipo de homem-cristão, de que a humanidade precisa.

4. Como não há de ser

Por esta razão, não há lugar, neste mundo, para cristão-sentimentalistas, que vivem a mercê da volubilidade os sentimentos, que se tornam o termômetro de seu fervor religioso.

Não há lugar para cristãos-utilitaritas, que só se preocupam egoísticamente com as vantagens memso espirituais e usufruir...

Não há lugar para cristãos-diletantes, que só vão aos templos sagrados afim de se satisfazer a um descabido gosto estético, musical, artístico ou literário...

Não! O cristão-moderno deve ser um homem de fé sólida, granítica, esclarecida, racional.

O cristão-moderno há de irradiar esta fé. Logo, há de ser apóstolo! Sim! O apostolado: eis a vocação comum de todo o cristão, máximo do mestre e educador cristão, que, segundo a expressão de conhecido autor, deve possuir alma de apóstolo.

5. Conclusão

Eis o que o mundo atual espera de vós.

Aliás, o lema, que escolhestes, vos compromete: é um sério compromisso que assumis com o mundo.

- Amar muito – Amar!

Vosso lema nega o egoísmo, o individualismo, o isolacionismo...

Pede generosidade, solidariedade, dedicação...

- Exigir muito – Exigir!

Vosso lema recusa a mediocridade, o comodismo, o desleixo...

Ele significa uma certa insatisfação, uma certa angústia, uma certa inquietação de alma, que não aceita estagnação e busca os objetivos mmais altos, mais pobres, mais perfeitos, pelos meios mais perfeitos...

Por isso, ele pede, sobretudo, que exijais muito, mudo memso, de vós próprias, para que tenhais autoridade moral para o exigirdes dos demais...

- Dar tudo! – Doação! Dar!

Vosso lema supõe um enriquecimento pleno; supõe que estejais naquele nível intelectual, moral, espiritual, como pessoas humanas e cristãs integrais, que

possais então dar realmente tudo de vós mesmas a esse mundo que tanto, ou mesmo tudo, espera de vós...

Eis a coerência de pessoas humanas bem formadas.

Mas, sede também coerentes com pessoas cristãs bem formadas. Sintonizai o decálogo com o Credo, a Moral com as verdades Reveladas... que vossa vida prática seja um fiel retrato de vossa vida teórica (ou filosofia de vida)... que nada façais, penseis ou digais, que não seja rigorosamente pautado ou ditado por vossas consciências, inspiradas nas normas e princípios evangélicos!

Que estas palavras, pois, soem como um estímulo e um convite, para que assinaleis vossas presenças neste nosso mundo moderno, dando-lhe o melhor e irrespondível argumento: a coerência e a fidelidade às vossas sagradas convicções humanas e cristãs!

Anexo 13 – Fala dirigida às Formandas Normalistas

Evony dos Santos – Paraninfa

"No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra porém estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo. E Deus disse: Exista a luz. E a luz existiu. E Deus viu que a luz era boa; e separou a luz das trevas".

Autoridades civis e militares aqui presentes

Estimada Madre Marilda

_____

Senhoras e senhores

Queridas Afilhadas

Ontem, trevas. Hoje, luz.

Ontem, Canguçu escuro, vazio de sol, de alegria, de sorrisos.

Hoje, a alegria colocando pingos de ouro nos olhares de todos.

Ontem, saudade. Grande e densa saudade. Filhos que se despedem e partem em busca de conhecimento.

Hoje, filhos que voltam enxugando lágrimas com seu carinho e amor. Filhos que voltam e cumprem seu dever, ajudando a construir o progresso de sua Terra Natal.

Ontem, Canguçu carecendo de escolas para aclaram a mente daqueles que desejassem ser luz para outras vidas mergulhadas nas trevas.

Hoje, a melodia de vozes falando às crianças de nossa terra, através de uma Escola Normal.

Ontem, Canguçu em trevas. Hoje, banhado em luz.

Porque Deus viu que a luz era boa; separou a luz das trevas.

Portanto, alegra-te povo desta terra! Exulta conosco, canguçuense amigo! Compartilhai de nossa euforia, governates e governados de Canguçu!

Neste momento recebem seu diploma, quarenta e duas jovens professoras que, sem dúvida alguma, terão o mumus de construir o edifício de uma nova era para Canguçu.

Prezados assistentes, o que mais nos entusiasma, porém é vermos derrubados os argumentos daqueles que afirmam que a voz da razão já não tem

eco, que a justiça já não tem lugar entre nós, pois triunfam apenas aqueles a quem o dinheiro, ou mesmo a filiação a determinados grupos políticos ou religiosos lhes dá um lugar ao sol.

Nesta turma de quarenta e duas normalistas, encontram as diversas classes sociais e diversos credos políticos e religiosos fundidos num mesmo cadinho, e que vem hoje comprovar, que a "batalha pelos valores fundamentais, - lucidez, dignidade, liberdade – ainda conta com hostes numerosas e que quem fala e age com honestidade nunca esta sozinho".

Aqui nesta terra há muitíssima gente empenhada em ver claro e ser coerente, em sacudir o marasmo e o conformismo, em mostrar que a conquista de um lugar ao sol não se consegue apenas através do dinheiro ou com a ajuda de terceiros mas ela se faz através do esforço e do amor à verdade.

Aqui nesta terra, não somente o canguçuense está empenhado em construir dias melhores para Canguçu mas também ao lado dele, lutam muitos outros vindos dos mais distantes recantos do rio Grande, como para mostrar que o coração do gaúcho não tem fronteiras quando se trata de construir o bem da humanidade.

Senhores e senhoras aqui presentes!

Não espereis nenhum servilismo, destas jovens professorandas, nem imobilismo confortável e enganador.

Esperai sim, "tormentas e sacudidas, chuvas e trovoadas crises renovadoras que abrirão perspectivas mais amplas em busca de um belo arco-íris..."

Queridas afilhadas: Obrigada pelo grande estímulo que nos destes, convidando-nos para, de um modo especial acompanhar-vos nesta hora inesquecível.

Prezados conterrâneos, somos felizes por ter rrenunciado a uma carreira quiçá mais brilhante, em outra cidade e poder encontrar-nos hoje, entre vós na afirmação de que a felicidade pessoal é inseparável do bem-estar coletivo.

Obrigada, mais uma vez repetimos, pois nós, dando tudo do pouco possuímos, muito mais, realmente, recebemos de vós. É exato o provérbio : "aquele que carrega o irmão para o outro lado do rio, chega ele mesmo à outra margem".

Prezadas professoras: Amar muito! Exigir muito! Dar tudo! Foi o belo lema que escolhestes para orientar vossa vida futura.

Aproveitando-nos desta hora, talvez a última em que poderemos dar-vos um pouco de nós, pedimo-vos que, perante esta comunidade e perante vossas próprias

consciências reflitais conosco sobre o sentido deste lema: Amar muito! Exigir muito! Dar tudo!

Prezadas afilhadas: “O sentido da história de vossas vidas é uma história de Amor. O sentido da história de todo mundo é uma história de amor. É a realização da aliança de amor entre Deus e o homem”.

Vós soi o objetivo do infinito amor de deus.

Estai pois conscientes de que nada em vossas vidas acontece por acaso. Não é por acaso que vós estais aqui nesta hora. “Deus esperou milhares e milhares de anos, conscientemente, e vos criou agora, em pleno século XX”. O século das grandes conquistas. O século das grandes conquistas e ao mesmo tempo o século em que o homem respira intranqüilo o ar com cheiro de guerra, com cheiro de luta, com cheiro de fome e miséria! O século em que o homem não age senão por seu interesse e por sua expansão. O século do progresso. Mas do progresso sem paz!

Prezadas professoras, é este o grande cenário em que vive a criança que vos será confiada. Não esqueçais nunca de que hoje jurastes lutar sem esmorecimento para que elas desempenhem, o papel que lhes cabe na vida, dentro dos princípios da dignidade humana, do bem e da educação cristã.

Convencei-vos, queridas afilhadas, que possuis a força da mocidade não apenas para gozar mas para renovar o mundo. Acreditai, Deus vos chama, convida-vos a construir a sociedade atual.

Não vos esquecíveis desta hora e desta responsabilidade. Mas, prezadas jovens muitos obstáculos surgirão tentando impedir a concretização de vosso ideais.

Estai pois, alertas!

Muitas vezes, até mesmo sereis tentadas pelo comodismo a colocar nas mãos de terceiros as decisões vitais sobre vosso próprio destino. E surgirá então, a corrida desenfreada para atingir os grandes postos sem encarar os meios usados para chegar até lá.

Quando a tentação, a cilada da passividade bater em vossa porta, tende presente o vosso lema: “Amar muito! Exigir muito! Dar tudo” Reconhecei que obstáculos e dificuldades são condições do progresso.

E como afirma Saint Exupéry “Ao se medir com obstáculo o homem aprende a se conhecer, para superá-lo, entretanto ele precisa de ferramentas”.

Prezadas filhadas: Tendo fé, tendo confiança!

As ferramentas a que se refere Saint Exupéry, serão postas a vossa disposição. “Para grandes lutas, grandes graças. Grandes lutas são grandes ofertas de graças e grandes convites do pai para grande virtude”.

Tende convicção de que sem a luta, sem o sacrifício, sem a vontade e a ação não conhecereis jamais o verdadeiro poder e a verdadeira glória. É com mangas arregaçadas e suores que se vive. Só o esforço é fecundo.

Para trilhar os caminhos da liberdade, não conteis tanto com a ajuda alheia. “Livres são aqueles que sabem querer e executar o que quere; nunca fazem coisa alguma que lhes repugne, nem intentam justificar-se culpando outros de seus próprios erros.”

Escravos não são os que esperam o favor alheio e renunciam dirigir-se por si memsos, incorrendo em mil pequenas vilezas que carcomem a nossa consciência.

Jovens idealistas! Vossos alunos estão a vossa espera. Lembrai-vos de que cada alma de criança é terra fecunda onde lançadas as sementes do verdadeiro amor, não tardarão elas a frutificar.

“E a criança espera...

Semente tão pura...

Tão fraca e tão forte...

É só cultivá-la!”

Queridas amigas: Para finalizar, deixei que vos recorde a pergunta feita certa vez por um estreante ao magistério a um colega mais experimentado:

- “Que fez o senhor, para tamanha autoridade, tanta ascendência, tanta, tanta liderança sobre seus alunos?”

- “Não faço nada. Eu sou. E como sou me apresento em aula”. – respondeu.

- Pretensão? Orgulho? – Não! Verdade.

Para se fazer alguma coisa é mister primeiro ser alguém.

O homem não vale pelo que faz mas pelo que é. Tudo que ele empreende leva a chancela daquilo que é. Sendo assim, eu vos pergunto: - O que sois? O que fareis? O que exigireis de vós e de vossos alunos? O que tendes para lhes ofertar?

Prezadas afilhadas: tendes o “tudo” que recebestes na vossa Escola Normal. Vossos alunos esperam pois tudo de vós. Lembrai-vos no entanto, de que “auxiliar um jovem a conduzir bem seu barco, não é tomar a direção ou remos em seu lugar, é auxiliá-lo a ver claro, dar-lhe mapa e bússola e assinalar-lhe as passagens perigosas em que pode correr risco.

Mas para isto é preciso conquistar-lhe o coração, é preciso saber amá-lo. “Amá-lo com aquele amor que é um apelo, despertando no outro, o ser oculto e mudo, que é forçado a surgir à nossa voz”.

Amar muito! Exigir muito! Dar tudo! É o vosso lema e nós vos contestamos com as palavras de Khalil Gibran:

É quando derdes de vós próprias que realmente dais. Há os que dão pouco do muito que possuem e fazem-no para serem elogiados e seu desejo secreto desvaloriza seus presentes. E há os que pouco tem e dão-no inteiramente. Esses confiam na vida e na generosidade da vida e seus cofres nunca se esvaziam.”

Pelas mãos de tais pessoas Deus fala e através de seus olhos ele sorri para o mundo.

É belo dar quando solicitado; é mais belo, porém, dar sem ser solicitado por haver apenas compreendido.

E existe alguma coisa que possais conservar?

Tudo que possuís será um dia dado.

Daí agora, portanto, para que a época da dádiva seja vossa e não de vossos herdeiros.

Anexo 14 – Técnica Aplicada no dia 10 de janeiro de 2003,
33 anos de Formatura

Em cada ENCONTRO da turma Comissão organizadora e/ou alguém preparou algo para ser partilhado com as colegas, como por exemplo, mensagens, lembranças de fotos, álbuns didáticos, relatos dos fotos importantes, significativos e/ou engraçados vivenciados durante o curso e no estágio com os alunos.

Para este momento de recordações as irmãs Lúcia Maria Moreira Coelho e Luiza Helena Moreira da Silveira prepararam 37 questões que transportaram todas colegas ao passado, a juventude vivida em nossa querida Canguçu.

As memórias foram amplamente testadas e, as respostas, proporcionaram as mais diferentes emoções de risco, choro, saudades e o despertar de mais e mais lembranças.

O texto, denominado de "questionário" gerou interesse de ser mais esclarecedor para quem venha lê-lo nos dias atuais. Então, eu, com auxílio da Lúcia e Anna Tereza Moreira Caldeira, realizamos a pesquisa e a registramos nestas páginas.

Originalmente, o texto continha apenas as perguntas. Agora, será transcrito com as perguntas e as respostas.

CARA COLEGA, Lê com atenção as perguntas abaixo e vai anotando o número de respostas "SIM". Ao final, haverá uma interpretação dos resultados.

Boa Sorte!

QUESTIONÁRIO

1. Lembras da fundação da Rádio Liberdade e da Rádio Cultura de Canguçu? Foste alguma vez às Brincadeiras RC? Lembras da voz do Daily Bastos e do Anibal Alves?

A fundação destas duas emissoras de rádio "agitaram" a vida da juventude canguçuense. No sobrado da Rádio Liberdade as jovens, em grupos, subiam a escadaria de madeira, silenciosamente (com o peso, as tábuas estalavam) com o objetivo de pedir a inclusão de músicas de suas preferências para serem "rodadas" no programa musical da noite. E, na Rádio Cultura assitiam os programas de auditório, muitas vezes realizados no Cine Teatro Glória com apresentações de calouros e de talentosos músicos da cidade. Dois cantores de excelente potencial de voz alegraram o povo nestes programas de auditório foram: Daily Bastos e Anibal Alves (já falecidos). Daily Bastos casou com Amabilia Duarte Lopes (Bastos) proprietária de instituto de beleza e pais de Jaceara Lopes Bastos (Reck) e Ubajara Lopes Bastos. Amabilia depois de viúva voltou para cá e participa de um grupo de senhoras que confeccionou roupas para recém nascidos e sem recursos. A normalista Cecy da Silveira participou neste programa da Rádio Cultura como caloura e no teatro radiofônico. Observação: Rádio Liberdade foi fundada em 26 de junho de 1956 e a Cultura em 10 de outubro de 1959.

2. Leste o livro "A moça e seus problemas" e os romances de Machado de Assis, José de Alencar e da Madame Deli?

Estes três escritores, na época, eram os mais lidos. A coleção de Madame Deli era recomendada por ser de leitura leve, romântica, apropriada aos costumes e romantismo da época. Os clássicos, Machado de Assis e José de Alencar de grande preciosismo valor literário eram não só recomendados mas, exigidos para leitura e trabalho durante as aulas nas disciplinas de Literatura e Português.

3. Torceste pelo Albertino Limonta e pela mamãe Dolores da novela "O direito de nascer"?

A novela "O direito de nascer" com grande audiência transmitida pela Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, às 20h, durante dois anos encantou e conviveu as famílias gaúchas que não perdiam nenhum capítulo. Todos os sons da novela eram realizados na sala de sonoplastia. O enredo desta novela anos mais tarde, foi tema de filme e de novela transmitida pela Rádio Cultura.

4. Tomaste Fanta na Petisqueira, comeste sorvete creme-russo no Bar do Alfredo e os Bicos-Doce da Bidonga?

A Petisqueira foi uma lancheria de propriedade de Neri Fonseca que, na década de 60, serviu de ponto de encontro para os jovens e as famílias canguçuenses. Funcionou no prédio que serviu para a Igreja Católica realizar suas atividades e serviços religiosos enquanto a Matriz estava sendo reconstruída. Este mesmo prédio anos mais tarde foi demolido para a construção do Banco do Brasil, hoje, Prefeitura Municipal.

O Bar, do seu Alfredo Nunes (falecido) era o local onde os homens de negócio e políticos se reuniam para o tradicional cafezinho e, as senhoras, jovens e crianças saboreavam gostosos sorvetes. Era o único, a vender esta deliciosa guloseima. Na mesma esquina das ruas Gal. Osório e Professor André Puente o mesmo lugar existe, hoje o bar e lancheria Everest.

Bicos-Doce da Bidonga – Angelina Almeida, solteira, tia da colega Ceci da Silveira, dedicou sua vida na confecção de doces e salgados para festas de aniversários e casamentos mas, sua especialidade foram os famosos Bicos Doce disputados pela criançada e até adultos. O preparo era colocado em forminhas com feitios de: chaleira, vasinho, bicicleta e o mais solicitado, o tradicional BICO. Angelina era irmã de Anselmo Almeida, José Almeida e Luisa Almeida (mãe da colega Ceci). Faleceu no ano de 1968. Também, eram irmãos de Angelina o senhor Armando que vendia pipoca, picolé e apreciador de música, tocava cavaquinho e, o senhor Orlando Almeida (pai do conhecido Palica e de Adão José e Cacaio – Guardas vigias no Hospital da cidade e Banrisul).

5. Usaste coque "se a vaca voasse", cerveja como fixador de cabelo e Coca-Cola como bronzeador? Usaste pomada Minâncora nas espinhas?

"Se a vaca voasse" foi um penteado da moda, na década de 60. O cabelo era enrolado sobre a cabeça e para aumentar o volume se utilizava pedaços de Bombril. Para fixar os fios de cabelo, usava-se molhar as madeixas com cerveja antes de enrolar com os "bobys". Muitos jovens ficaram com a pele manchada por utilizarem a Coca-Cola como bronzeador. Todos os adolescentes tanto femininos como masculinos utilizavam a pomada Minâncora quando surgiam as "terríveis espinhas" no rosto.

6. Usaste bobys nos cabelos, frequentaste o salão da Amabilia ou da Odete Schellin ou te arrumaste para os bailes com a Vera Klain?

Os bobys utilizados para modelar os cabelos eram rolos de plásticos de vários tamanhos e cores. Os institutos de beleza mais frequentados eram os de: Amabilia Lopes Bastos (situada na Julio de Castilhos – quadra do Banrisul); Vera Maria Klain Vaz (da Rocha) – na residência da família na Gal. Osório onde hoje é a lancheria e restaurante Grutzmann; Elodina Paz, na Gal. Osório, onde hoje, é a Loja Três Passos e o de Odete Shellin, na rua Gal. Osório, onde foi a residência do senhor Ermandino Borges e, atualmente, é uma loja, ao lado da "Casa Norma", na sinaleira.

7. Lembras do Jarra na porta do Cine Glória controlando a entrada nos filmes impróprios para menores de 14 ou 18 anos?

O senhor Hildegar Albano de Souza – Oficial de Justiça, conhecido como senhor Jarra, controlava à porta do Cine Teatro Glória a entrada de crianças e jovens para evitar o ingresso em filmes impróprios que vinham censurados e proibidos aos menores de 14 ou 18 anos.

8. Estudaste Latim e Francês no Ginásio? Tiveste caderno de sabatina? Lembras do sorteio dos pontos para exame oral? Estudaste com a irmã Luzia?

Os alunos das décadas de 50 e 60 que estudaram no Colégio Aparecida com certeza de língua francesa, inglesa e de latim. As sabatinas constituíam as avaliações mensais de todas as matérias do currículo. Em várias disciplinas como: português, história, geografia entre outras, cada aluno deveria estar preparado e bem "afiado" com a matéria e o conteúdo determinado pela professora pois, na data marcada, o "ponto" ou o "assunto" era sorteado para a prova oral. Que sufoco! A disciplina de Canto e Música era ministrado pela Irmã Franciscano "Luzia" que não perdoava ninguém. Ela, ao piano, exigia o conhecimento de cada nota da escala musical.

9. Tiraste foto com o Seu Egídio? Lembras dos artísticos quadros do Domírio, Açulena e Odete que enfeitavam a sala de espera?

Por várias gerações de famílias do interior e da cidade em algum momento tiveram suas imagens clicadas pela "máquina tripé" de Egídio Camargo. Com a esposa dona Deolinda formou família com sete filhos e criaram uma afro-descendente. Um de seus filhos, o Domírio de Ávila Camargo foi Prefeito de Canguçu. A casa e o atelier de fotógrafo ainda permaneceram, mas bastante descaracterizadas. Atualmente, funciona comércio de esquadrias. E, homenagem ao Centenário de Canguçu – seu Egídio construiu ao lado de sua casa outro prédio residencial. Por ocasião dos festejos dos cem anos de Canguçu foi colocada uma placa alusiva a esta data na parede da frente da casa. É uma lástima que as autoridades não também o que resta da arquitetura antiga e histórica do município. A técnica do "cimento penteado" que cobria a construção hoje, esta embaixo de uma pintura "insana" de vermelho e branco e funciona um bar ou lanchonete, bem em frente a Praça Central. Graças ao trabalho e dedicação de seu Egídio na arte de bem fotografar, muito da história familiar, social, política, religiosa e paisagística desta terra foi resgatado. Ao entrar em seu atelier despertada de atenção e interesse de todos, mas especialmente às crianças as fotos de alguns de seus filhos que apareciam dupla ou até triplamente na mesma foto. A técnica, utilizada (desconhecemos nome) era perfeita.

10. Saíste do Colégio Aparecida para comprar puxa-puxa no Chico do Cerro ou para ir ao correio da Neda Porto ou para fazer compras da livraria do Sinotti?

"Chico do Cerro" como era conhecido o senhor Francisco Bezerra proprietário, na época, de um barzinho defronte ao portão do Colégio Aparecida e, no horário de recreio os alunos iam comprar lanches, doces e até os famosos pirulitos da Bidonga. Neste local, está construído o prédio mais alto da cidade.

Neda Porto Gonçalves, aposentada dos Correios e Telégrafos por muitos anos, como funcionária exercem suas atividades numa peça de sua residência sito a rua Gal. Osório. Vários prefeitos prometeram a a construção de prédio próprio e adequado aos serviços do Correio de nossa cidade e, até hoje, este órfão tão necessário e importante para o povo, continua locando peças para o atendimento e demanda de correspondências...

A casa de dona Neda dói vendida e demolida. Depois de ser as lojas Clasen, hoje é um mini-super, quase em frente a loja Carina Jóias. Sempre, no horário do

recreio escolar muito dos alunos vinham até o Correio para despachar suas correspondências.

A livraria Mundial de propriedade do senhor Fernando Sinotti e Tereza Langone Sinotti, foi a primeira livraria de Canguçu. Inicialmente funcionou no prédio onde é hoje a SULPAR e, depois, na esquina defronte a Praça de Esportes Drº Jaime de Farias. Esta construção ainda existe é uma pequena lojinha de R$ 1,00.

11. Usaste sandália egípcia, conjunto de Ban-Lon, camisa Volta-ao-Mundo, vestido saco, tênis Conga, galochas, perfume Miss France?

A sandália egípcia de plástico era uma réplica das antigas sandálias usadas no Egito. Eram douradas ou prateadas. Foi moda no verão de 1961.

Em 1967 começou a aparecer no mercado, uma malha com confecções de conjuntos de blusa e casaquinho. Esta malharia de fio sintético denominado Ban-Lon.

No mesmo período surgiu um tecido de Nylon conhecido como Volta-ao-Mundo. Era prático de ser lavado e de rápida secagem dispensava o uso de ferro de passar roupa. As blusas do uniforme da primeira turma de normalistas foram confeccionadas neste tecido, em azul claro.

O vestido saco foi um modelo consagrado pela famosa e polêmica artista francesa Brigitte Bardot. O vestido era, exatamente, um saco, tinha apenas as cavas e o decote.

O Tênis Conga era de brim marinho e solado de borracha branco.

As galochas eram de borracha sobrepostas aos calçados nos dias chuvosos. Tinha dois modelos: de borracha preta colocada sobre o calçado e o modelo botinhas que dispensava o calçado. Era usada com meias.

O perfume Miss France, era o melhor! Existe até hoje mas, superado por outras marcas e qualidades da perfumaria nacional e internacional

12. Leste revista de fotonovelas Ilusão, Capricho, Grande Hotel, Sétimo Céu e o Almanaque do Pensamento?

As revistas de fotonovelas: Ilusão, Capricho, Grande Hotel e Sétimo Céu relatavam as estórias em quadrinhos com continuação dos capítulos no exemplar da revista no mês seguinte.

O Almanaque de Pensamento era uma publicação muito aceita na família e, em todos os setores da sociedade, pois abrangia assuntos de cultura e de conhecimentos gerais como: história, geografia, religiões, agrícolas, época de plantio e poda de árvores frutíferas e/ou ornamentais, hortaliças, floricultura, fases da lua, piadas, receitas, provérbios, enfim... constituía uma biblioteca ambulante.

13. Viajaste de trem para Pelotas ou de ônibus pela estrada do Morro Redondo com parada no Fiss para lanche?

A ferrovia Canguçu-Pelotas, construída pelo 1º Batalhão Ferroviário foi inaugurada em 13 de julho de 1950 com 73 km de extensão, dois viadutos, cinco pontes e um túnel, levou dez anos para ser concluída foi iniciada em 1939 e terminada em 1949. Esta obra magnífica proporcionou ótimas viagens e passeios ao povo de Canguçu e Pelotas. Alunos do Grupo Escolar Irmãos Andradas no final do ano

acompanhados de professoras e representantes do Círculo de pais e Mestres iam de férias, neste trem, até a cidade de Rio Grande participando da “Colônia de Férias”.

Cada partida, na estação, para os que ficavam uma tristeza, mas, a cada vinda do trem, uma alegria, uma festa. Infelizmente, durou pouco. Foi desativada no início de 1962. Pode-se hoje, visitar e/ou conhecer a Ponte da Maciel e o Túnel. Vale a pena. É lindíssima a paisagem!

Antes da construção da BR 392 a estrada que ligava Canguçu-Pelotas passava por Morro Redondo (hoje cidade) e a linha de ônibus tinha (obrigatoriamente) uma parada no Hotel Fiss para lanche.

14. Fizeste curso de corte e costura com a Dona Célia ou Quinotinha? Datilografia com o Padre Zomar ou bordado com a Lara do Armando?

Duas costureiras conhecidas na cidade ministravam Curso de Corte e Costura: Célia Pereira e Joaquina Brockman de Mattos, conhecida como Dona Quinotinha, mãe do professor Joel de Mattos.

O curso de Datilografia era oferecido pelo padre Zomar de Souza Garcia e, também pela senhora Marieta Prestes.

Lara Morales (esposa do farmacêutico Armando Morales) ensinava no Curso de Bordado, as alunas a bordarem com a linha Varicor, novidade no mercado era uma linha brilhosa, colorida, muito bonita. Na época, várias jovens aproveitaram o Curso para bordarem toalhas e lençóis para seus enxovais de noiva.

15. Ouviste pela Rádio Farroupilha o programa “A banca do Sapateiro” com Pinguinho e Valter Broda e o Grande Rodeio Coringa?

A “Banca do Sapateiro” foi um programa ao vivo, apresentado diariamente, ao meio-dia, por Valter Broda e Pinguinho, dois comediantes que relatavam de forma crítica e engraçada os problemas da capital e do Estado do RS.

O grande Rodeio Coringa, com uma hora de duração era apresentado somente às 20h dos domingos, com músicas gauchescas e trovas por Luiz Menezes e Darci Fagundes.

16. Compraste cenoura, tomates e gibis no seu Montele?

Pesquisando sobre seu Montele e como era o seu pré-nome veio a informação de Maria Tereza Moreira Caldeira, natural de Canguçu e a muitos anos Residente em Pelotas o seguinte: ela, na infância, conviveu com as filhas dele. Seu nome: José Montele e conhecido como Juca. Ele trazia de Pelotas para vender aqui: cenouras, maças, tomates, banana, balas de goma entre outras e, vendia, também os exemplares das Revistas “O Cruzeiro” e o “Embaixador do Samba” que era encomendada pelos foliões na época do Carnaval e, semanalmente, os fascículos dos colecionadores das revistas “Bom apetite”, “Nossos Filhos” e “Conhecer”. Mais adiante veio Edemar Montele que talvez fosse irmão ou primo do anterior. Este, por algum tempo morou numa peça, nos fundos do Cine Teatro Glória e trazia os filmes para as sessões de cinema. Observação: Ainda, buscaremos dados mais convincentes sobre esta personagem.

17. Usaste lança-perfume nos bailes de Carnaval e confete e serpentina compradas do Seu Carmelo?

A família de Carmelo Carpolingua residia na General Osório onde hoje, ao lado das Lojas Pompéia tem um sobrado. Ele, na época do Carnaval, trazia de Pelotas os frascos de lança-perfume que eram fabricados de vidro e de metal com tamanhos pequeno e grande. O frasco quando acionado jorrava um líquido perfumado, geladinho a base de éter. Era pra refrescar os foliões e quando usado indevidamente, em excesso acontecia de deixar a pessoa tonta e muitas vezes a perda dos sentidos. Logo foi proibido e retirado de comercialização.

As crianças, jovens, adultos e grupos de Blocos camavalescos adquiriram rolos e rolos de serpentinas coloridas que eram jogadas sobre a Rainha e sua corte, na entrada dos grandes blocos, no desfile de rua e, usados na decoração dos clubes Harmonia e América.

Os sacos de confetes coloridos era a alegria da criançada nas tardes da "brincadeira infantil" quando recebiam no salão a Duquesinha, Duque e sua corte.

18. Consultaste com o Dr. Cirilo ou com o Dr. Victor Bacchieri? Tomaste injeção com o Pedro Placa? Benzeste verruga com o seu Zezeco?

Os médicos Dr. Victor Bacchieri e Dr. Cirilo da Silveira Filho bastante conhecidos no interior e cidade, clinicaram por longo período. Dr. Victor, natural de Pinheiro Machado nasceu em 22 de julho de 1907. Como médico, atuou em Canguçu de 1942 a 1947 retornando a Pinheiro Machado para assumir a Prefeitura. Em 1950, volta para Canguçu e, além da medicina se dedica a política. Por duas vezes foi candidato a Prefeitura, não se elegendo. Ocupou o cargo de Presidente do Esporte Clube Cruzeiro e outras entidades, membro atuante na Secretaria da Saúde e Chefe do Serviço Municipal da Saúde e Diretor Técnico do hospital de Caridade Cel. Júlio Silveira. Médico humanitário atendia sem distinção, ricos e pobres, brancos e negros. Chamado em casos de urgência, se deslocava para socorrer e não titubeava em viajar de carroça, a cavalo ou carreta. Recebeu merecidamente o Título de Cidadão Canguçuense, na Câmara de |Vereadores em 26 de março de 1970. Na década de 80 morava em são Lourenço do Sul, onde faleceu.

O Dr. Cirilo Pires veio para Canguçu nomeado como médico Chefe do Posto de Saúde. O Prédio do Posto, nesta ocasião, era onde hoje, tem uma farmácia, bem na esquina da Praça – ruas Osório com Coronel Genes Bento. Pedro dos Santos conhecido como Pedro Placa, foi enfermeiro no Posto de Saúde mas, em casos de urgência e fora de seu horário de expediente atendia em sua casa. Hoje é a Loja Estilosa. Em Pelotas, sua esposa Olga foi famosa na confecção de fantasias.

Senhor Angélico Pereira "Seu Zezeco" benzia verrugas com sucesso. Seu Angélico é avô paterno do médico pediatra Airton Pereira.

19. Lembras das revistas "O Embaixador do Samba Cruzeiro e Manchete"?

O "Embaixador do samba" era uma revistinha produzida anualmente com as letras das marchinhas de carnaval.

As revistas, "Cruzeiro" e "Manchete", produzidas mensalmente eram distribuídas em todo país.

20. Andaste de táxi com o João Polaco? Foste em excursão para a praia com o Doly Reyes?

João Polaco foi talvez, um dos mais antigos taxistas de canguçu. Possuía um carro Ford modelo A.

Doly Reyes, tinha sua residência e comércio de peças para bicicleta na rua General Osório (hoje é a Lancheria Gaúcha) organizava excursões para as praias do Laranjal, Camaquã e Cassino pois possuía uma caminhonete grande com capacidade para várias pessoas.

21. Desfilaste no Centenário de Canguçu? Recebeste serenata na voz do Domírio, Paulo Peixe e Valdeci Ávila? Ou com a eletrola do Beto Bacchieri?

No centenário de Canguçu, festivamente comemorado em novembro de 1957 os alunos das Escolas desfilaram e o aluno do Ginásio Aparecida, Amilton Valente da Silveira desfilou a cavalo, devidamente pilchado carregando a bandeira do rio Grande do sul.

Era costume as famílias e/ou as jovens receberem serenatas durante a madrugada, principalmente em noites claras de lua cheia. Os principais seresteiros eram Domírio de Ávila Camargo, Paulo Soares de Paiva conhecido como Paulo Peixe e Valdeci Ávila (falecido).

O jovem Beto Bacchieri ou Carlos Alberto Duarte Bacchieri, filho de Dr. Victor e Islair Bacchieri tinha uma eletrola portátil, fácil de ser manuseada e transportada, funcionava a pilha, era colocada na janela com o disco de vinil com a música e cantor, de preferência românticas. Quando a música acabava o seresteiro ou o grupo de seresteiros oferecia, em voz alta, a quem dedicava a serenata. Se fosse especial para uma moça, esta, sem abrir a janela, tinha que agradecer. Às vezes, os músicos cantavam para a família então, era costume, o dono da casa abrir as portas e oferecer bebida ao grupo.

22. Tomaste banho de bacia ou com chuveiro de encher pela boca com sabonete Life Boy, Vale quanto Pesa ou Gessy-Lever?

Na década de 50ª cidade não tinha água encanada. As residências que possuíam poços artesianos também buscavam água nas Cacimbas do Ouro e da Prata localizadas no centro da cidade. Estas Cacimbas de águas cristalinas e puras abasteciam toda população. Em casa os banheiros tinham chuveiro de lata ou balde. A água era aquecida nos fogões a lenha. Os filhos menores, tomavam banho em um "bacião" de alumínio. As marcas de sabonete mais usadas eram o Life Boy, Vale quanto Pesa e o Gessy-Lever. Quando não tinha sabonete, o banho era com sabão usado pra lavar as roupas.

23. Lembras das primeiras apresentações da Jovem-Guarda: Erasmo, Roberto Carlos, Vanderléia, Cidinha... todos lindos e maravilhosos? E dos Festivais do Colégio Aparecida?

Este grupo da Jovem Guarda "mexeu" com a juventude de nossa cidade que vinha de uma geração apreciadora de música romântica adequada para ser ouvida, cantada e partilhada na dança com o namorado, noivo ou marido.

Na década de 50 e 60, o Colégio Aparecida, na época Ginásio Nossa senhora Aparecida organizava festivais no Cine Glória ou no Salão da escola, com apresentações artísticas como: peças teatrais, mágica, dança, apresentação de cantores (calouros), com ingressos vendidos. Além disso, haviam torneios culturais entre os alunos (os melhores) de cada turma.Os conteúdos eram de história, geografia, literatura. Todos acompanhados por platéia que era formados pelos alunos da escola e familiares. Outras vezes os torneios eram apresentados nas emissoras locais para toda comunidade.

24. Acreditaste em Papai-Noel, Coelhinho da Páscoa, que "bater na mãe secava a mão" e "quem caminhava para trás a mãe morria", que "as crianças eram trazidas pela cegonha" e, que se engravidava de sentar no vaso sanitário?

Quem nasceu na década de 40 e criada no interior até os nove anos de idade acreditava sim, em Papai-Noel, Coelhinho da Páscoa e Cegonha. Algumas crendices oriundas da ignorância diziam que as crianças temiam que a mãe morresse se: caminhasse para trás, usasse sombrinha aberta dentro de casa. Estórias de cegonha e se batesse na mão –secava a mão.

25. Beijaste na boca após muitos meses de namoro e ainda assim tiveste complexo de culpa? Lembras dos "chás de pêra"?

As freiras orientavam os alunos como se comportar durante o namoro: então beijar na boca, era considerado pecado grave.

Os "chá-de-pêra" era quando uma pessoa acompanhava o par de namorados.

26. Usaste cinta-liga, soutien com esponja (corpinho), cinta Serena, toalhinha quando estavas menstruada, calcinhas feitas em casa de opalina com florzinhas, anáguas e saias de baixo?

As mulheres e as "meninas-moça" usavam. A cinta liga era uma cinta com elásticos para prender as meias de nylon ou ban-lon, antes da vianda da meia-calça.

A cinta Serena servia para prender o absorvente.

A toalhinha higiênica era usada pelas mulheres antes de surgir o absorvente, durante o período menstrual.

Opalina era um tecido com estampas miúdas de várias cores, usada para confeccionar roupas íntimas como: calcinha, camisolas, etc, que eram feitas em casa. Não havia no comércio para vender. Anágua era o nome dado a saia que se usava sob o vestido, era pela cintura, saia e baixo era inteira com calcinhas, usava-se também sob o vestido.

27. Fizeste enxoval desde os 12 anos com direito a monograma bordado nos lençóis e toalhas?

Muitas jovens incentivadas pelas mães, bem cedo iniciavam o enxoval que era guardado em antigos malões ou baús. Quando contratavam casamento já bordavam os lençóis a mãos ou a máquina com o monograma do futuro casal.

28. Assistisse aos filmes: O Rei dos Reis, Bem-Hur, Cleópatra, Os 10 Mandamentos e outros, batendo com os pés pra torcer pelos mocinhos? Ficaste emocionada com o filme "Um Candelabro Italiano" e outros românticos? Namoraste no escurinho do cinema?

Estes filmes: O Rei dos Reis, Bem-Hur, Cleópatra, Os 10 Mandamentos e Candelabro Italiano foram de grande sucesso internacional nas décadas de 60 e 70. O Cine Glória lotava que às vezes eram realizada duas sessões. Neta época, os namorados respeitavam os pais e as regras sociais.

29. Tiveste medo da Elvira e da Idelvira Louca? Assistisse alguma apresentação do Babá e do seu Aci (ventríloco)?

Estas figuras Elvira e Idelvira eram irmãs e moravam numa casinha situada na Avenida Exército Nacional, esquina com a Silva Tavares. As crianças temiam quando elas apareciam pois tinham um aspecto assustador. A Edelvira tinha cabelo crespo, volumoso, indomável e era agressiva.

Babá era retardado, conhecido e estimando por toda comunidade.

Seu Aci pertencia ao elenco de um Circo que por vezes se apresentava em Canguçu. Ele era ventríloco com seu boneco um negrinho chamado de Picolé e, também com a boneca Margarida.

30. Torceste pelo Cruzeiro em torcidas organizadas em cima do Cerro da Liberdade?

Na cidade havia as torcidas organizadas para os times de suas preferências: Cruzeiro, América e a Coxilha dos Campos, a do Itararé. Quando tinha jogo entre eles, as rivalidades eram ferrenhas, principalmente, com Cruzeiro e América. As famílias participavam. Eram tardes festivas. Os torcedores que não queriam pagar o ingresso subiam para o Cerro da Liberdade e de lá, assistiam os jogos.

31. Tomaste banho de piscina onde é a AABB?

Na década de 60, a Prefeitura Municipal construiu imensa piscina de cimento localizada onde hoje é a AABB (Associação Atlética Banco do Brasil). A piscina foi cedida para o Clube Harmonia para uso dos seus associados. A água vinha de uma queda natural do Cerro. A construção da BR 392 destruiu toda a riqueza natural deste local.

32. Participaste do Grêmio Estudantil da Escola? Fizeste retiros e apresentações de teatro com a Irmã Nemésia? Tiveste medo da Irmã Corália?

Na época, o Grêmio estudantil era bem organizado e atuante. As freiras organizavam retiros espirituais para os alunos.

Irmã Corália e Irmã Nemésia apreciavam festivais e incentivados por elas os alunos montavam peças teatrais e de dança para angariar recursos financeiros para o Colégio.

A Irmã Corália impunha medo e respeito por ser muito braba. Em suas aulas de Português e Matemática ninguém ousava falar. Ela esteve em Canguçu da década de 50 até 1961. A Irmã Nemésia era extrovertida gostava de realizar passeios com as turmas.

33. Lembras quando a luz apagava às 10h e só ficava acesa durante a noite por motivo de baile ou velório?

Antes da instalação de energia elétrica pela CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica), a luz era produzida por motores da Prefeitura e só era ligada à noite até a meia-noite permanecia acesa durante toda a noite somente em casos de baile no Clube Harmonia ou para algum velório.

34. Foste ao dentista Dr. Monfrin, Wolff ou Dr. Patzer que atendiam com motor de pé?

Dr. Monfrin – Nicanor Monfrin
Drª Wolff – Edi Wolff (dentista – mulher)
Dr. Patzer – Jorge Patzer

Foram dentistas que atenderam a população de Canguçu nas décadas de 50,60 e 70 com os equipamentos com motores tocados por um pedal (não eram elétricos) não havia energia elétrica durante o dia.

35. Foste Filha de Maria, usaste véu para comungar e assististe Missa em Latim?

Filha de Maria – era uma congregação que as meninas e moças pertenciam, na década de 60, organizada pela Irmã Nemésia. Nas missas, usava-se uma fita azul, no pescoço. As filhas de Maria assumiam o compromisso de se comportar de acordo com as normas da congregação, que era bem rígida.

Era obrigatório o uso de véu na cabeça durante a Missa e, caso esquecesse de levá-lo não poderia comungar com a cabeça descoberta.

Os véus eram de renda branca para as moças e meninos e, preto para as senhoras e viúvas.

Antes do Concílio Vaticano II as Missas eram rezadas em latim e o sacerdote ficava de costas para a assembléia porque era usado o altar-mór das igrejas. Após o Concílio, as Missas passaram a ser rezadas em português e os altares colocados de frente ficando o sacerdote mais próximo dos fiéis.

OBS: Com as questões 36 e 37, Lúcia e Luiza revelaram o sentido do questionário como uma brincadeira para as colegas.

36. Já acordaste de madrugada sentindo um calorão danado, tens problemas com tendinite e outros itens mais? Aumentaste de peso nos últimos 10 anos? Não suportas ambientes fechados?

O Famoso “calorão” que surge mais pela madrugada é sintoma certo da MENOPAUSA. Tendinite, artrite, bursite etc... já são considerados problemas da idade mais avançada.

Principalmente as mulheres têm mais facilidade de aumentar o peso e mais dificuldades para perdê-los. Faz parte da natureza.

37. Costumas esquecer nomes, trocar os nomes dos filhos, esquecer as chaves, guardar coisas em lugares trocados, esquecer onde estacionaste o carro e outras patetices mais?

Todos estes esquecimentos são comuns à medida que a idade avança.

Interpretação

Contaste as respostas positivas? Se o número de SIM ultrapassou a 20, estás com problemas de DNA. Sabes o que significa? Data de Nascimento Avançada.

Fonte: arquivo pessoal de Maria da Graça Valente da Silveira (maio 2012).

Anexo 15 – Questionário para as Alunas Normalistas

Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha Filosofia e História da Educação
Mestranda: Patrícia Silveira Zaneti
Orientador: Eduardo Arriada
Pesquisa: A Escola Normal em Canguçu [1965-1970]

1. Qual a importância desta primeira turma para a educação em Canguçu e região?

2. Que significou/significa ser aluna da primeira turma do curso normal em Canguçu

3. Que atividades foram marcantes durante o curso normal?

4. Como era a interação com a comunidade canguçuense, que atividades foram realizadas?

5. Quais fatos marcaram a realização, apresentação da pesquisa realizada sobre o município de Canguçu?

Anexo 16 – Questionário para as Professoras das Normalistas

Faculdade de Educação- Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha Filosofia e História da Educação
Mestranda: Patrícia Silveira Zaneti
Orientador: Eduardo Arriada
Pesquisa: A Escola Normal em Canguçu [1965-1970]
I° semestre/2012

1. Qual a importância desta primeira turma para a educação em Canguçu e região?

2. Que significou/significa ser professora da primeira turma do curso normal em Canguçu?

3. Que atividades foram marcantes durante o curso normal?

4. Como era a interação com a comunidade canguçuense, que atividades foram realizadas?

5. Quais fatos marcaram a realização, apresentação da pesquisa realizada sobre o município de Canguçu?

Anexo 17 – Termos de Cessão de Entrevistas

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Maria Helena Campos da Silveira, portador(a) da carteira de identidade nº. 3014645169, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Dissertação de Mestrado de Patrícia Silveira Zaneti da Universidade Federal de Pelotas A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: ITINERÁRIO DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDAS. (1965-1970), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Canguçu, 30 de janeiro de 2013

Maria Helena C. da Silveira

Assinatura

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Laedi Bachini Rosenbecker, portador(a) da carteira de identidade nº. 7002555204, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Dissertação de Mestrado de Patrícia Silveira Zaneti da Universidade Federal de Pelotas A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: ITINERÁRIO DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDAS. (1965-1970), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Canguçu, 30 de janeiro de 2013

Laedi Bachini Rosenbecker

Assinatura

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Maria da Graça Valente da Silveira, portador(a) da carteira de identidade nº. 5030321813, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Dissertação de Mestrado de Patrícia Silveira Zaneti da Universidade Federal de Pelotas A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: ITINERÁRIO DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDAS. (1965-1970), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Canguçu, 30 de janeiro de 2013

Assinatura

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Lúcia Maria Moreira Coelho, portador(a) da carteira de identidade nº. 1014193856, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Dissertação de Mestrado de Patrícia Silveira Zaneti da Universidade Federal de Pelotas A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: ITINERÁRIO DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDAS. (1965-1970), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Canguçu, 31 de janeiro de 2013

Lúcia Maria Moreira Coelho

Assinatura

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Luiza Helena Moreira da Silveira, portador(a) da carteira de identidade nº. 9014193891, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Dissertação de Mestrado de Patrícia Silveira Zaneti da Universidade Federal de Pelotas A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: ITINERÁRIO DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDAS. (1965-1970), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Canguçu, 4 de janeiro de 2013

Luiza Helena M da Silveira

Assinatura

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Beatriz Joana Zanetti da Rosa, portador(a) da carteira de identidade nº. 1032239673, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Dissertação de Mestrado de Patrícia Silveira Zaneti da Universidade Federal de Pelotas A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: ITINERÁRIO DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDAS. (1965-1970), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Canguçu, 31 de janeiro de 2013

Beatriz

Assinatura

Termo de Cessão de Entrevista

Eu, Enony Prestes dos Santos, portador(a) da carteira de identidade nº. 2003623002, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada para leitura e inclusão no trabalho de Dissertação de Mestrado de Patrícia Silveira Zaneti da Universidade Federal de Pelotas A ESCOLA NORMAL EM CANGUÇU: ITINERÁRIO DA PRIMEIRA TURMA DE FORMANDAS. (1965-1970), podendo ser utilizada integralmente, sem restrições de prazos, citações e meios de divulgação, desde a presente data. Abdico assim dos meus direitos sobre a entrevista, abdicação que alcança também meus descendentes.

Canguçu, 04 de fevereiro de 2013

Enony Prestes dos Santos

Assinatura